J. SIMÕES DIAS

PENINSULARES

COLLECÇÃO DE OBRAS POETICAS

QUINTA EDIÇÃO

COM UM ESTUDO CRITICO-BIOGRAPHICO

PELO

Visconde de Sanches de Frias

LISBOA

LIVRARIA EDITORA TAVARES CARDOSO & IRMÃO

5 — LARGO DE CAMÕES — 6

1899

PENINSULARES

Obras completas de J. SIMÕES DIAS

Peninsulares, collecção de obras poeticas — *elegias, canções, odes* e *poemas* — 5.ª edição . . . . 1 vol.

Compendio de historia patria, para as escolas primarias, edição esgotada . . . . 1 vol.

Theoria da composição litteraria, approvada pelo governo para uso da instrucção secundaria, 8.ª ed. 1 vol.

Historia da litteratura portuguêsa, approvada pelo governo para uso da instrucção secundaria, 9.ª ed. 1 vol.

Noções da litteratura, approvada pelo governo para uso das escolas normaes . . . . 1 vol.

A Hespanha moderna, exame do movimento litterario e artistico do povo hespanhol na actualidade 1 vol.

A escola primaria em Portugal . . . . 1 vol.

A instrucção secundaria em Portugal, 2.ª ed. . . . 1 vol.

A pedagogia official, 2.ª ed. . . . . 1 vol.

Curso de philosophia elementar, de Balmes (trad.) . 1 vol.

Historia da philosophia, de Balmes (trad.) . . . . 1 vol.

A flor do pantano, de Carlos Rubio (trad.). . . . 1 vol.

Contos e novellas, collecção completa de contos, narrativas e romances, 3.ª edição no prelo. . . . 1 vol.

Os escriptores contemporaneos, em preparação. . 1 vol.

Os grandes educadores, em preparação . . . . . 1 vol.

J. SIMÕES DIAS

PENINSULARES

COLLECÇÃO DE OBRAS POETICAS

QUINTA EDIÇÃO

COM UM ESTUDO CRITICO-BIOGRAPHICO

PELO

Visconde de Sanches de Frias

LISBOA
LIVRARIA EDITORA TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5 — LARGO DE CAMÕES — 6

1899

ELEGIAS

I

Musa dolorosa

Abre-me o céu esplendido, estrellado,
O céu das criancinhas quando á noite
Se põem contando os astros. Não te peço
A razão da existencia d'esses lumes
Que dardejam na abobada azulada,
Nem te pergunto d'onde vem os mundos
Que tremulos se agitam pelo espaço,
Como seios de virgem palpitantes!
Não me apontes a dedo essa escritura,
Que eu nella não sei ler. O olhar do sabio,
A grave sciencia que aprofunde as causas
Secretas d'essa lei que os astros rege
E em perpetuo equilibrio os traz suspensos.
Por minha parte, ó musa dolorosa,
Quero do sol os beijos purpurinos,
Da lua melancholica os sorrisos,
Dos astros o fulgor por noites bellas,
Mas taes quaes os senti na ingenua infancia!

*

Oraculo d'amor, só tu me ensinas
A soletrar do amor os sacros textos!
Aberto sobre a rocha de granito
Na secular montanha das edades,
Só tu me volves d'esse livro as paginas
Em que se conta em letras côr de sangue
A historia triste de quem ama e soffre!
Toda a gente que passa, ao ve-lo, inclina-se,
E quando eu vou tambem e os joelhos dobro
Ante esse texto que me atrái e assombra,
Todo o meu ser se evola em doces extasis,
Como se fôra em ascenção divina
Arrebatado ao céu! Da gôta rubra
Do sangue do Calvario sobre a rocha
Escorre a fé e o amor! A caridade
Sorri na cruz a distender os braços,
E a meiga esp'rança, reluzindo no alto,
Brilha formosa como á tarde um iris!
Então, então, ó musa, é que eu descanto
Ao som da lyra o amor aos que o sentiram,
Tal qual o senti já, quando era môço!

Nas horas silenciosas do mysterio,
Quando as ondas no mar dormem tranquillas,
As aves no seu ninho, e os altos cedros
Nem siquer sentem o ciciar da aragem,
Lanço-me então a fantaziar ondinas,
Visões aerias, sonhos deliciosos,
Sombras a que me abrace e que me levem
Por esses céus em fóra a ver se encontro
A flor de luz, o amor! Ó sonhos lindos,

Com que me illude por industria tua
A louca fantazia, oh! quem me déra
Sonhar assim comvosco, eternamente!

Triste musa amorosa, se é verdade
Que o marmore gelado tambem sente
O beijo de uma aurora, eu sou o marmore
Que estremece de gôzo ao teu contato!
Visão celeste que meus passos guias
Por este escuro valle inextrincavel,
Pois que vives no céu, a Deus implora
Que me não leve as illusões antigas!
Dize á briza que passe e que não dobre
A pagina sagrada onde suspiram,
Como atitos de amor, gorgeios intimos
Feitos de riso e lagrimas em fio!
Se em tanta dor um doce engano é balsamo,
Oh! não me leves a illusão querida!

Só tu no mundo, triste musa, sabes
Quanto hei soffrido e se inda agora creio
Em Deus, no amor, em ti! Mas quando eu morra,
Ha de acabar comigo o sonho d'oiro
D'essa formosa crença? Ó musa, esconde-me
D'esse fantasma que põe medo — a dúvida!
Pois o aroma de um lirio que fenece
Não sobe para o céu como na encosta
O fumo do casal? Pois uma lagrima
Não ha de ser pesada na balança
Da justiça de Deus? Deus não existe?

Oh! não me leves esta crença bella,
Nem estes sonhos que sonhei no berço;
E quando a contas for emfim chamado,
Que eu durma em paz meu derradeiro somno!

Ha de morrer o sol, finar-se a lua,
O vento emudecer, secar o oceano,
Sumir-se o globo e evaporar-se a vida,
E tu, archanjo, realidade ou sonho,
Meu ser transportarás a novos mundos,
Roubando assim minha existencia ao nada!
Mas *o nada* o que é? Quem me levanta
O veu da sepultura e o apocalypse
Expõe da eternidade aos quatro ventos?
Quem me diz se esta luz que me alumia,
Como um frôxo clarão de exhausta lampada,
Já noutros olhos foi brilhante chamma?
Mas quando um sôpro a leve na aza negra,
Quem me diz aonde irá no vôo rapido?...
Musa do amor, perdôa, mas a dúvida
Meus sonhos d'oiro vem turvar! Acode-me!

Ás vezes quando o sol se estira em braza
Por esse espaço solitario, immenso,
Num circulo de fogo, ó casta musa,
Como beber quiséra a longos sôrvos
Um raio d'esses que me lança a prumo
E sequioso morrer em pó desfeito!
Oh! se tal fosse, archanjo que me escutas
Lá d'esses mundos onde o amor suspira,

Talvez que o vendaval que ás sôltas corre,
Meu pó erguesse ás nuvens e na altura
Me fosse dado contemplar aquella
Patria formosa que me está sorrindo!
Mas esse dia, suspirado ha tanto,
Em vão o espera meu ardente anseio!

Musa do amor e da tristeza, ó nume
Que tão propicio a rogos tens ouvido
O fremito das preces que murmuro;
Ó musa, a quem meus carmes vão subindo
Como suspiros de amoroso enleio,
Baixa teus olhos e piedosa attende
Aos cantos que são teus, pois nelles vives!
Vem descançar teu seio noutro seio,
Ó dôce irmã que tantas, tantas vezes
Do céu tens vindo á terra a dar-me alentos
Para aspirar ao céu onde a paz mora.
Tu só, pelo silencio d'alta noite,
Tens recolhido meu saudoso pranto
No teu regaço mystico e sagrado!
E pois que vês agora quem na terra
Mal pode supportar o peso enorme
Da ensanguentada cruz, de novo ampara-me!
A tua imagem de manhã me acorde,
De noite os olhos meus venha cerrar-me!
E quando a fronte exhausta desfaleça
Ao termo da jornada e ao chão se incline,
Musa do amor, ó musa dolorosa,
Levanta-me do pó nas azas candidas,
E leva-me comtigo ao sonho eterno!

II

Aos pés da Deusa

Senhora dos meus cuidados,
Dos meus cuidados senhora,
Porque não dás que passados
Sejam meus males agora
De ha tanto principiados?

Meu coração não repousa
Desde a hora em que te vi!
Se eu olho e não vejo cousa
Que possa egualar-se a ti,
Por não dizer mais formosa!

Se os negros olhos elevas,
Vejo em mim um céu aberto;
Se os fechas, fecham-se as trevas
No caminho agreste e incerto
Por onde ás cegas me levas!

Descreio? Perdôa a affronta;
Descrer de ti é peccado;
Mas o peccado que monta,
Se eu bem o tenho espiado
Soffrendo dores sem conta!

Nem tu mesma as avalias!
Só se abrisses o meu peito
É que á justa apreciarias
Os estragos que tem feito
O olhar que a furto me envias!

E comtudo os meus cuidados,
Que renascem hora a hora
Cada vez mais augmentados,
Só tu podias, senhora,
Dá-los já por acabados!

Podias sim, mas não queres,
Por mais que te peço e rogo!
Vês o incendio, mas preferes
Deitar mais lenha no fogo!
Vaidosas que sois, mulheres!

Pois se a morte me estás dando,
Quando em ti a vida existe,
Porque me deixas penando?
Bem sabes tu, se ando triste,
A dor que me vae matando!

Trago a cabeça esvaída,
O peito aberto de dores,
Sem que tu saibas, querida,
Que me envenenam as flores
De que me cercas a vida!

Quando rara vez inclino
Meu rosto febril, ardente,
No teu seio alabastrino,
Doirado suavemente
Pelo teu olhar divino,

Ai! meu lindo amor perfeito,
A lingua humana mal sabe
Dizer num som contrafeito
O que em palavras não cabe,
Porque não cabe no peito!

Posto o pensamento em Deus,
Olhos fitos nas estrellas
Que brilham nos olhos teus,
Deixo-me ir suspenso d'ellas
Por esses ares e céus!

E assim subindo, subindo,
A essas regiões celestes,
Como quem vai immergindo
Num sonho de luz, e prestes
Acorda num céu mais lindo,

Todo trémulo, sem falla,
Entre gôzos de esperança,
Sobre um seio d'oiro e opala
Desmaio como a criança
Nos braços da mãe que o embala!

Mas acórdo! a realidade,
Como um sinistro lampejo,
Deslumbra a felicidade
Que eu entrevi num desejo
E amortalhei na saudade!

Mas porque os sonhos passados
Hei de lembra-los agora
Para augmentar os cuidados
Que tu não queres, senhora,
Dar emfim por acabados?

Ver-te eu, botão pequenino
De uma rosa perfumada,
De roldão, no torvelino,
Como quem vae de longada
Pelo mundo, sem destino...

Faz pena! E tu bem podias
De qualquer modo, senhora,
Converter em alegrias
Tantas tristezas, agora
Minhas fieis companhias! .

Nada mais facil ; quisesses
Tu que és senhora de mim,
Ouvir-me as trémulas preces
E despacha-las por fim
Numa palavra que désses ;

Verias como eu ficava
Rendido escravo a teus pés,
E as tuas mãos apertava,
Beijando-as como talvez
Nenhumas outras beijava !

Mas porque os negros cuidados
Que passo por ti, senhora,
E que eu desejo acabados,
Hei de avivá-los agora
Para os ver accrescentados ?

Vae teu caminho ; que importa
Mais na vida um desgraçado ?
Suspiram á tua porta
Muito sonho estrangulado,
Muita illusão semimorta !

Bem sei eu que atraz não olha
Quem atraz de outros amores
Desdenha a mão que desfolha
No seu caminho estas flores,
Uma a uma, folha a folha ;

Mas quando vier o cançaço,
Que o prazer tambem se esgota,
Quando o coração já lasso
Verter a ultima gôta
De pranto no teu regaço,

Se uma providencia existe,
Has de lembrar-te nessa hora
Dos tempos em que me viste
Em volta de ti, senhora,
Sempre, sempre, sempre triste !

III

Definição do amor

Amor! quem nelle espera
Que errado que não vae!
O amor é como a cera,
Derrete-se num ai!

É luz que, mal se fórma,
Afflue ao coração,
Mas logo se transforma
Em lavas de vulcão!

É um d'esses venenos
Que actuam de tal modo,
Que num minuto ou menos
O corpo correm todo!

E assim quem nelle espera,
Que errado que não vae!
Visão, sonho, chimera,
Evola-se num ai!

IV

Anjo cahido

O mais esquivo a amar no amor tropeça,
Que nelle tarde ou cedo cair vae;
E quem do amor fugindo mais se apressa,
Mais depressa do amor na rede cae!

Quem lhe provou os perfidos carinhos,
Ha de soffrer-lhe os tristes desenganos,
Que não ha rosa que não tenha espinhos,
Ventura estreme de traições e damnos!

Se não, fallem as lagrimas que vejo
Irem teus olhos pouco a pouco enchendo,
Quando, alta noite, o enamorado harpejo
Do bandolim que passa, vae gemendo!

VI

Adeus

É forçoso partir e só Deus sabe
Quanta amargura em tão cruel momento!
Nem se imagina como em peito cabe
Com tanto amor tamanho soffrimento!

Hei de contá-lo aos céus da alheia terra,
Hei de dizê-lo á lua quando passe
No viso melancolico da serra,
Ansiosa por beijar-te a nivea face!

E quando á noite o céu todo estrellado
No azul estenda o luminoso manto,
Hei de lembrar-me de outro céu doirado,
O céu do teu olhar cheio de encanto!

*

Depois no rasto que deixar no espaço
Cada estrella cadente, em noite calma,
Hei de mandar-te num estreito abraço
As saudades sem fim que me vão nalma!

Quando eu andar mais triste irei sentar-me
No cume do alto serro ao fim do dia,
Só para ver se á força de enganar-me
Posso enganar a propria fantazia!

Mas que triste consôlo! Adeus, comigo
Vae combatendo a sorte que me cabe!
As saudades que levo não tas digo;
Penas que nalma vão, só Deus as sabe!

Cahiste como a incauta mariposa
Na chamma, sem saber porque motivo,
Ou como desfolhada cae a rosa
Na corrente do arroio fugitivo!

O amor vence a razão, vence a vontade!
Conheço d'esse monstro o alto poder;
Mas que sincera pena e que piedade,
Quando te fixo bem... linda mulher!

V

Sol entre nuvens

Se inda te apraz ouvir fallar de um morto
Que em vida foi do amor favorecido,
Verás nos versos meus o desconfôrto
De um animo á desgraça emfim rendido!

Barco sem leme, sem farol, sem pôrto,
De mil contrarias ondas combatido,
Tal me tem sido a vida que hei vivido
No escuro isolamento do meu horto!

Hoje que morto estou para a alegria
Que nesse teu sereno e brando olhar
Em tempos mais ditosos me sorria,

Inda uma crença faz meu peito arfar:
É suppôr que os teus olhos algum dia
Sobre estes versos meus hão de chorar!

VIII

Sempre esquiva

Nunca viste no escuro da noite
Reluzir através da procella
Meiga luz de uma timida estrella,
Sosinha ?

Se tu és para mim essa estrella
Que me guia nas trevas da vida,
Porque é que não has de, querida,
Ser minha ?

Se a lyra d'oiro Apollo me emprestasse,
Que bello poema em teu louvor faria !
O meu no teu espirito fundido
Num só suspiro aos astros voaria !

Natercia e Beatriz, desvanecidas
Da fama antiga de inclitos cantores,
Corariam de inveja ouvindo a historia
Dos meus e teus olympicos amores!

Amor assim ardente e sublimado
Quem, se não eu, na terra o cantaria?
Os nossos nomes, um ao outro unidos,
De bôca em bôca a fama os levaria!

As nove musas do heliconio serro
Viriam monte abaixo de tropel
Ouvir o canto da apollinea lyra,
Saudar em côro o novo menestrel!

Mas ai de mim! a doida fantazia
Com que loucas ideias me entretinha!
De que me serviria o pletro d'oiro,
Se tu não és, nem nunca serás minha!

VII

Senhora de pedra

Tu és de pedra, senhora,
Já não ha que duvidar ;
Formosa sim como a aurora,
Mas fria como o luar !

Trago os meus labios feridos
De te beijar, frio pó,
Em ti postos meus sentidos,
Sem que em mim ponhas um só !

Por mais lagrimas que verta,
Não ha pranto não ha nada
Que em branda cêra converta
A pedra de que és formada!

Se tu és a rocha dura
Que nem o pranto humedece!
Ai! como a nossa ventura
Tão breve desapparece!

Sempre cuidei que algum dia
Dos meus labios o calor
Animasse a pedra fria
De que és feita, meu amor!

Engano! Sobre uma pedra
Plantem rosas muito embora;
A do amor, essa não medra!...
Tu és de pedra, senhora!

Por ti desvelei as noites,
Encurtei por ti os dias;
Se de longe me sorrias,
Sorria o meu coração;
Tal era a fascinação
Que até quando me mentias
Teimava em dar-te razão:
Agora vou procurar-te,
Mas é em vão que procuro;
Dôce visão do futuro,
Desesperei de encontrar-te!

E dizes que não te amei!
Esquecimento infeliz!
Só eu no mundo é que sei
A paixão com que te quis!
As horas mais encantadas
Junto de ti as passava,
A discutir lindos nadas,
Quando só em ti pensava!
Doces horas bemfadadas,
Horas de amor e segredo,
Quem então imaginára
Que vos irieis tão cedo!

Formoso sonho foi esse!
Hoje que d'elle acordei
Ainda pasmo se penso
No fervor com que te amei!
Todo o meu ser estremece,

Tomado de estranho horror,
Se medito nos estragos
D'aquelle infeliz amor!

Tu que ateavas a chamma
D'esse amor tão malfadado,
Só tu sabias o estado
D'este pobre coração!
Ó minha cabeça louca,
Quem suspeitaria então
Que o meu sonho mais doirado
Mentia por tua bôca!

Tudo passou, não ha duvida,
Mas inda me apraz agora
Recordar os bellos tempos
Que mais não voltam, senhora!
Se ao pé de ti me sentava,
Qual um timido escolar,
Como quem se arreceava
De erguer para ti o olhar,
Até a voz me tremia,
Como se tivesse medo
De divulgar um segredo
Que toda a gente sabia!

E os lances por que passava
Nesses rapidos instantes,
Se o teu olhar me fitava

IX

Aos pés da cruz

Meu Jesus, quando medito
No tenebroso futuro
Do meu ser e os olhos fito
Nesse olhar tranquillo e puro;

E penso que padeceste
Na cruz, ó martyr sublime,
Por culpas que não tiveste
As penas do alheio crime;

Da tua a minha alma escrava
Sente o anseio e o desespero
D'aquella que soluçava:
«Ai ! muero porque no muero ! »

X

Recordações de um sonho

Senhora, consinto ainda
Em abrir de novo a chaga,
Recordando a hora aziaga
Em que, enlaçados nos teus,
Meus tristes olhos te deram
A chorar o ultimo adeus!

Que nunca te amei! — disseste,
Percorrendo vagamente
Num relance o azul celeste!
Essa ironia pungente
Trespassou meu coração,
Ferindo-o de tal maneira
Que nem já sei a razão
Do pranto que orvalha agora
Tantas illusões perdidas,
Perdidas numa só hora,
Como um sonho, sonho vão!

Maior seria o desgôsto,
O meu soffrer mais profundo,
Se alguem soubesse no mundo
Que a voluvel borboleta
Que em meu coração pousou,
Ao evolar-se, zombou
Do meu orgulho de poeta!

Se teimoso o pranto vier
De quando em quando orvalhar
As saudades que eu tiver
Dos tempos que já lá vão,
Se o não poder estancar
Nos meandros do coração,
Hei de com elle apagar
As letras d'esta escritura,
De modo que ninguem possa
Ao pé do meu encontrar
O nome de uma perjura!

XI

A hera e o olmeiro

Perpassa o vendaval com brava sanha
No cume da montanha,
E o ramo de hera que o olmeiro abraça
Arranca e despedaça!

Tu eras, meu amor, qual ramo de hera
Da minha primavera;
Eu era, linda flor, qual triste olmeiro,
O teu amor primeiro!

Mas veio sobre nós a dura sanha
Do vento da montanha,
E tu mimoso arbusto que eu amára,
Tombaste, ó sorte avara!

Com mais frieza que d'antes?
Via-te alegre? — mysterio!
Via-te triste? — que dor!
Se me sorrias — disfarce!
Se não sorrias — peor!
De forma que dia a dia
Augmentava o meu tormento,
Minguava a minha alegria!

Ai! quantas vezes me viste
Palido o rosto, tristonho,
Como que absorto num sonho
Profundo, sombrio, triste,
Como a tristeza que eu tinha!
Ai! quantas vezes não vinha
O teu meigo olhar risonho
Surprehender-me nos olhos
Uma lagrima furtiva,
Que é o balsamo dos tristes
Que trazem a alma cativa!

E tudo se foi agora
Que morri aos olhos teus!
Quando a fronte elevo aos céus
E te procuro, senhora,
Através d'esses espaços,
Mas sabes tu que inda estendo
Para ti meus frôxos braços;
E crendo ter abraçado

Essa encantadora imagem,
Abraço, sim, mas apenas
A sombra, o vacuo, a miragem!
Ó mentirosa illusão,
Através dos olhos baços
Vejo fugir-te, ficando
Em trevas meu coração!

E dizes que não te amava
Quando, ao ver-me triste e só,
Quasi de um abysmo ás bordas,
Te pedia e supplicava
Que de mim houvesses dó!
É porque estavas sonhando,
E como o sonho acabou,
Nunca mais te recordaste
Do que em sonhos se passou!

Tinha de ser; a ventura
É um prazer passageiro!
Agora um leve pedido,
E seja este o derradeiro:
Se algum dia em tua vida
Te lembrares de que vivo
Saudoso d'aquelles tempos
Em que andei por ti cativo,
Dó não te peço das penas
Que voluntario tomei;
Peço-te, sim, que não digas
Os lances por que passei!

Agora, em pó desfeita a planta linda,
Por que é que espero ainda?
Que a mesma ventania, quando passe,
Me tombe e despedace!

XII

Gemendo e chorando

Se tu soubesses como eu sinto a vida
A pulular em mim quando o teu rosto
Inclinas sobre o meu compadecida;

Ou quando ás tristes horas do sol posto,
Á força de pensar que te estou vendo,
Penso que no teu seio a face encósto;

Talvez que tudo isto emfim sabendo,
Podesses comprehender porque não posso
Occultar-te o pesar que estou soffrendo!

Hoje que eu já não sou mais que um destrôço
De arbusto que tombou, e até parece
Que nunca soube em vida o que é ser môço;

Toda a alegria em mim desapparece,
E até á noite a branca luz da lua.
Se me ponho a fitá-la, empalidece!

Riso que aos labios meus acaso afflua,
Dissolve-se no pranto da amargura
Que sem cessar nos olhos meus fluctua!

E todavia, sideral criatura,
Bem poderias tu em magua tanta
Guiar meus passos nesta selva escura!

Se as proprias feras doce amor quebranta,
Porque é que aos céus, ás regiões do empyrio,
A luz dos olhos teus me não levanta?

Oh! nunca saibas meu cruel martyrio,
Nem quantas vezes a minha alma implora
O aroma d'esse amor — formoso lirio!
Um raio d'esse olhar — formosa aurora!

XIII

A barca da vida

Vamos levados numa barca triste
Para os abysmos de um profundo mar...
E como vae ao leme a Dor ou o Riso,
Uns vão a rir, vão outros a chorar.

Leva essa barca tudo quanto existe,
Prantos de angustia e jubilos de amor;
Barca da vida, só d'aqui não levas
O fardo enorme d'esta immensa dor!

XIV.

No album de uma senhora

Neste jardim florente
Por onde se recreia a vista e a alma,
Onde floresce o amor á sombra calma
De perfumado ambiente;

Onde gorgeiam rouxinoes que dizem
O que eu não sei dizer,
Um nome, um nome só, é quanto posso
Nesta folha escrever!

É mais um rôxo lirio aqui plantado
Neste vergel por tuas mãos tratado.

Feliz se, como o lugubre epitaphio
De perdidos amores,
Recordar as venturas do passado
Em meio d'estas flores!

XV

Desenganado

Meus dias sem cessar vão deslizando
Frios, sem sol, na escura soledade,
Sem que eu possa saber como nem quando
Ha de raiar emfim a claridade!

Coitado de quem vae por selva escura,
Sem descobrir caminho nem carreiro,
Buscando, ansioso, a paz da sepultura
Que lhe receba o alento derradeiro!

Bem sei que existe o céu, bem sei que importa
Em silencio esgotar toda a cicuta...
Mas quando a fé se extingue e a esp'rança é morta,
Quem é que ao céu attende e o céu escuta?

Ha nesta vida um laço que suspende
Dois corações e os leva ao paraiso,
Laço invisivel, mas que a todos prende,
O amor, feito de lagrimas e riso!...

Mas para mim o amor foi desamor,
Que não ha mal que d'esse mal não venha!
O prazer que me deu foi sempre dor,
Nem ha peçonha que elle não contenha!

D'esse mal, felizmente, eis-me curado,
Pois bem o tenho, por meu mal, sentido!
Ter vindo ao mundo e nunca ser amado...
Melhor, quanto melhor não ter nascido!

XVI

O teu mangerico

Quando te vejo entretida
Tosquiando o mangerico,
Horas e horas me fico,
Alma em extasis perdida!

Tu sentada em teu balcão,
Em descuidada innocencia;
Eu sentindo com vehemencia
Aos pulos o coração!

A briza a dar-te de leve
Beijos mil na casta fronte;
E o sol do extremo horizonte
A lamber-te a mão de neve!

Tu sorrindo á luz amena,
E a tezoira a recortar;
Eu a segui-la no ar,
Com olhos que fazem pena!

Tu alindando á tezoira,
A copa da verde rama;
Eu a arder na viva chamma
D'esse olhar que a sobredoira!

Tu as hastilhas e as flores
A apanhar na aba da saia;
Eu posto aqui de atalaia
A fantaziar amores!

Tu a pipilar uma aria,
Sonho de vaga poesia;
Eu suspenso na harmonia
Da volata amena e vária!

E assim ansioso me fico,
Alma em extasis perdida!...
Ai! dias da minha vida,
Quem fôra o teu mangerico!

XVII

Horas tristes

Eu já não sei cantar como cantava
No alvorecer da alegre juventude;
Passou por mim uma nortada brava,
Partiu-me o vento as cordas do alaúde!

Inspirava-me então o ameno canto
A apparição gentil de um ser divino,
Que era no mundo todo o meu encanto,
Que resumia todo o meu destino!

Mas desfez-se nos ares como o vento,
Evaporou-se como o leve aroma;
E desde que se foi, negro tormento
Todo o meu estro inutiliza e doma!

Lanço-me ás vezes, ao cair do dia,
Triste a pensar nessa gentil criança,
E cuidando que bem a merecia,
Pois que tão viva a trago na lembrança,

Ajoelho na montanha a ver se a vejo
Resplandecer ainda em céu distante,
Como que ouvindo o fremito de um beijo
No perpassar da aragem do levante!

E nesse engano d'alma assim me deixo
Ficar horas e horas, vagamente,
Sentindo a vida a ir, como em desleixo
Bergantim d'oiro em múrmura corrente!

Mas este sonho não quer Deus que seja
Tão longo como a senda que eu percorro,
Que a minha sorte má não quer que eu veja,
Sombra que fosse, aquella por quem morro!

Foi brilhar noutro céu a linda estrella
Que alumiava a minha juventude!
A minha inspiração foi-se com ella;
Partiu-me o vento as cordas do alaúde!

XVIII

A felicidade

Feliz quem descuidado a vida passa
No seio da opulencia e do prazer,
Quem nunca soube quanto amarga a taça
De empeçonhado e eterno padecer.

Feliz quem tem no coração ainda
De um Deus piedoso a abençoada paz,
Feliz quem nunca viu em face linda
Perfidas rosas de um amor falaz.

Venturoso na terra é por mil modos
Quem remorso não sente arfar-lhe o seio;
Feliz quem já morreu, mas sobre todos
Feliz quem nunca á luz do mundo veio!

XIX

Brizas do norte

(A JUDITH DE MENEZES)

Brizas do norte, felizes
Mais do que eu sois vós agora,
Vós cantaes ledas no espaço,
Emquanto minha alma chora !

As vossas azas ligeiras
São livres como o desejo,
Para vós não ha distancias,
Só para mim tantas vejo !

Mensageiras invisiveis
Das queixas do mar profundo,
Vós sois o correio aerio
De quem se quer bem no mundo !

Por isso até me daes pena,
Pena de não ter a sorte
De ir comvosco pelo espaço,
Ó leves brizas do norte!

Tivesse eu as vossas azas,
Verieis como eu fazia
Nas trevas da escura noite
Arraiar um claro dia!

Que nesta noite fechada
Sobre mim, sombrio monge,
Só reluz, qual fio d'oiro,
Frôxa luz que vejo ao longe!...

És tu que sorrindo, filha,
Visão celeste e bemdita,
Volves para mim teus olhos
De uma doçura infinita!

Quando o despedir da tarde
De sombras a terra veste,
É quando tu mais me lembras,
Aurora que hontem nasceste!

Depois vem vindo as estrellas,
Mas, a mais linda que seja,
Por certo não tem o brilho
Que dos teus olhos dardeja!

E de dia ? Mal tu sabes,
Penhor da minha esperança,
Que se não passa um instante
Sem que em ti pense, criança !

Feliz aquella que á tarde,
Noite e dia, a toda a hora,
Nos seus joelhos te senta
E num extasis te adora !

Feliz aquella que pode,
Logo que a manhã desponta,
Correr ao teu berço a dar-te
Beijos mil, beijos sem conta !

Só eu não posso ir beijar-te,
Só eu não tenho essa sorte !
Por isso é que eu vos invejo,
Ó leves brizas do norte !

XX

Amor ideal

Quisesses tu um dia
Erguer-me d'este pó...
Um meigo olhar, um só,
Ao céu me elevaria!

Não era mais preciso,
Nem eu pedia mais;
O aroma dos teus ais
Dar-me-hia o paraiso!

Mas ai! cabeça tonta!
Quem se atrevera a ir
Aos labios teus pedir
Esmola de tal monta!

Eu não me atrevo, eu não;
Nem isso fica bem
A quem apenas tem
De seu um coração...

É pouco, bem no sei,
E de bem pouco vale;
Mas coração egual
Ainda o não achei!

É confissão vaidosa?
Desculpa, se te offendo,
Mas eu o que pretendo
De ti, botão de rosa?

Ver-te, andorinha leve,
As tranças negras soltas
Caindo em doidas voltas
No collo alvo de neve!

Ver-te na alta janella,
Ver esse riso brando,
A rua illuminando,
Mal que despontas nella.

Saber que tu me viste,
Que penso sempre em ti,
Que desde que te vi,
Não sei por que ando triste!

Mas que te importa agora
Saber que estranha dor,
Quando te vejo, flor,
Me assalta e me devora?

Se eu nem siquer me atrevo
A olhar-te fixamente,
Havia de, imprudente,
Dizer-te o que não devo?

Ó meu amor ideal,
Perdôa, se te offendo;
Eu só de ti pretendo
Que me não queiras mal!

XXI

Magdalena

Ainda és linda, o brilho
Que dos teus olhos vem,
É como o olhar de um filho
Que segue o olhar da mãe!

O teu palido rosto,
Que o pejo ainda inflora,
É como o sol já posto
Que faz pensar na aurora!

No prado um branco lirio
Que para o chão se inclina,
Soffrendo egual martyrio,
Retrata-te, bonina!

*

Ainda és bella, ainda,
Mas tu velas a face!
Tambem a aurora é linda
E morre mal que nasce!

Teus olhos já não fallam
De amor ao coração;
Teus ais quando se exhalam,
Só Deus sabe aonde vão!

Se gemes, assim geme
No fundo mar a vaga;
Se tremes, assim treme
A luz que o vento apaga!

Dos teus velhos amores,
D'essas paixões que é feito?
Passaram como as flores
Que murcham no teu peito!

Nas cordas da tua harpa
O som emudeceu;
O lirio da alta escarpa
Floriu, murchou, pendeu!

Mas lá rompeu a lua,
Vem suspirar comtigo!
Tu choras! vês-te nua?...
Mulher, é o teu castigo!

XXII

Lacrimæ rerum

I

Eu venho a sós comtigo, ó noite escura,
No teu seio chorar minha tristeza,
Até que se abra, emfim, a sepultura!

Dos destinos humanos na incerteza,
Cada noite que passa e cada dia
Só serve de augmentar tanta crueza!

Nem sei mesmo se ao fim d'esta agonia,
Quando á luz do Senhor se abrir meu peito,
Nelle entrará um raio de alegria!

Tal é a triste sina a que ando afeito,
Que não sei se é de vivo se é de morto
Este gelado riso contrafeito!

Quando ás vezes me lanço do meu hórto
Ao ruidoso alôr que o mundo agita,
Que enorme e incomparavel desconfôrto!

Por toda a parte o desespero, a grita
Dos naufragos da vida, e nesses ares
Nenhum farol, nenhuma luz bemdita!

Tambem eu lanço os olhos pelos mares
A ver se vejo o porto desejado
Onde acabem comigo os meus pesares!

Mas qualquer luz que eu veja em céu nublado,
Se me ponho a fixar os olhos nella,
Subitamente em trevas se ha mudado!

Como foge dos labios da donzella
Um ai que se desfaz subitamente,
Assim me foge a mim a esperança bella!

Assim foge o murmurio da corrente,
Ou em noites de horrivel tempestade
A repentina luz do raio ardente!

Coitado de quem vive na orfandade,
Os olhos rasos de agua e a sepultura
Sempre aberta a lembrar a Eternidade!

Pobre de quem não tem outra ventura,
A não ser uma lagrima que chore
No teu seio de horror, ó noite escura!

II

Por mais que eu erga as mãos e a Deus implore
Que os olhos ponha em mim e o meu flagicio
O termine de pressa ou o minore,

Nunca descança este cruel supplicio,
Um circulo de ferro que me aperta
Os espinhos sangrentos do cilicio!

E eu creio firme em Deus! Na vida incerta
Que seria de nós se elle não fôra
O nosso guia, a nossa estrada aberta!

Eu creio em Deus, que o vejo a toda a hora,
Ou comece a cair dos altos montes
A noite ou a romper a linda aurora!

Ou se lastimem a chorar as fontes
No silencio do valle ou mesmo quando
Se illuminam ao longe os horizontes!

É sempre o meu tormento miserando,
Ou acorde de noite em sobresalto,
Ou me ponha depois a Deus orando!

Quem de amparos se vê no mundo falto,
Que mais tem a fazer no triste mundo
Do que estender seus olhos para o alto?

Quando o rosto de lagrimas inundo,
Então mais creio em ti, porque me déste
O pranto de meus olhos — mar sem fundo!

Meu Deus, se dás alento á flor agreste,
E o aljofre da fresca madrugada
Lhe mandas cada dia, ó pae celeste,

Faze tambem que esta alma attribulada
Veja através das lagrimas que verto
A rutilante luz de uma alvorada!

Pois se penso que o céu anda mais perto,
E que um olhar amigo me procura,
Mais solitario vejo o meu deserto!

Pebre de quem não tem outra ventura,
A não ser uma lagrima que chore
No teu seio de horror, ó noite escura!

III

A mim de que me serve que se inflore
O prado em seu abril, se andam errantes
Meus olhos, sem achar onde os demore?

Apagou-se-me a luz que eu tinha d'antes,
A luz que no meu peito se accendia
A toda a hora, a todos os instantes!

O que é ser-se infeliz nem eu sabia,
Pois que dentro de mim um sol andava,
O sol brilhante da intima alegria!

Oh! mesquinho de mim que mal cuidava
Que houvesse de cair tão cedo a estrella
Que da altura do azul me alumiava!

Foi de Deus providente o suspende-la
No alto céu, qual lampada num templo,
E não podia Deus tambem suste-la!

Nem eu sei o que julgue se contemplo
De uma luz que se apaga, mal desponta,
O destino fatal, o estranho exemplo!...

A dôr traz-me a cabeça quasi tonta,
Por mais que faça é sempre em vão que intento
Dar dos meus males acertada conta !

Anuvia-se o olhar e o entendimento
Apaga-se de chofre, como ás vezes
Apaga a luz o impeto do vento !

Represam as ideias como as fezes
No fundo de uma taça ; até o pranto,
Companheiro fiel dos meus revezes,

Me não serve de balsamo! Entretanto
Quando sinto que a dôr me despedaça,
Ao mesmo tempo chóro, rio e canto!

Mas este riso é como a luz que passa
Em negra cerração, quando fulgura
Raio furtivo em trémula vidraça !

Pobre de quem não tem outra ventura,
A não ser uma lagrima que chore
No teu seio de horror, ó noite escura !

IV

Se alguma vez o pranto a face irrore,
A desbotada face de quem soffre,
Sem que ninguem a magua lhe minore;

Se alguma vez das lagrimas o aljofre,
Como um sôro que vem do coração,
Nos olhos rebentar a flux, de chofre,

Ninguem pergunte á muda escuridão
Por que motivo soffrem tantas almas
Que vem chorar comtigo, ó solidão!

Que o mesmo é perguntar ás verdes palmas
Porque é que o sol lhes queima a tenra folha
No estio ardente das ardentes calmas!

Ninguem o sabe! Quando o pranto molha
A tremula pupilla e ao seio afflue,
É porque já não tem aonde se acolha!

Deixae-o ir em paz; se elle reflue
Ao mar d'onde saíu, no mar se esconda,
Embora em nosso peito o mar estue!

Astros do céu não pergunteis á onda
Que dos meus olhos desce ao fundo oceano,
Os segredos da dôr que só Deus sonda!

Deixae que eu me consuma neste engano,
Embora a Deus supplique, a Deus implore
Que ponha fim a tanto desengano!

Pobre de quem não tem quem lhe minore
O amargo padecer—outra ventura,
A não ser uma lagrima que chore
No teu seio de horror, ó noite escura!

XXIII

Ou tudo ou nada

«Ou tudo ou nada» era o mote
Da nossa mutua affeição,
Mote que escreveram lagrimas
No meu, no teu coração!

Por elle arrostei perigos
Que não são para contar;
Por elle daria a vida
Se ma quisessem comprar!

A seguir-te como a sombra
Segue o sol, assim andei
Annos e annos sem vida,
Desde que a vida te dei!

As pedras da tua rua
Gastei-as só por te ver!
Gastaria os proprios olhos
A olhar para ti, mulher!

Que triste fadario aquelle!
Mas que me importava a mim,
Sabendo que tarde ou cedo
Havias de por-lhe fim?

Lembrava-me o «tudo ou nada»
Da nossa mutua affeição,
Mote que escreveram lagrimas
No meu, no teu coração!

A aragem fria da noite,
De dia o sol e o calor,
De nada d'isso me dava
Pensando em ti, meu amor!

Aquellas noites, que noites
Tão longas por ti velei!
Aquelles sonhos, que sonhos,
Tão curtos por ti sonhei!

Punha-me a chorar ás vezes
Sem conhecida razão,
Como se quisesse em prantos
Afogar o coração!

Negras nuvens no futuro
Era o que eu via tão só,
Que o presente, esse, coitado,
Via-o desfazer-se em pó!

Louco presagio — dizia —
Pois quem segura dirá
A realidade de um sonho
Onde firmeza não ha!

E voltava ao «tudo ou nada»
Da nossa mutua affeição,
Mote que escreveram lagrimas
No meu, no teu coração!

E assim zombando de sonhos,
Mais do seu presagiar,
Sem nelles crer desejava
Passar a vida a sonhar!

Deus, porem, não quis que fosse
Eterno o sonho falaz;
Foi-se-me a alegria d'alma,
E com ella a antiga paz!

Ai! negras nuvens sinistras,
Quem houvera de dizer
Que vós ereis a mortalha
De tanto amar e querer?

Ai! pobre romeiro incauto,
Que em seu caminho de luz
Não via além projectar-se
A sombra de erguida cruz!

Ai! coração mal guiado
Por um capricho infeliz,
Que sempre segues teimoso
O que a razão contradiz!

Sombra da minha ventura,
Comtigo o «tudo» passou,
Deixando-me só o «nada»,
Que esse por meu mal ficou!

E assim aquella divisa
Da nossa mutua affeição
Apagou-se para sempre
No meu, no teu coração!

XXIV

Confidencia

Lembras-te, acaso, lembras-te da hora
Em que nasceu esta affeição tão casta?
Foi ao sol posto ou foi á luz da aurora?
Sei que te quero muito, e é quanto basta!

Talvez em sonhos quando os anjos descem
Do céu, em nuvens d'oiro, ao nosso leito;
Talvez na hora santa em que adormecem
Penas de amor em namorado peito!

Sei que te quero, o mais bem pouco importa;
Do que me lembro sempre e nunca esquece,
É d'esse busto lindo que supporta
Meu peito quando ás vezes desfalece!

Se não, que digam esses altos seios,
Altar onde eu encósto a face triste,
Quando a mente revôa em devaneios
Atraz da luz que só no céu existe,

Se o meu desejo para ti não vôa,
Como um suspiro pelo ar voando;
Se a lagrima de fogo que se escôa
De meus olhos não vae aos teus chorando;

Se quando choras, meu sonhado encanto,
A tremer toda como a folha de hera,
Não tens na vida quem te enxugue o pranto,
Não tens quem diga ao teu ouvido — «espera!»

Mas quando a tarda noite vae em meio,
E a lua se escondeu, silencio é tudo,
E eu sinto apenas palpitar teu seio
Sob a pressão do flacido veludo;

Quando essa face meiga, enamorada,
Sobre o meu braço tremulo se inclina,
Como se inclina a lua desmaiada
Ao resvalar na aresta da colina;

Então é que eu mais sinto o amor profundo
Que nos enlaça na affeição mais casta!
Que importa a hora em que eu te vi no mundo?
Sei que te quero muito, e é quanto basta!

XXV

Em casa de Deus

Em vascas tremulando
Sob a arcaria immensa,
Crepita, esvae-se, extingue-se,
A alampada suspensa!

O santuario é mudo,
A nave silenciosa,
Nenhuma voz acorda
A aragem rumorosa!

Aqui a paz habita,
A dor acha confôrto;
Dos naufragos da vida
Eis o almejado porto!

Neste remanso augusto,
Neste sereno azilo,
A vida é mais serena,
O sonho é mais tranquillo!

Aqui não chega nunca,
Ou seja noite ou dia,
A ensanguentada vaza
Da truculenta orgia!

Por mais que tumultuem
Lá fóra as bachanaes,
Aqui só entram preces
E estrangulados ais!

Musa, não te apavores!
Na paz d'este retiro
Deixa exhalar meu peito
Seu intimo suspiro!

Alguem que nós não vemos,
Por cima dos espaços
Nos chama e nos estende
Os invisiveis braços!

Trazemos-lhe em oblata
Da longa caminhada
A alma feita em pedaços,
Já fria, amortalhada!

Quando por essas brenhas
Da vida errei sósinho,
Cortando por atalhos
Para encurtar caminho,

Salteou-a de improviso,
Colheu-a traiçoeira
A espada do destino
Que a pôs d'esta maneira!

Christo, Senhor, ampara-a,
Como pomba que veio
Do caçador ferida
Tombar sobre o teu seio!

Se acaso inda é possivel
Que a tua mão piedosa
Queira guiar meus passos
Na via dolorosa,

Instila-lhe nas chagas
O balsamo da vida,
E entorna-lhe no seio
A luz da fé perdida!...

Mas vem amanhecendo!
Sob a arcaria immensa
Crepita, esvae-se, apaga-se
A alampada suspensa!

Já trina a cotovia
Por esses campos fóra!
Desmaiam as estrellas,
Assoma ao longe a aurora!

Musa, toma da lyra,
E pois que é longa a estrada,
Lancemo-nos de novo
Á eterna caminhada!

XXVI

Noite d'alma

Amortalhada em sombras
Desmaia a luz do dia,
Negra melancolia
A terra e céus invade!

É uma tal saudade,
Uma ansia, um tal desejo,
Que nem já mesmo vejo
O que se passa em roda!

Esvae-se-me a alma toda
Num intimo gemido,
Do muito que hei soffrido
A apellidar por ella!

Ás vezes a procella
Que vem dos fundos mares,
Desfaz-se pelos ares
Em grossos vendavaes ;

E então por entre os ais
E os gritos de soccorro
O espaço em vão percorro,
Buscando a luz e a vida!

Mas onde achar guarida!
Em vão, é sempre em vão
Que um morto coração
O alheio dó procura!

Ó noite d'alma, escura!
Quanto mais penso e scismo,
Mais se escancára o abysmo
Da minha desventura!

XXVII

Bem hajas

Andei por esse mundo,
A sós co'a minha dor,
Seguindo sempre o aroma
Que tu exhalas, flor!

Andei de terra em terra,
Corri os céus tambem,
Sem nunca ver a estrella
Dos magos de Belem!

Eu desejava apenas,
Quanto estivesse em mim,
Amar-te muito, muito,
Num extasis sem fim!

E nesse triste engano
A vida que levei,
Toda por ti gemendo
E a suspirar, gastei!

Até que um dia, quando
De todo ia acabar,
Sorriu-me a estrella d'alva
No teu benigno olhar!

Bem hajas, meu thesoiro,
Bem hajas, minha flor!
Oh! minha estrella d'oiro,
Oh! meu sonhado amor!

Bem haja a luz celeste
Que os passos meus conduz,
Archanjo que vieste
Tomar a minha cruz!

XXVIII

Berço de rosas

Eu tinha um berço de rosas
Que minha mãe embalava;
Rouxinóes ao desafio
Cantavam quando eu chorava!

Era a tua voz e a d'ella,
Vê que musica sería!...
Eu então cerrava os olhos
E a sorrir adormecia!

Adormecia e quem sabe
Se o teu dôce olhar, criança,
Não pousava no meu berço
Como um luar de esperança!

O que sei é que inda agora,
Quando escuto uma cantiga
Das que eu ouvia, estremeço,
Não sei porque, dôce amiga!

Lembram-me os dias felizes,
Os dias da mocidade,
As infantis alegrias
D'aquella ditosa edade!

Lembra-me o collo de neve
Onde a cabeça encostava;
Lembra-me o berço de rosas
Que minha mãe embalava!

Lembra-me a face vermelha
Que tinhas quando me déste,
Já eu era um homemzinho,
Aquelle beijo celeste!

Era o primeiro, coráste;
O beijo fez-te mais linda!
Por certo não te recordas,
Eu, porém, lembro-me ainda!

Da fita do teu pescoço
Pendia a cruzinha d'oiro,
Alvo justilho velava
Outro mais alvo thesoiro!

Que tempos e que innocencia!
Nem tu sabes que saudades
Me assaltam quando medito
Nessas primeiras edades!

Agora só tu me vales
Nesta tristeza em que vivo,
Tu que me doiras os ferros
Em que me vejo cativo!

Se te vejo, vejo a bôca
D'aquella que me beijava;
Se cantas, oiço as cantigas
Que minha mãe me cantava!

Se me apertas contra o seio,
Os seios d'ella senti;
Se me fallas do passado,
Vejo o berço em que nasci!

D'esta maneira no mundo
Vales-me tu na orfandade,
Pois que me tornas aos dias
Felizes da mocidade!

XXIX

Bemdita sejas tu!

Mimosa estrella d'alva,
Prenuncio de alvorada,
Fresco botão de rosa...
Tal era a minha amada!

Por onde ella passava
Cantavam seus louvores
As murmuras correntes,
Os rouxinóes e as flores!

As brizas namoradas,
Vendo-lhe o seio nu,
Diziam-lhe ao ouvido:
«Bemdita sejas tu!»

Levavam-na em triumpho
As graças, que ao pé della
Nenhuma era tão casta,
Nenhuma era tão bella!

Saudavam-na as estrellas,
E atraz de olhar tão dôce
Seguiam-na de longe
Por onde quer que fosse!

Tinha-lhe inveja a aurora,
Tinha-lhe inveja a lua,
Pois nem no céu existe
Belleza egual á sua!

O sol mal que rompia,
Com o pensamento nella,
Cobria-lhe de beijos
Os vidros da janella!

Depois, novello d'oiro
De rutilante lhama,
Ia morrer de gôzo
Aos pés da sua cama!

E as brizas, osculando
Seu lindo seio nú,
Diziam-lhe em caricias:
«Bemdita sejas tu!»

Ai! quem a vira quando,
A coma farta e escura
Descendo-lhe dos hombros
Á curva da cintura,

Lhe emoldurava o busto,
Cingindo-a voluptuosa,
Qual bando de falenas
Em volta de uma rosa!

Ou quando, manhã cedo,
Com gesto enamorado
Compunha ao liso espelho
O esbelto penteado!

Que perfeição aquella!
Que aspecto singular!
Que brilho e que doçura
No seu tranquillo olhar!

E o peito erecto e firme,
Altar sem sacrificio,
Onde nunca pousára
O ósculo do vicio!

Oh! virgem casta e pura,
De intacto seio nú!
Que as brizas digam sempre:
«Bemdita sejas tu!»

XXX

Convalescente

Quando cahiste, ó minha bem amada,
Nesse leito de dor,
Mal imaginas a profunda magua
Que eu tive, meu amor!

Depois nos labios teus, na face pallida,
No ardente olhar febril,
Começou de espalhar-se pouco a pouco
A luz de um novo abril!

Do teu jardim as plantas condoidas,
A madresilva, as rosas,
Perfumavam-te a alcôva solitaria
De essencias olorosas!

O proprio sol, que delicioso e tepido
Agora te sorri,
Logo ao nascer batia-te á janella,
A perguntar por ti!

O teu canario costumado aos mimos
Da tua nivea mão,
Perdeu de todo a voz, para que visses
Se elle te amava ou não!

Depois tudo mudou rapidamente:
Ao triste inverno frio
Succedeu, como á noite um claro dia,
O bello sol do estio!

Voltou de novo e a flux a antiga seiva
Ao pinheirinho manso!
E só então o meu cuidado e pena
Achou emfim descanço!

Nem podia morrer lirio tão bello,
Aberto á luz da aurora,
Se o involvia do bom Deus piedoso
A sombra protectora!

Mas, pois que Deus ouviu meus tristes rogos,
E te salvou emfim,
Porque não ha de Deus querer, senhora,
Que vivas para mim?

XXI

Branca

Nas crystalinas aguas do Mondego
Perpassa ainda o vulto enamorado
Que outrora me trazia em dessocego.

O mesmo ar gentil! Mas quão mudado
Aos meus olhos resurge neste instante
Aquelle gesto seu tão cubiçado!

A farta coma, lubrica, ondulante,
Cae-lhe na espadua; a nivea côr do rosto
A mesma é na pallidez constante!

Mas o mesmo não é aquelle gôsto
Que por me ver sentia quando outrora
Só em mim os seus olhos tinha posto!

A Branca já não é quem vejo agora;
Essa por me seguir á sepultura,
Comigo á sepultura tambem fôra!

Inconstante mulher, bem que não dura,
Traiçoeira e fatal, és como a vaga
Onde coisa não ha firme e segura!

Por ti meus pés rasguei de fraga em fraga;
Por ti batalhas mil travei comigo;
Por ti do coração fiz uma chaga!

Só Deus sabe o que fui para comtigo
E o muito que penei! Hoje, que importa?
Se louco te segui, já te não sigo.

Vae teu caminho, vae! A cada porta
Mendiga o pão da caridade ou morre,
Se é que de todo já não andas morta!

O teu castigo é esse! A erguida torre
Dos castellos do amor, o vento a leva
No torvelino que os espaços corre...

Meu idolo de luz, eis-te na treva!
No teu altar não fuma um só thuribulo!
Já não é para ti que o sol se eleva,
Que o sol de Deus não entra no prostibulo!

XXXII

Flor da noite

Pendida a fronte como os tristes goivos
Do tumulo que á tarde se debruçam
Dos mortos sobre o pó,
Foi assim que eu te ví, ó flor da noite,
Á frôxa luz de pallidas estrellas,
Nivea estatua de dó!

Como quem scisma na tragedia infausta
Que nos levou as illusões de um sonho,
Desmanchado por fim,
Das claras fontes d'esses olhos bellos
Rolavam grossas lagrimas ardentes
Ao collo de marfim!

E emquanto uns olhos como os teus chorosos,
Irmãos na dor, compadecidos, voavam
Ao encontro dos teus,
O teu rórido olhar, errando inquieto,
Buscava pelo espaço a luz occulta
Por mysteriosos veus!

Attrahida talvez por mago influxo
D'essa escondida luz, vi-te na altura,
Como pomba a voar;
Tinhas nos labios um sorriso angelico,
Como a serena restea vaporosa
De um pallido luar!

Rosa orvalhada para o chão pendida,
Que branca luz de perfumada aurora
Banhou teu coração?
Acaso viste, equilibrada no alto,
Pelas fendas do céu sorrir piedoso
O anjo da redempção?

Talvez; mas, pois que o dia é sempre triste
Para quem traz os olhos sempre fixos
Na sombra de uma cruz,
As lagrimas de novo te lembraram
Quão breves são as horas de ventura
Que em sonhos entreluz!

Que triste noite aquella !
Que noite dolorosa !
Não é mais tormentosa
No mar negra procella !

Que eu bem te vejo ainda
No labio que estremece
A dor que empallidece
A tua face linda !

A compassiva aurora
Á murcha flor que soffre,
Envia o fresco aljofre
Das lagrimas que chora !

Assim, se a dor te acalma
Alivio que inda existe,
As lagrimas de um triste
Infiltra-as na tua alma !

De maguas nunca esquivo
Chorar é quanto posso...
Funda-se o pranto nosso,
De maguas tambem vivo !

As arvores sem coma
Retoucam-se de flores,
Se a quadra dos amores,
Se a primavera assoma ;

A humilde folha de hera,
O mato bravo, a giesta,
A planta mais modesta,
Tem sua primavera;

Só para a triste flôr
Que para o chão se inclina,
Só para ti, bonina,
O sol não tem calor!

Que sorte iniqua e triste,
Havendo, como creio,
Um Deus que é firme esteio
De tudo quanto existe!

Emfim, se te minora
A magua o pranto alheio,
Descança no meu seio
A tua cruz, senhora!

E quando este fadario
Um dia terminar,
Tambem hade raiar
O sol no teu calvario!...

XXXIII

Na praia

No azul do mar longinquo o sol desmaia,
E as vagas uma a uma
Vem desdobrar no fulvo areal da praia
O seu lençol de espuma!

Formoso pôr de sol! formosa tela!
E como um resplendor,
Em pé sobre uma rocha a visão bella
Do meu primeiro amor!

Cinge-lhe o sol a fronte alabastrina,
Aureola de santa!
Beija-lhe o rosto a vaga tremulina
Que do mar se levanta!

Não é mais linda a erma flôr do monte
Ao luzir da manhã,
Nem quando vem abrindo no horizonte
A aurora, sua irmã!

Mal comparada, é como a branca véla
Que vem rompendo no ar,
Após tenebrosissima procella
Do tenebroso mar!

Tem nos labios o riso da alvorada
A illuminar-lhe a face,
E traz no olhar a luz enamorada
Da lua quando nasce!

Quanto no mundo exista de impalpavel,
De ethereo, de sublime,
Nada no mundo encontro comparavel
Ao que o seu todo exprime!

E todavia, contemplando as maguas
Do triste mar que chora,
Talvez não sinta no bramir das aguas
O coração que a adora!

Oh! quem na vida nunca ver pudéra
Uma tal perfeição!
Em paz vivendo, em paz alfim morrera
Meu pobre coração!

XXXIV

Moysés

Estranho vulto, em pé, dos serros de Moab
Lança o enturvado olhar ás regiões fronteiras!
Sorri-lhe Manassé e as veigas de Judá,
Acenam de Segôr as virides palmeiras!

Vão-se-lhes os olhos d'alma, a voz lhe embarga o pranto,
Não lhe permitte Deus na terra amada entrar!...
Tal qual sem alcançar-te, ó meu sonhado encanto,
Vai morrer a teus pés meu derradeiro olhar!

XXXV

Illusões

Antigas illusões, meus sonhos d'oiro,
Tantos sonhos de amor e de ventura,
Que não voltarão mais,
Quem vos levou, meu unico thesoiro,
Deixando-me perdido em selva escura,
Em luta com meus ais?

Figurei-te no altar de uma esperança,
Como se mão profana ali não fosse
Tocar-te, pomba ideal!
Não me sahia nunca da lembrança
O teu sorriso, tão sereno e dôce,
Sorriso sem egual!

Agora trevas, trevas, tudo trevas,
Que outra coisa não sei o que é a vida
Para quem não vê luz!
Nem tu, por mais que faças, já me elevas,
A não ser ao calvario onde erguida
Campeia a minha cruz!

Ingenua crença a minha! Eu que julgava
Que nunca o vento adverso apagaria
A luz de tanto amor,
Por quanto era essa luz quem me guiava
Na estrada que, sorrindo, percorria
Sem sombra de temor;

Eu que fantaziei, como em delirio,
Quanto ha de bello, quanto de sublime
Num peito virginal,
Curvo-me agòra ao peso do martyrio,
Como se dobra ao peso da agua o vime,
Fementida vestal!

Quisera ainda amar-te como d'antes,
Quisera crer em ti, bem que mentiste,
Por meu mal, tanta vez!
Mas para que, se rapidos instantes
Durou essa illusão amarga e triste
Que em fumo se desfez!

Recordação fatal, quem te apagára,
Que nunca mais podesse em vida minha
Avivar tanta dor!
Lembranças tristes, más, quem vos levára,
Como levaram a illusão querida
D'esse infeliz amor!

Desfaz-se no ar a sombra á luz da aurora,
Desfaz-se no ar a nevoa prenhe d'agua
Que no monte esvoáça!
Tudo se apaga e sóme e se evapora...
Só esta immensa e incomparavel magua,
Só esta dor não passa!

XXXVI

Branca flor do Meio dia

Se soubesses, minha amada,
Quanto custa a quem te adora
Passar um dia e outro dia
Sem ver a luz d'essa aurora
Que em teus olhos alumia!

Sem ouvir o som fremente
D'essa voz, d'esse gemido,
D'esse harpejo que se sente
No coração enlevado,
Como a distancia o chilido
De um rouxinol namorado!

Se tu soubesses o estado
Em que o teu olhar me pôs,
Da minha pouca ventura
Já não serias o algòz!

Agora se mal te vejo
Costurando, em teu balcão,
Que estranha perturbação
E que faminto desejo!

Cada vez que a tua agulha,
Como o estame de uma rosa,
Passa na tela preciosa,
Sob teus dedos de neve;
E os teus olhos, de vaidosa,
Como ninguem já os teve,
Sobre os meus sinto morrer,
Que sensação venturosa!
Que inopinado prazer!

E todavia esses dedos
Estão lavrando a sentença
Que me condemna a morrer!

Por isso sempre a scismar,
Horas e horas perdidas
Deixo correr e voar,
Sem saber a hora nem quando
Verei por fim esquecidas,
Verei por fim acabar,
Penas que me vão matando!

Tu és gentil e formosa,
Ninguem pode duvidar;
Tens a viveza graciosa,
Ardente, peninsular,

Que até me faz recordar
As morenas de Damasco
Que á tarde se vão banhar
Nas ribeiras de Farfar!

Mas, Consuelo, tu que queres?
Lá dizia não sei quem,
Por signal que muito bem:
Desconfiar de mulheres!...

Quem nasceu entre a fragrancia
Do serpol e do tomilho,
N'essa abençoada estancia
Da formosa Andaluzia,
Pode ter do sol o brilho,
Mas tem da lua a inconstancia...
Branca flor do Meio dia!

XXXVII

Pensamento

Pensa em Deus a alma crente, a mãe no filho,
A flor no sol, no doce espôso a espôsa;
O artista na sua obra, e no tomilho
Pensa talvez a inquieta mariposa!

O enfermo na saude e o exul amante
Pensa no amor ausente que deixou;
O avaro no seu oiro e palpitante
Pensa a rosa na briza que a beijou!

Pensa a avezinha no arraiar da aurora,
O eunucho do harem pensa na huri;
Se tudo pensa no que mais adora,
Eu em que hei de pensar? Eu penso em ti!

XXXVIII

O teu canario

Sempre que chega a tardinha
E te encostas á janella
Que tens defronte da minha,
Que sensação, minha bella!

A tua doida alegria
Contrasta singularmente
Com esta melancolia
Que nenhum bem me consente!

Todo o teu grande cuidado,
— Que penosa vida a tua!
É descançar um bocado
A ver quem passa na rua!

*

Perdão, tens outro mais grave,
De maior lida e canceira:
Tratar e amimar a ave
Que tens ahi prisioneira!

Esse canario, franzino,
Melancolico, amarello,
Magro, sem voz, sem destino...
Até faz tristeza vê-lo!

Que mysantropia a sua!
Passaro mais ordinario!...
De uma affeição como a tua
Não é digno um tal canario!

Mas quando mais me incommodo,
É se, a afaga-lo travêssa,
Te pões a beija-lo todo,
Dos pesitos á cabeça!

E o pobre sempre tão triste
A suspirar na gaiola!
Ou lhe dês agua ou alpiste,
Nada o diverte ou consola!

Elle sim! toma o biscato
Que tu lhe levas na mão,
E com uns modos de ingrato
Atira com elle ao chão!

Vê tu como elle agradece
O delicado presente!...
Salvo seja, até parece
Que tem coração de gente!

Quanto a mim, acho melhor
Que o deixes ir passear
Por esses campos em flor,
A ver... se aprende a cantar!

De que te serve um canario
Sempre a gemer na prisão?
Prisioneiro voluntario...
Só um leal coração!

XXXIX

Pedido

Se um dia te lembrares de quem vive
No céu quem já morreu por ti de amores,
Vem desfolhar na minha campa as flores
Que tantas para ti no mundo tive!

Mas se acaso do tempo que passou
Nenhuma vã lembrança te ficar,
Não venhas meu sepulchro interrogar...
Deixa dormir quem já por ti velou!

XL

Durante a tempestade

É noite; occulto braço
Num repelão espalha
As trevas pelo espaço
Qual funebre mortalha!

Ruge a voz da procella
No fundo valle e serra;
No céu nenhuma estrella,
Nenhuma luz na terra!

Com lugubre estampido,
Correndo á fula-fula,
O norte embravecido,
Como um leão, ulula!

Fuzila o raio, e a flecha
Que luzes mil condensa
Num ai entreabre e fecha
O seio á treva immensa!

O ar pesado e tredo!
Profunda a escuridade!
Meu Deus! que frio medo
Os corações invade!

Só eu levanto o rosto
Sereno e sem temor,
Pois vivo á sombra posto
Do teu divino amor!

XLI

Graziella

Não te recordas do dia
Em que eu te disse — cautella? . .
Tu sorriste ao que eu dizia,
E agora choras, Graziella!

Eras menina, os teus annos,
Nem eu já sei os que tinhas,
Não tinham soffrido os damnos
De penas eguaes ás minhas!

Velho precoce! O teu rosto
É que é o mesmo inda agora;
Quando em mim é já sol posto,
É nos teus olhos aurora!

Aurora que eu vejo ainda
Nos sonhos da mocidade,
Só differes: és mais linda,
Como é proprio d'essa edade!

Por isso mais insistente
Repito hoje — cautella,
Não se tem impunemente
Um lindo rosto, Graziella!

Vae teu caminho e perdôa,
Se teus olhos fiz chorar...
Mas bem vês, pomba que vôa
Podem feri-la no ar!...

Perdoa a lembrança; um velho,
Que velho se fez tão cedo,
Já pode dar um conselho,
Mas amar... só em segredo!

XLII

Dor suprema

Quando o levaram pequenino á cova
No seu breve caixão,
Ouviu-se na tua alcôva um grito enorme,
Morria um coração!

Fecharam-se as janellas bruscamente,
Estava a entardecer!
Depois cerrou-se a noite silenciosa...
Como é triste morrer!

Ao outro dia um berço abandonado
Jazia ao pé de ti!...
Na muda alcôva julgo ouvir ainda,
As queixas que te ouvi:

«Se existe Deus, se existe
No céu onde pousaste,
Anjo, porque fugiste?
Pomba, porque voaste?

«Quem é que te levou,
Ó minha branca flor,
E assim me separou
Do meu primeiro amor?

«Se Deus nos ama tanto,
Que faz que não permitte
Que o meu continuo pranto
Te acorde e resuscite?

«Tu eras a alegria
Da minha vida; um riso
Dos teus me convertia
A terra em paraiso!

«Mas porque espero em vão,
Que valem estes ais,
Se junto ao coração
Não hei de ver-te mais?»

Has de ve-lo, senhora, quando á noite
Em sonhos contemplares,
Em gracioso bando,
Por esses vastos ares,

As legiões de archanjos perpassando
Na resplendente esfera,
Onde é perenne e eterna a primavera!

Has de ve-lo depois, archanjo loiro,
Nesses mundos d'alem,
Descendo, lentamente, em nuvens d'oiro
Aos teus braços de mãe!

E quando a fantazia t'o mostrar
Á luz do céu nesse dourado empyrio,
Estou que o teu martyrio,
Senhora, ha de acabar!

XLIII

Môço e velho

Deixa-te estar a meu lado,
Graciosa virgem travêssa;
Que mal te faz que em teu seio
Repoise a minha cabeça?

Se tu soubesses, criança,
Como eu trago o peito aberto,
As penas que eu levo na alma
Senti-las-hias por certo!

Attenta bem nos meus olhos,
Não vês um circulo escuro?
Foi de chorar toda a noite
Por um bem que em vão procuro!

Quando veio a madrugada
Fui vêr meus olhos ao espelho;
Tinha-me deitado môço,
Acordei, era já velho!

Nas tristes faces cavadas
As rugas lavraram fundo;
Olha que tenho soffrido
Como ninguem neste mundo!

Eu ando como um somnambulo,
Pelas estradas a medo,
Sempre a pensar no motivo
Por que envelheci tão cedo!

Quando eu fui môço os meus olhos
Eram como dois crystaes,
Onde os teus se reflectiam,
Teus olhos celestiaes!

Agora vês tudo escuro
Nestes palacios de luz!
Ruinas por toda a parte,
E só em pé uma cruz!

É essa a cruz do martyrio
Que me envelheceu tão cedo,
E me transformou de modo
Que a ti propria causo medo!

Tem antes dó!... no teu seio
Descança a minha cabeça;
Bem pode ser que a piedade
Na paz de Deus me adormeça!

XLIV

Saudades

Desde que penso em ti, percorro insano
A estrada da existencia sem descanço;
Julgo ver-te de noite, e sempre engano!
Procuro-te de dia e não te alcanço!

Cega-me o teu olhar e não te vejo;
Por ti pergunto e brado sempre em vão;
Quanto mais te procuro e te desejo,
Mais me foges, dulcissima illusão!

Até, quando o sol rompe na cumiada,
Penso ver nelle a tua imagem calma;
Mas quando o sol se põe, noite fechada,
Que interminavel noite escura d'alma!

Se eu fosse como a lua silenciosa
Que vae num ponto agora e noutro logo,
Como eu iria em ascenção radiosa
Beber dos olhos teus o ardente fogo!

Mas para que narrar meu duro fado,
Que só para tormento meu existe?
Lembrança má de um bem tão mal gozado,
Deixa que eu viva em paz, embora triste!

XLV

Ramo de flores

Os chrysanthemos raiados
Que me enviastes, senhora,
São delicado presente
Que me confunde e penhora.

Lindas flores na verdade!
Mas tão lindas como são,
Permitti que vo-lo diga,
Enchem-me de confusão!

Pois dão-se flores ainda
A quem de flores descreu?
Flores da terra são bellas,
Melhores são as do céu!

*

De que servem mimos posthumos
A quem no mundo anda já
Á espera de quem lhe lance
Na cova a ultima pá?

Estaes suppondo, senhora,
Que a vossa lembrança traz
A um peito maltratado
A antiga e serena paz!

Engano; o que ella recorda
Ao já morto coração,
É que se aproxima o outomno,
Que vae passando o verão!

Acreditae-me, senhora:
O que me causa estranheza
Não é dos bellos chrysanthemos
A essencia, a côr, a belleza;

É saber que existe ainda
Alma assás compadecida,
Para doer-se das penas
Que me atormentam a vida!

Entretanto, porque o ramo
Andou já em vosso seio,
Acceito-o, reconhecido,
Como da mão de quem veio!

Acceito-o, senhora minha,
Como acceita o moribundo
A santa cruz sobre o peito
Ao despedir-se do mundo!

Acceito-o como se deve
De acceitar na cova escura
Os goivos que mão piedosa
Nos vae pôr na sepultura!

XLVI

A uma costureira

Graciosa abelha d'oiro, ergue a cabeça
De cima do trabalho; Deus não quer
Que um anjo como tu feito mulher,
Sempre na faina a moirijar pereça!

Quisesses tu lançar olhos piedosos
A quem te segue os dedos delicados,
Trocarias talvez os teus bordados
Por quem te almeja instantes mais ditosos!

Passar dias e dias debruçada
Sobre a tarefa ingloria da costura,
Isso não dá saude nem ventura,
É uma vida triste e amargurada!

Olhar de luz tão pura e tão serena
A seguir um pesponto, ou vê-lo immerso
Num vil estôfo que não vale um verso,
Causa sincera dor, sincera pena!

Quem como tu nasceu de fina gente,
Com essa distincção e gentil modo,
Não é para passar um dia todo
A manejar a agulha impertinente!

Olha a noite; lá vem apparecendo
O vespero tardio no horizonte,
E já pelas quebradas do alto monte
O tom da Ave-Maria vai morrendo!

Suspende o teu labor, é tempo agora
De levantar os olhos da costura,
E se o teu peito anhela outra ventura,
Melhor ventura tens em quem te adora!

Custa-me ver-te assim, com pena o digo,
Desde a alvorada até que a noite desce!
Môça e menina, sáe, folga, espairece;
Se a vida é sonho, vem sonhar comigo!

XLVII

Noite de luar

Naquella montanha nua,
Sobre o viso do alto serro
Como um cirio num enterro,
Saudosa desponta a lua!

Vem despedir-se! O canteiro
Que eu todo semiei de flores,
E que foi dos meus amores
Berço e tumulo primeiro;

Esses montes que verdejam
Matizados de açucenas,
Para que mingúem penas
Onde os amores sobejam;

E aquella fresca ribeira
Onde á tarde ao pôr do sol
Vem cantar o rouxinol
Na copa da romanzeira;

E o toque da Ave-Maria,
Lamento de mãe afflicta,
Tão dôce que nem o imita
Uma rôla ao fim do dia;

E os domingos de folgança,
Em que ao pé da ermida se arma,
Em festiva e doida alarma,
Uma fogueira e uma dança;

E aquellas tardes no rio,
Tardes e tardes inteiras,
Escutando as lavadeiras
A cantar ao desafio;

E aquella verde espessura,
Aonde as môças da aldeia
Vão buscar a bilha cheia
De agua finissima e pura;

Tudo ahi fica! A saudade,
Ó linda noite de luar,
É que tem de amortalhar
As cinzas da mocidade!..

Noites cheias de poesia,
Recordações de criança,
Amor, ventura, esperança,
Tudo se acaba num dia.

XLVIII

Anjo dormente

Embala o filho adorado,
Deixa dormir esse amor,
No seu berço perfumado,
Como em seu caule uma flor!

Como é formoso! Na face
Que linda côr de romã!
Até parece que nasce,
Ou vae nascer a manhã!

No sorriso que poesia!
Não vás despertá-lo já;
Quando fôr homem, um dia,
A dôr o despertará!

XLIX

Nuvem côr de rosa

Sol da alegria, dize-me a que mundos,
A que gente feliz, felizes povos
Levas agora os raios teus jocundos!

Gozos de amor, pendentes fructos novos
Que tu doiravas, já os tive outrora,
Do seu fecundo seio aureos renovos!

Quando no oriente despontava a aurora,
Já eu curvado estava ante a madona
Por quem minha alma eternamente chora,

Não a colher os dons que dá Pomona,
Mas outros de mais gôsto e mais valia
Que tinha em seu aspecto a minha dona!

Venturoso pastor ! Mas hoje em dia
Já não ha mal que sobre mim não venha,
E até meu sangue pouco a pouco esfria !

Meu estro mudo é como aquella penha
Que resistiu á vara milagrosa
Com que Moysés na téla se desenha !

É que se foi a nuvem côr de rosa
Que tu doiravas, sol da mocidade !
Desfez-se no alto mar onde repousa,
Linda flor de coraes, minha saudade !

L

Bemdito seja Deus

Eu ando semimorto,
Joguete de escarceus,
Baixel longe do porto,
Perdido aos olhos teus!
E não ha de mover-te, Deus piedoso,
A angustia d'esta dôr,
A ti, que és nosso pae, que és pae d'amor,
E que sustentas mares, terra e céus!
Bemdito seja Deus!

Eu passo a vida bella
Das illusões douradas, percorrendo
Este infinito ermo
Por onde vou morrendo,
Sem lhe encontrar o termo!
Que triste vida a minha, justos céus!
Bemdito seja Deus!

Nos pincaros do monte
Levanto os olhos meus
Por cima do horizonte,
Sem que possa alcançar-vos, claros céus!
Tolda-me o pranto a vista,
Foge toda a alegria,
E até a luz do dia
Me cega e me contrista!
E póde isto ser vida aos olhos teus?
Bemdito seja Deus!

Já lá desde menino
Busco de noite e dia
Algum farol divino,
Que me sirva de guia
Pela vereda que vae dar aos céus!
Mas ai! Senhor piedoso,
Se um passageiro gôzo
Nos prazeres da terra achei outr'ora,
D'elle me pesa agora
Que tudo desparece aos olhos meus;
Agora que do mundo
Só me ficou este ansiar profundo!
Bemdito seja Deus!

Levo as noites em claro,
A sós com os males meus,
E quando alfim reparo
Que o sol já vae dourando os altos céus,
Sem dissipar a minha escuridão,
Mais triste, brado então:
Bemdito seja Deus!

Não sei que mau olhado
Ao nascer me deitaram;
Parece me geraram
No sangue do peccado!
Já não quisera ser afortunado,
Mas ao menos, Senhor,
Que um dia só, um dia de alegria
Abrandasse esta dôr!
Mas se não é possivel tal estado,
Pois que os peccados meus
De ti me hão apartado,
Bemdito seja Deus!

Ao menos, Deus piedoso,
Affiança-me, Senhor,
Que para os affligidos
Ha um mundo melhor;
E eu levantando ao céu quantos sentidos
Me déste, Deus bemdito,
Para sentir-te em mim, sol infinito,
No horror dos males meus
Direi, não com palavras, mas gemidos:
Bemdito seja Deus!

LI

Comedia humana

Dizem que no estertor dissera Octavio :
«Da minha vida o drama finda aqui;
Se o meu papel representei com arte,
Senhores, meus senhores, applaudi ! »
E aos amigos fallando d'esta sorte,
Cahiu sobre elle o negro veu da morte.

E na verdade, cada qual no mundo
Vem por seu turno á scena repetir
O papel, bom ou mau, que lhe destina
Quem lá do alto nos está a ouvir,
Contra-regra no drama d'esta vida,
Ora marcando a entrada, ora a sahida.

Acclama-se hoje um rei, ascende ao throno
Por entre palmas, cantos e ovações,
Mas logo throno e principe resvallam
No pó sangrento, ao som das maldições;
Aberto sorvedoiro onde se somem,
Com as grandezas as vaidades do homem!

Além sorri, no berço, em fôfo arminho,
Roseo bambino á aurora, sua irmã;
Na scena de hoje ri, mal dirá elle
Que ha de chorar na scena de amanhã,
Quando, apagado o sol da mocidade,
Vier a noite da futura edade!

Este os seus dias passa repetindo
Mil protestos d'amor que não sentiu;
Aquelle busca pelo espaço em fóra
Algum celeste olhar que lhe fugiu;
Outro mais infeliz ás tontas corre
Pelas trevas da vida, até que morre!

Ha tal que está chorando emquanto os outros
O reputam ditoso, e nessa fé
Levam-no em triumpho pelo mundo,
Porque parece aquillo que não é;
E d'esta arte uns aos outros enganando,
Vão todos seu papel representando.

Se todos são actores na comedia,
D'entre tantos papeis qual é o meu?
Ao mesmo tempo Heraclito e Democrito,
Conforme as nuvens correm pelo céu!
Em casa, afogo em pranto a minha pena,
Mas canto e rio, quando estou em scena!

LII

Hontem e hoje

Outrora o sonho, o riso, a babilonia
Dos vãos prazeres, rutilos de vida;
Agora o despertar, o tedio, a insomnia,
Restos mortaes da antiga fé perdida!

Visões furtivas de radiosa gloria
Andavam no ar, espumas fugidias;
Agora o pó da estrada e a vil escoria
Enchem o vacuo d'estes longos dias!

Um mar de decepções, em ondas bravas,
Ruge em meu peito com feral espanto;
São meus desejos como estranhas lavas
Que se desfazem em caudaes de pranto!

Hontem e hoje! — de permeio o abysmo,
A cuja voz o tardo ouvido applico!
Ai! quando a mente elevo e penso e scismo,
Se a rir começo, a soluçar me fico!

Aos grandes sentimentos peito aberto,
Sempre cerrado a perfidas mentiras,
Vou pelas vagas d'este mar incerto
Dos temporaes mal afrontando as iras!

Em mais felizes tempos um sorriso,
Um doce olhar que sobre mim descia,
Olhar leal, não era mais preciso
Para julgar que o céu me protegia!

Hoje, porém, neste ignorado canto
Onde os meus dias gasto desolados,
Afogo a voz no refluir do pranto,
Quando recordo os dias já passados!

Hontem e hoje! — de permeio o abysmo,
A cuja voz o tardo ouvido applico!
Ai! quando nessa voz medito e scismo,
Se a rir começo, a soluçar me fico!

LIII

Impossivel

Porque um sorriso a destilar doçura
Me lanças de soslaio, quando passo
Triste e sombrio como a noite escura?
Pensas que estendo emagrecido braço
A supplicar a esmola d'esse amor?
Não se arreceia do traiçoeiro laço
Quem não aspira ao teu aroma, flor!

Morreu toda a illusão, nem eu já posso,
Por mais que faças, transportar-me aos dias
D'um tempo que não pode já ser nosso!
Passaram as antigas alegrias,
E d'esse ardente e tão sincero amor
Apenas restam pobres cinzas frias,
Triste mortalha d'um sorriso em flor!

Vae teu caminho, vae, alveloa mansa,
Se a grande luz do teu olhar ansioso,
Algum alivio noutro olhar alcança!
Anda no mundo muito olhar sequioso
D'esse nectar suave, estonteador,
Que se bebe no calix d'uma esperança,
Que nos aquece, como o sol á flor!

Illudes-te afinal, se estás cuidando
Que eu passo horas e horas á janella,
Suspenso d'esse olhar saudoso e brando!
Não é, não é por ti que eu scismo, ó bella,
Mas sim no fundo abysmo d'esta dor,
Que tu não podes alumiar, estrella,
Visão funerea de apagado amor!

LIV

Coração doente

Formosa que eu amei, já te não amo;
Mal não te quero, mas amar-te, não!
Se algumas tristes lagrimas derramo,
Por mim as choro, que por ti não são!

E todavia, se o teu peito encerra
Lembrança d'um amor que se finou,
Bem sabes tu que nunca, em toda a terra,
Mais firme coração por ti vibrou!

Se foi sob este céu do Meio dia,
Ardente como os olhos d'uma huri,
Que em plena exhuberancia de poesia
Meus olhos tristes para os teus abri!

Um coração peninsular não mente;
Se á mulher que adorar disser — sou teu,
É tão capaz de a amar eternamente,
Que por ella despreza o proprio céu!

Assim é que eu te amei, formosa dama,
Ou pòderia amar-te, se, afinal,
Quando o vulcão do amor erguesse chamma,
Podesses abrazar-te em chamma egual!

Mas tu eras de gelo e neve pura,
A contrastar com este immenso ardor
D'um coração repleto de ternura,
Cheio de fé, a trasbordar d'amor!...

Mentir-te agora, para que, senhora?
Mal não te quero, mas amar-te não!
Se o coração doente ainda chora
Prantos em fio, já por ti não são!

LV

A volta do peregrino

A ver-vos torno, ó grutas,
Ó concavos penedos,
Onde hei depositado
Meus infantis segredos!

Vós me estaes recordando
O tempo em que me vistes,
Hymnos cantando alegres,
Canções chorando tristes!

Lá quando o sol da tarde
Vos circumdava a crista,
Throno celeste d'onde
Se espraia ao longe a vista;

Ai! quantas, quantas vezes
Me fui sentar, e os braços
Cruzando, interrogava
A mudez dos espaços!

Montanhas arrelvadas,
Vergeis dò meu país,
Vendo-vos torno aos dias
D'essa edade feliz!

Feliz porque sonhando
Andava a toda a hora,
Na doce paz tranquilla
Que já não vejo agora!

Porisso eu vos saudo,
Porisso eu vos bemdigo,
Logares que me fostes
Berço, consôlo e abrigo!

Ainda agora ao ver-vos,
Ó campos tão queridos,
A alma se me dilata,
E me invade os sentidos

Um não sei quê de vago,
Um tão suave encanto,
Que involuntario acode
A borbulhar meu pranto!

Além campeia a torre
Da solitaria egreja,
E ao pé triste cruzeiro
No cemiterio alveja!

Humilde cemiterio,
Onde eu colhia flores,
Pobre innocente! emquanto
Outros carpiam dores,

Quão outro me pareces,
Agora que eu procuro
Reler em cada lapide
O enigma do futuro,

E decifrar a letra
Das linhas apagadas
Do livro que se estende
Por cima das ossadas!

Ai! quem me déra agora
A candida ignorancia
Dos tempos que sorriram
Á minha alegre infancia!

Então nem eu sabia
Que dores symboliza
Sobre essas frias lousas
Uma cruz por divisa!

Então um cemiterio,
A rescender a flores,
Era um breve canteiro
Fallando-me de amores!

Agora não; se tento
Voltar aos dias bellos,
Logo me assalta o bando
Dos negros pesadellos!

Levanto o pó da terra,
Amasso-o com meu pranto;
Quero da eterna inercia
Quebrar o eterno encanto;

Dou-lhe o calor do seio,
Entorno-lhe mil ais;
Quem te animou?—pergunto.
Silencio e nada mais!

E assim, baixando os olhos
Me fico horas perdidas,
A perguntar á morte
Que fez de tantas vidas?

Mas para que involver-me
No horror d'esse mysterio,
Se tu me abres a porta,
Meu velho cemiterio?

Se em ti me estende os braços
Aquella santa cruz
Que eu abracei na infancia,
E onde morreu Jesus?

Bemdita seja a hora
Em que te torno a ver,
Ó terra abençoada,
Que és parte do meu ser!

Quando te piso e apalpo,
Que sonho e que illusão!
Penso que vive ainda
Meu pobre coração!

LVI

Saudades de filha

Descia a noite; a aragem suspirava
Nos roseiraes em flor;
E por te imaginar rosa tambem,
O vento te levava com desdem
As tranças, meu amor!

Alva de neve, as roupas fluctuantes,
Olhavas para o sol que esmorecia
Ao longe no occidente;
E então no largo espaço estremecia
Esta canção dolente:

«Tambem tu, luz do sol, aqui me deixas
Neste sombrio ermo!
Quem é que quer saber de alheias queixas,
D'este penar sem termo!

«E todavia, ó noite silenciosa,
Na vastidão do ar,
Anda uma voz, voz unica, amorosa,
Por mim a suspirar!

«Mas de que servem intimos gemidos
E tão ardentes ais,
Se a mesma voz repete aos meus ouvidos:
Jamais, jamais, jamais!»

E a quatro e quatro as lagrimas ferventes
Cobriam-te de fios crystalinos!
Ah! quem soffrer não ha de quando choram
Uns olhos tão formosos,
Angelicos, divinos!

Descia a noite, a aragem suspirava
Nos roseiraes em flor;
E por te imaginar rosa tambem,
A brisa te levava com desdem
As tranças, meu amor!

LVII

Helena

Helena, se soubesses quanta magua
Eu sinto,
Mal que nos olhos teus um pingo d'agua
Presinto;

Saberias então se é bem sincero,
Bem fundo,
O grande amor com que te sigo e quero
No mundo!

Chorar é condição de toda a gente,
Helena;
Mas chorar como tu, constantemente,
Faz pena!

Levanta, pois, o olhar que empallidece,
Se crês;
Mais do que tu, meu coração padece,
Bem vês!

LVIII

Melancolia

Luz do amor, astro jocundo,
Gasto a vida na ansiedade,
Perguntando a Deus e ao mundo
Se és um sonho ou realidade!

Ai! quando por noite bella,
Céu estrellado e sereno,
Me vou sentar á janella
Sem saber se scismo ou peno;

E os olhos tristes levanto
Ás alturas celestiaes,
D'onde ninguem vê meu pranto,
E aonde não chegam meus ais;

E as estrellas contemplando,
Nesse azul do céu profundo,
Um sonho suave e brando
Me faz alhear do mundo;

Ninguem ao certo imagina,
Ou se imagina comprehende
O anseio que me domina,
Que mão ao céu me suspende!

Scismo no céu porque penso,
Nas horas do desconfôrto,
Que d'este pelago immenso
Só elle é farol e porto!

Mas como não vejo dentro
De mim, á luz do infinito,
O esteio da vida, o centro
Em volta do qual gravito,

Amedrontado e tremente,
Como quem subito acorda,
Imagino-me pendente
D'alto precipicio á borda!

Por isso ás vezes me acode
Ao rosto um ar pensativo,
Como quem dizer não pode
Se está morto ou se está vivo!

*

Ai! amor, astro jocundo,
Gasto a vida na ansiedade,
Perguntando a Deus e ao mundo
Se és um sonho ou realidade!

LIX

Maria

Andas doente, Maria!
Tão abatida, tão triste!
Nesse estado em que te vejo
Não sei como se resiste!

Peccados velhos! a gente
Nem toda póde ser santa!
Se somos feitos de barro,
Quem é que d'isso se espanta?

Amoríos! amoríos!...
Não negues, qualquer segredo
Que tu me digas é como
Se o disseras a um penedo!

Olha que eu sou como um tumulo
Discreto e leal, repara...
Mas lá te pões tu de esquiva
A tapar co' as mãos a cara!

Não digas nada... presumo
Qual a dor que te quebranta,
Se a vida é feita d'enganos,
Quem é que d'isso se espanta?

LX

Dia de finados

Que tristeza, meus Deus! que anniversario,
De dôres pelo mundo hoje não vae!
Orar na vida é merecer na morte,
Orae! orae!

O sol desponta no horizonte, livido;
Os sinos dobram; olhos meus, chorae!
Almas piedosas, pelos que morreram
Orae! orae!

Almas enamoradas, vossas lagrimas
Sobre as cinzas dos mortos derramae!
Desfaz-se em fria cinza o amor ardente,
Orae! orae!

Da curta vida a prolongada angustia
Mal a traduz o soluçar d'um ai!
Tradú-la a prece quando a Deus se eleva,
Orae! orae!

Visões do tempo findo, ao cemiterio
Ide chorar o tempo que lá vae!
Meu coração é morto! — pelos mortos
Orae! orae!

LXI

O caminho do céu

Silencio! dos orgãos o canto mavioso
Rebôa no templo, chamando á oração;
Que jubilo nalma, que fundo repouso,
Tão santo e saudoso,
No meu coração!

Archanjo perdido nas trevas da vida,
A egreja nos chama, clamando por nós!
Ao templo sagrado, dos pobres guarida,
Levemos, querida,
A supplice voz!

É Deus que nos chama na voz argentina
Dos sinos que espalham seus cantos de dôr;
Entremos depressa, que o altar se illumina
Da graça divina,
Sorriso de amor!

A luz dos tocheiros, ondeando, rebrilha,
Os padres ajoelham diante do altar,
E ao fundo dos padres o povo se humilha,
Corramos, ó filha,
Tambem a orar!

Não vês como choram as lagrimas de Eva
Nos pallidos rostos voltados aos céus?
Tambem a nossa alma piedosa se eleva,
Rasgando na treva
Caminho até Deus!

Se a dôr nos impelle, se a fé nos escuda,
Juntemos aos cantos do altar nossos ais;
E já que o destino dos pobres não muda,
Que Deus nos accuda
Nos transes finaes!

LXII

Sabbado

Musa peninsular, eis-nos chegados
Ao termo do deserto!
Vão ter descanço emfim nossos cuidados;
O cemiterio é perto!

Tambem aquelle que do céu profundo
Nos escuta e nos vale,
O proprio Deus, ao ver concluido o mundo,
Descançou afinal!

Eis-nos, ó musa, ao cabo da viagem
Que tão comprida foi!
Mas inda agora, na final paragem,
A chaga sangra e dóe!

Montes e valles, solidões ethereas,
A terra, os céus e o mar,
Ouviram d'este mundo de miserias
O amargo soluçar!

Viram como a subir para o calvario,
Calcando chão maninho,
Reguei de sangue, pobre visionario,
As pedras do caminho!

Poisemos, pois, no chão a cruz pesada,
Tão dura de levar;
Os que passarem nesta longa estrada,
Ao vê-la, hão de chorar!

E tu, meu guia, já que em fogo abrazas
Teu alto amor subtil,
Sacode o pó da estrada e bate as azas,
Regressa ao eterno abril!

Alem das negras sombras do sepulchro,
Ao cabo d'essa treva...
Ha muita luz e muito sonho pulcro
Que nos atrae e enleva!

Lá nesse céu, retiro hospitaleiro,
Fonte de todo o bem,
Onde descança o ardente caminheiro,
Vae descançar tambem!

Mas já que no fulgor d'esses teus olhos,
De enamorado enleio,
Achei, ao caminhar por chão de abrolhos,
O meu unico esteio,

Leva comtigo pelo espaço fóra,
Á lucida guarida,
A insaciavel dor que me devora
E que me traz sem vida!

O involucro terreno que me prende
Pertence á podridão;
Mas esta luz que o meu olhar accende,
Que vem do coração,

Ao céu póde subir; pois a tal mundo
De amor e de poesia,
Pertence a dor e o riso e o sol jocundo
De que se faz o dia!

Adeus, rostos angelicos, serenos,
Adeus rubis e flores,
Soberbas perfeições dignas de Venus,
Meus ridentes amores!

Ebrias canções da alegre adolescencia,
Risos que o sol doirou,
Adeus, subtil e lucida existencia
Que tão breve passou!

Vivi, se vida foi, sem primavera
A sós com Deus e a lyra;
Amor, foi como se eu nunca o tivera;
Todo o prazer, mentira!

E todavia a voz me enrouqueceu,
A cantar com ardor
Por essas amplidões de terra e céu,
As tragedias do amor!

D'essas paixões, crueis, porem sinceras,
Eis o breve resumo:
Tudo palavras vãs! tudo chimeras!
Tudo illusões e fumo!

CANÇÕES

I

Musa peninsular

De Portugal e das Hespanhas canto
Cantigas novas, quaes cantar as sabe
Quem aprendeu de pequenino o quanto
Num triste peito dóe o amargo pranto
Que aos olhos sobe por que ali não cabe;
Victimas tristes d'um funesto amor,
Venho chorar comvosco a vossa dor!

Ouvi a trova enamorada, amantes,
Que nem só queixas pelo mundo expendo;
Tambem do amor os sonhos delirantes,
E do prazer os rapidos instantes,
Na branda lyra memorar pretendo;
Alegres môças, vinde ouvir cantar
Canções d'amor, á branca luz do luar!

Temperae-me, formosas morenitas,
D'Almaviva a guitarra sonhadora;
Quero ver, coração, se inda palpitas,
Ao som da pandeireta das Juanitas,
Como pulsaste de prazer outrora;
Canções da nossa terra, vinde ouvir,
Môços e môças do Guadalquivir!

Quem sou? — perguntareis môças de Hespanha;
Sou das bandas que o limpido Mondego
Com sua veia crystalina banha!
A minha terra em gloria foi tamanha
Que não a excede a patria de Riego;
Nos campos me criei da bella Ignez,
Moças de Hespanha, emfim, sou português!

Meu nome perguntaes! — doidas crianças,
Que vos importa a vós saber o nome
D'aquelle que entre sonhos e esperanças,
Da noite segredando ás auras mansas,
Seus curtos dias a cantar consome?
Vae alta a noite, e quando fôr manhã
Que vos importa um paria ou um D. Juan?

Mas já que vos dá gôsto ouvir a historia
Do obscuro cantador, nunca entrevisto
A disputar favor, mercês ou gloria,
Môças, guardae bem fundo na memoria
A minha vida resumida n'isto:
Nascer, luctar, soffrer, sempre a cantar,
Por ninguem ser amado, e sempre amar!

Porque canto? direis, lindas donzellas;
Que ha de fazer a gente quando é môço
Sob este céu de fulgidas estrellas,
Ante essas raras perfeições, tão bellas,
Que outras mais bellas descobrir não posso?
Não pergunteis, occidentaes huris,
Pela razão dos cantos que me ouvis!

Eu canto como canta o passarinho
Pousado á tarde no rochedo alpestre,
Quando ao passar do doido torvelinho
Se lembra com saudades do seu ninho,
Onde aprendeu a descantar sem mestre;
Canto a capricho, canto sem lição,
Canto por comprazer meu coração!

Canto como á tardinha canta a briza
Ao perpassar nas cordas da harpa eolia;
Tal como a vaga sobre a areia lisa,
Ou como a nota que a gemer desliza
Por entre as verdes franças da magnolia;
Ondas e brizas, ventos que passaes,
Levae comvosco pelo ar meus ais!

Môças que estaes banhando de affrontadas
No Douro e no Genil o rosto lindo,
E vós, ó frescas rosas perfumadas,
Cujas corollas, d'oiro polvilhadas,
Nas veigas do Mondego ides abrindo,
Vinde ouvir as canções do trovador,
Vinde comigo suspirar d'amor!

*

II

Virgem da infancia

Ó virgem dos meus sonhos de innocente,
Se te lembras ainda d'esses dias
Em que me vias,
Continuamente,
A teu lado sorrir, sempre contente,
Ensina-me a cantar, mimosa flor,
Como eu cantava,
Quando sonhava
Comtigo, amor!

Mal que rompia o sol nos altos montes,
Quebrando-se em reflexos purpurinos
Sobre o crystal das fontes,
Subiam logo ao céu os nossos hymnos
Que enchiam de alegria os horizontes!
Lembras-te ainda d'esses cantos, flor,
Que eu descantava pela nossa aldeia,
Com a alma cheia,
A trasbordar de amor?

Deixando então o alegre povoado,
Corriamos aos bosques mais vizinhos,
A ouvir dos passarinhos
O murmuro trinado;
E com elles cantando ao desafio,
Por entre os sinceiraes
Que vão bordando o rio,
Eu te dizia, flor,
Caricias que jámais
Em vida tua escutarás, amor!

Ahi por esses prados ondulantes,
Cobertos de verdura,
Que dias de ventura
Que rapidos instantes,
Nós não passámos em gentís descantes!
Eu, timido pastor,
A corôar-te a fronte peregrina,
E tu, môça e menina,
E tu, roseira em flôr,
A desfolhar-se em risos,
Chuva de amor!

Foi ao som d'esses cantos fervorosos,
E tão suaves
Que duas aves
Os não gorgeiam mais cariciosos,
Cantos que hão de lembrar-me noite e dia,
Em quanto eu vivo fôr,
Que em sonhos vi o archanjo da poesia,
Abençoando o nosso ingenuo amor!

Se, pois, d'aquelles dias te recordas
E te dá gôsto erguer o pensamento,
Neste momento,
Áquella nossa mocidade em flor,
Vem temperar-me as soluçantes cordas
Do rustico instrumento,
Que, embora acostumado ao pranto e á dor,
Ainda vibra ás commoções do amor!

E quando em noite calma a lua cheia,
A mesma que nos viu na meninice,
Illuminar os montes e a planicie
D'aquella obscura aldeia
Que foi o nosso berço e o nosso encanto,
Ha de em teus olhos marejar o pranto,
O pranto da saudade,
Se te accudirem, flor,
Essas ledas canções da mocidade,
Quaes a teu lado as descantei, amor!

III

Ignota dea

Quem és? Faxas de purpura,
Ou panos de brocado,
Cingiram delicado
O teu corpo infantil?
Ou foi em pobre berço,
Improvisado á pressa,
Que repousou gentil
Essa loura cabeça?
    Quem és—que importa? O amor
    Quem sabe onde nasceu?
    Deus é quem no-lo deu,
    Porisso eu te amo, flor!

Donde és? Onde primeiro
Floriu teu riso ledo?
Ouviste de Quevedo
Ou de Camões as trovas?
Nos fragosos rochedos
Do Herminio te creaste,
Ou nas sombrias covas
De Covadonga erraste?

Donde és — que importa? O amor
Não tem patria nem lei;
O que em verdade sei
É que te adoro, flor!

Teu nome! — Quem deu nome
Á viração que passa
E tepida esvoaça
Nos lirios d'essa bôca?
Que nome tem o aroma
Que de uma flor se esvae,
E como tu, provoca
Seduz, embriaga, atrae?
Teu nome! E ao nosso amor
Que nome lhe hão de dar?
Queiras-me tu amar,
E o mais que importa, flor?

Donde és, quem és, teu nome,
Ninguem o sabe ao certo!
Tu és um livro aberto,
Que ninguem sabe ler!
Mais anjo que mulher,
Do céu mais que da terra,
A perfeição celeste
Em ti se espelha e encerra!
Que mais me importa a mim,
Ó mysteriosa flor?
Tu és o meu amor,
O meu principio e fim!

IV

Ballada

Silencio! ao longe murmura
Não sei que vaga harmonia
Que de prazer enebria,
Tal é o gosto que dá!
Parece um gorgeio d'ave
A cantar numa balceira,
Mas de fórma, de maneira
Como na terra não ha!

Parece moira encantada
Sonhando, ao luar, quem sabe
Á espera de quem lhe acabe
O encantamento fatal!
Mas eu não vejo a distancia,
Por mais que interrogue a noite,
Nem gruta onde ella se acoite,
Nem palacios de crystal!

O que sei é que essa musica
Tão docemente se instilla,
Que só de escutá-la e ouvi-la
Se sente não sei o que!
Um mixto de gôsto e pranto
Um vago anseio exqùisito
D'alcançar o céu bemdito
Que só o coração vê!

Virgem d'ignota ballada,
Se és o sonho que eu afago,
Desfaz-me este anseio vago,
Revela-me o teu segredo!
A noite é serena e tepida,
Encantos mil tem a vida,
Sereia que andas perdida,
Vem a meus braços, sem medo!

Se és feita d'alvas espumas,
Se és a ondina da lagôa,
Desce a mim em quanto vôa
Para ti o meu desejo!
Acorda na alma do poeta
A verdade da poesia,
E o meu canto ao céu envia
Nas leves azas d'um beijo!

Suspende, pois, o teu vôo
Nesse caminho em que vaes,
E presta ouvido a meus ais,
Fantazia, sonho ou flor!

Se tu és a occulta sombra
Da verdade que eu procuro,
Abre-me o céu do futuro,
Leva-me comtigo, Amor!

V

Alvorada

Já trina a cotovia
No silveiral em flor;
Acorda, meu amor,
É dia!

Manhã d'enlouquecer!
Ó bella castellã,
Vem ver a tua irmã,
Vem ver!

Vem ver que brilho o seu!
Um brilho triumphal,
Um brilho só egual
Ao teu!

Vem ver um colibri
Tangendo ignota lyra,
Que chama e que suspira
Por ti!

Chama-te a cotovia
Do silveiral em flor;
Acorda, meu amor,
É dia!

VI

Aspirações

Se ao romper da lua canção peregrina
Soar na deveza, por noites caladas,
Sou eu que suspiro, na lyra divína,
Correi a abraçar-me, gentis namoradas!

Se o canto for triste, qual vaga distante
Que em praia deserta vae dar nos escolhos,
Lembrae-vos, donzellas, do naufrago errante
Que busca seu norte na luz d'esses olhos!

Porém se, a deshoras, meu ultimo canto
Gemer de cançado nas cordas da lyra,
Correi, virgens lindas, a ungir-me de pranto,
Que por vós somente meu peito suspira!

VII

Guiomar

Ao teu balcão recostada
Porque suspiras, Guiomar,
Se o meu coração não cessa
De te amar?

Teus olhos andam errantes
Como andorinhas no ar;
Pousa-os nos meus, que não deixam
De te amar!

Quanto mais no peito sinto
A chamma de teu olhar,
Mais em mim cresce o desejo
De te amar!

Cae-me a guitarra do braço,
De tanto querer e amar;
Vae-se-me a voz em suspiros,
Ai! Guiomar!

VIII

Alta comedia

Por essa porta entrei, subi a escada,
Vim sem convite, mas faltar não falto!
Pouco dinheiro trago, um quasi nada,
Mas trago luva branca e chapeu alto!

Eis o que sou; agora, anjos cativos,
Em cujo olhar um falso amor se ateia,
Figurae-me de novo, em quadros vivos,
Do amor pagão a lubrica epopeia!

É bem de ver que o trago da cicuta
Que vós me propineis em quentes beijos,
Calmar não pode a truculenta luta
De meus crueis e indomitos desejos.

Mas faz-me bem, talvez, linda Consuelo,
Rolar a fronte pelo teu regaço,
Nas ondas mergulhar do teu cabello,
Cingir teu corpo num estreito abraço!

Quem sabe! Foi tão longa a caminhada
Para chegar aqui no dia d'hoje!
Venho do fim do mundo, alma penada,
Atraz de um sonho que se esváe, que foge!

Não te ponhas a rir, ó lá Rubena,
Que tu não sabes que tormento é o meu!
Sabes acaso tu o que é ter pena
D'algum sincero amor que nos morreu?

Disseste-me outro dia: —«A vida goza,
Que d'este mundo nada mais se leva.»
Talvez, talvez, se a vida é côr de rosa,
Mas que illusão, se a vida é côr da treva!

Mas agora me lembra: Quanto custa
Neste mercado um beijo de mulher?
Vamos, dizei-mo; aqui tudo se ajusta;
Dinheiro á vista e aluga-se o prazer!

Mas vós emmudeceis, sombras funereas
D'um sol que se apagou! mas vós choraes!...
Bem vedes que eu só vim, Tenorio em férias,
Assistir á comedia e nada mais!

IX

Musa nova

A musa da nossa edade
É um ser extravagante,
Com egual jovialidade
Sorri ao Bocaccio e ao Dante.

Ora sólta sobre ruinas
O grito das maldições,
Ora do alto das collinas
Faz discurso ás multidões.

Anda-lhe á cinta uma espada
Que é a justiça e a destreza,
Nos olhos uma alvorada
E na bôca a marselhesa;

E até com ares de crente
Vae de rastos, á sucapa,
Com mesuras de innocente
Beijar a sandalia ao papa!

Que a travêssa musa d'hoje
Nenhuma aventura teme,
Ou, catholica, se roje,
Ou, apóstata, blasfeme!

Em summa, é nephelibata;
E como o que é novo engoda,
Está sendo a flôr e a nata
Do gongorismo da moda!

Tal é nos tempos que vão
Esta esphinge, este duende,
Que põe tudo em confusão
Onde já ninguem se entende.

Ora a minha musa nova,
A que enche todo o meu ser,
Aquella que ha de ir á cova
Chorar-me quando eu morrer;

A deidade que eu prefiro
E trato com mais esmero,
Aquella que mais admiro
E sobre todas venero;

É uma serrana bella
Que um dia encontrei no monte,
De madresilva e marcella
Toucada a virginea fronte.

É uma gentil plebeia,
Pastora sadia e forte,
Que prefere o sol d'aldeia
Ao gaz dos salões da côrte!

A testa espaçosa e bella,
O cabello d'oiro fino,
E uma tunica singella
Sobre o seu corpo divino!

Filha e irmã de trovadores,
De estirpe superior,
Se calha fallar d'amores,
Ninguem os conta melhor.

Ás vezes quando as estrellas
Desmaiam no firmamento,
E fundindo-se com ellas
Desmaia o meu pensamento,

Recosta-se nos restolhos,
A scismar, por noite calma,
E estende os limpidos olhos
Ao azul num vôo d'alma!

D'uma bondade sem nome,
Os olhos se lhe humedecem
Diante de quem tem fome,
Diante dos que padecem!

Divina sacerdotisa,
Quando a tópo no caminho,
Tapeto-lhe o chão que piza
De palmas e rosmaninho!

Musa do amor e da lyra,
Sereia d'eburneo collo,
Nas suas graças se inspira
O proprio divino Apollo!

Mora numa agua furtada
Que lhe deram no Parnaso;
Vive só, não tem creada,
Nem de etiquetas faz caso!

Entanto a galanteria
Tambem lhe impõe selecções,
Dos Triboulets se desvia
E aperta a mão a Camões.

Que ella, com ser democratica,
Nenhum aulico a desbanca
Em questões d'alta pragmatica
E no uso da luva branca!

Eis a minha musa nova,
A que enche todo o meu ser,
Aquella que ha de ir á cova
Chorar-me quando eu morrer!

X

Volata

Amor, encanto,
Porque sorris?
Não vês que o pranto
Te contradiz?
Pomba que gemes
Em noite escura,
Foge em procura
D'outro país!

Se a onda morre
Na praia mar,
Qual velha torre
Vae desabar,
Aos pés te expira
Meu vão desejo,
Mal que te vejo
Por mim passar!

Se a alegre pomba
Que vae no espaço,
Caindo tomba
No teu regaço,
Caio gemendo
Qual ave inquieta
Que hervada setta
Feriu no laço!

Por isso, encanto,
Se tu sorris,
Logo o meu pranto
Te contradiz!
Luz dos meus olhos
Em noite escura,
Foge em procura
D'outro país!

— — — —

XI

Môças da Iberia

Môças da Iberia, se um dia
Por meu mal,
Vos disserem que morri,
Podeis crêr que a terra come
O coração mais leal
De quantos no mundo vi!

Podeis correr o Oriente,
Norte e sul,
Que um peito assim tão fiel
Não o geraram por certo
Nem os harens de Stambul,
Nem gyneceus de Israel!

E por mal de meus peccados,
    Por meu mal,
A terra tem de comer
Este coração leal,
Que soube, com fé egual,
Cantar, sorrir e soffrer!

XII

Ciumes

Sabes tu que tenho pena
De chegar a amar-te tanto!
Talvez tu nem saibas quanto
Isto me afflige, morena!
Se eu não andasse comtigo
Na lembrança a toda a hora
Talvez que nunca sentisse
O que estou sentindo agora!

Quanto mais te tomo a serio,
Quanto mais tento illudir-me,
Mais acerto em persuadir-me
De que tu és um mysterio;
Pois que sendo tão vaidosa,
Coisa que ninguem negou,
Tens thesouros de piedade
Para um pobre como eu sou!

Que por vezes acontece
A todos, segundo creio,
Gostar a gente do feio
Porque bello lhe parece!
Caprichos talvez, caprichos,
Desculpa a rude franqueza,
De quem sabe quanto vale
O imperio d'essa belleza!

Ás vezes quando á tardinha
A doida briza se atreve
A dar-te um beijo de leve,
Já penso que não és minha!
Vê lá que extremos de affecto,
Que até cuido, mal te vejo,
Que o proprio vento te leva
Presa num soffrego beijo!

Ora ahi tens o motivo
Porque eu te disse, morena,
Que até sinto alguma pena
De me ver por ti cativo!
É que á medida que sobe
Por nós acima a paixão,
Mais o ciume se crava
Na raiz do coração!

XIII

Serenata

Murmura o trepido arroio
Além na veiga a distancia,
E das auras a fragrancia
Vem embalsamando a rua;
Já no teu alto mirante,
No teu balcão rendilhado,
Bate o luar prateado,
Dá longos beijos a lua!

Olha que noite formosa
Para entrevista de amores!
Desata o laço de flores
Que tuas tranças conteve;
Bem sabes tu quanto eu amo
Vêr teus compridos cabellos
Desfazerem-se em novellos
Sobre esse collo de neve!

Olha as estrellas, que lindas!
Olha como o azul celeste
Todo de luzes se veste
Para esta noite de gala!
Acorda, acorda! a guitarra
Que por ti geme e suspira,
Nas ansias do amor delira,
De tanto gemer estala!

«Ave Maria purissima!»
Brada o sereno que passa;
Nem luz nem sombra esvoaça
Pelas proximas janellas!
Que bemfadado silencio!
Sobre os passeios da rua
Apenas campeia a lua,
E ao pé da lua as estrellas!

Noite propicia aos amores
Não a deixes ir passando,
Que eu não sei a hora nem quando
Outra vez serei comtigo;
No teu balcão te debruça,
Um momento só que seja,
Mas de modo que eu te veja,
Ó virgem que adoro e sigo!

Acode, acode á janella,
Em quanto a noite o consente;
Ouve a guitarra dolente
Que geme sob os meus dedos!

No varandim rendilhado
Assoma, ó luz que entrevejo,
Quero mandar-te num beijo
Os meus intimos segredos!

Mas vae alto o setestrello,
Alta vae a lua agora;
Já minha face descora,
Ó virgem dos sonhos meus!
Cae-me a guitarra do braço
Ao som da trova ardentissima,
«Ave Maria purissima!»
Lá torna o sereno... adeus!

XIV

Visão doirada

Na sua alta varanda a ler um livro
Um romance talvez, talvez o Dante,
Está sentada aquella por quem vivo,
A minha amante.

Beija-lhe o sol a fulgida cabeça,
O sol, que mais ninguem a tal se atreve;
Ella, porém, não sente o ardor dos beijos
Na tez de neve!

Eu passo muitas vezes merencorio,
E olhando para cima, vejo-a lá,
Sempre a ler, sempre a ler, e em vão pergunto
O que lerá?

De Francesca a tragedia lastimosa?
Amantes de Verona? que sei eu!
Julieta, meu amor, que pena a minha
Não ser Romeu!

XV

O teu lenço

O lenço que tu me déste
Trago-o sempre no meu seio,
Com medo que desconfiem
D'onde este lenço me veio.

As letras que lá bordaste
São feitas do teu cabello;
Por mais que o veja e reveja,
Nunca me farto de vê-lo.

De noite dorme comigo,
De dia trago-o no seio,
Com medo que os outros saibam
D'onde este lenço me veio.

*

Alvo, da côr da açucena,
Tem um ramo em cada canto;
Os ramos dizem saudade,
Por isso lhe quero tanto.

O lenço que tu me déste
Tem dois corações no meio;
Só tu no mundo é que sabes
D'onde este lenço me veio.

Todo elle é de cambraia,
O lenço que me offertaste;
Parece que inda estou vendo
A agulha com que o bordaste.

Para o ver até me fecho
No meu quarto com receio,
Não venha alguem perguntar-me
D'onde este lenço me veio.

A scismar neste bordado
Não sei até no que penso;
Os olhos trago-os já gastos
De tanto olhar para o lenço.

Com receio de perde-lo
Guardo-o sempre no meu seio,
De modo que ninguem saiba
D'onde este lenço me veio.

Nas letras entrelaçadas
Vem o meu nome e o teu;
Bemdito seja o teu nome
Que se enlaçou com o meu!

Por isso o trago escondido,
Bem guardado no meu seio,
Com medo que me perguntem
D'onde este lenço me veio.

Quanto mais me ponho a vê-lo,
Mais este amor se renova;
No dia do meu enterro
Quero levá-lo p'ra cova.

Vem pô-lo sobre o meu peito,
Que eu hei de tê-lo no seio;
Mas nunca digas ao mundo
D'onde este lenço me veio.

XVI

Uma letra

Um lenço não vale nada,
Nem siquer um pobre verso;
Mas o lenço que me déste
Naquella noite passada,
Para mim vale o universo!

Se o mundo está circumscrito
Na letra que lá poseste!
Uma letra que resume
Tudo quanto ha de infinito,
Tudo quanto ha de celeste!

Essa letra, a fio d'oiro,
Quer valha muito, quer não,
Para mim vale um thesoiro,
Porque me recorda o nome
Que eu trago no coração!

XVII

A tua roca

Quando te vejo á noitinha
Nessa cadeira sentada,
Chaile cruzado no peito,
Na cinta a roca enfeitada;

Os olhos postos na estriga,
Volvendo o fuzo nos dedos,
Os labios contando ao fio
Da tua bôca os segredos;

Eu digo, sem que tu oiças,
Pondo os olhos na tua roca:
Se eu um dia fosse estriga,
Beijaria aquella bôca!

Que eu nunca te vi fiando,
Sem invejar os desvelos
Com que desfias do linho
Os brancos, finos cabellos!

E aquella fita de seda
Com que enleias o fiado,
Irmã do lacinho verde
Que trazes no penteado?

Parece aquillo um abraço
De um amor que é todo nosso,
A trança do teu cabello
Em volta do meu pescoço!

É por isso que eu murmuro,
Vendo a fita que se enreda:
Quem me déra ser estriga,
E ella a fitinha de seda!

Eu já não sei o que sinto
Se tristeza se ventura,
Mal que suspendes a roca
Da tua breve cintura!

Penso que fias nos dedos
Os dias da minha vida,
Ao pé de ti sempre curta,
Ao longe sempre comprida!

Pareces-me um ramilhete
Sentada nessa cadeira,
E a fita da tua roca
A silva de uma roseira!

Meu amor, quando acabares
De espiar a tua estriga,
Se ouvires por alta noite
Soluçar uma cantiga,

Sou eu que estou a lembrar-me
Da tua divina bôca,
E penso que em mim são dados
Os beijos que dás na roca!

XVIII

A tua liga

A liga da tua meia
Dizes tu que ma não dás!
Pois tu, Rosalia, és capaz
De fazer acção tão feia!

Negar dois dedos de liga,
Uma prenda tão vulgar,
A quem só por te adorar
A tantas penas se obriga!

Tal acção não é bonita,
Nem vale a pena, e não vale,
Armar batalha campal
Só por causa d'uma fita!

Tu és por certo formosa,
Mas bem vês que não tens graça,
Recusando o que não passa
De uma tão pequena cousa!

Pois uma liga de meia
É coisa que se não dê
A quem todo se revê
Nesse olhar em que se enleia!

Só se fôr que eu não mereça
Já de ti cousa nenhuma,
Um sorriso, um ai, em summa,
Uma prenda como essa!

Tão innocente pedido
Não sei como te moleste,
Se tu mesma é que disseste:
Pede que serás servido!

Ora, Rosalia, medita:
Será um grande peccado
Dar a um teu namorado
Como presente uma fita?

Desculpa, criança bella,
Mas a posse d'essa liga
A taes excessos me obriga,
Que, a bem ou mal, hei de tê-la!

De duas uma: ou tu vens
A consentir bôamente,
Ou eu faço-me imprudente
E vou roubá-la onde a tens!

Mas como, emfim, sou cortês,
E te desgosta a ousadia,
Esperarei pelo dia
Em que ella te caia aos pés...

XIX

Canção ao luar

Gentis namoradas, ó pallidas môças,
Erguei-vos do leito, que eu vou descantar:
As trovas que solto são minhas, são vossas,
Ouvi lindas trovas d'amor, ao luar!

A lua desponta num céu de saphiras,
Exhalam perfumes os prados em flor,
Ó lua saudosa, só tu é que inspiras
Ardentes de fogo meus cantos d'amor!

Erguei-vos á pressa, trazei as violas,
Passae-lhes nas cordas os dedos gentis;
Ó lirios da noite, dobrae as corollas
Aos beijos da lua, mimosas huris!

A lua vae alta, na altura descança,
Resvala formosa nas ondas do mar,
As vagas murmuram anseios d'esperança,
Aos beijos serenos do argenteo luar!

O vento não geme, nem briza volteia,
Profundo silencio, que noite d'amor!
Saltae delirantes na alegre choreia,
Dobrae vossas hastes, roseiras em flor!

Um dia em que as auras beijavam as cordas
Trementes, queixosas, do meu bandolim,
Vê tu, Magdalena, se bem te recordas,
Sorriste, poisando teus olhos em mim !

E as auras frementes, num trepido adejo,
Qual bando de fadas, pairando no ar,
Correndo ligeiras roubavam-te um beijo,
Ó noites formosas, ó noites de luar!

Teus seios tremeram, teu rosto de neve
De pejo incendido, qual lirio, pendeu;
A lua na altura seu curso deteve,
E ao longe um suspiro nos ares gemeu!

Gentis namoradas, tal sou como o vento
Que em brandos suspiros se expraia no ar,
As notas que tiro do alegre instrumento,
São vozes que gemem d'amor, ao luar!

Erguei-vos do leito, erguei-vos á pressa,
Gentis namoradas, que breve é manhã!
Mas antes que a lua no céu esmoreça,
Olhae como brilha, como vae louçã!

Correi delirantes, ó lindas donzellas,
Violas no braço, tangendo a primor,
As finas cinturas dobrando-se bellas,
Nos labios rosados suspiros d'amor!

Archanjos dormentes, ó pallidas môças,
Correi ás janellas a ouvir descantar;
As trovas que solto são minhas, são vossas,
Ouvi lindas trovas d'amor, ao luar!

XX

Vida airada

Dizes que trabalhe eu!
Trabalhe para que?
Para ganhar o céu?
O céu é de quem é!

O céu de toda a gente,
O céu mais verdadeiro,
É sempre andar contente,
É sempre ter dinheiro!

O resto nada importa!
Demais, força é dizê-lo,
Eu sou a arvore morta
Queimada pelo gêlo!

Já ninguem me redime
Do mal que me pegaram
Os paes que me geraram
Na podridão do crime!

De leite envenenado
Meu corpo se nutriu;
Medrei acalentado
Num seio que mentiu!

Cresci, cresceu comigo
O germen da maldade;
Madrasta, a sociedade
Negou-me amparo e abrigo!

Pedi que me livrasse
Das garras vis da fome;
Mostrei-lhe a magra face,
E disse-lhe o meu nome.

Meu nome! grão d'areia
Em vasto areal deserto,
Bocejo aos ares sôlto
Ao cabo d'uma ceia!

Meu nome! quem decora
Um nome, havendo tantos?
Quem é que attende aos prantos
De quem tem fome e chora?

Mas que desmemoriado!
Não me lembrava então
Que para ser honrado
Preciso é ser ladrão!

Agora ando contente,
Que rica mocidade!
Ama-me toda a gente
Na alta sociedade!

De dia gasto as horas
A passear na rua;
De noite amo as senhoras
E catrapisco a lua!

Sou tão afortunado
Que sem gastar real
Já tenho, mobilado,
Um quarto no hospital!

E até quando eu quiser,
Já não sou o primeiro,
Posso ir espairecer
Até ao Limoeiro!

E quando me appeteça,
Se me calhar a vez,
Enfio na cabeça
A c'rôa de marquês!

E dizes-me que o céu
Se ganha a trabalhar!
Bem vês, sem me matar
O estou gozando eu!

XXI

Canção do bandoleiro

Mulheres que andaes perdidas,
Em procura — louco intento! —
De folguedos,
Vinde pesar vossas vidas
Na balança que sustento
Nos meus dedos!

Balança d'oiro e de prata,
Herança de reis já findos,
Vinde, amores,
Quero vêr se ella aquilata
O valor d'uns olhos lindos,
Tentadores!

Quero vêr se o meu dinheiro
Vale bem vossa esmeralda,
Nenufares;
Eia, mulheres, primeiro
Lançae ao chão as grinaldas
E os collares!

Erguei os olhos maguados,
Distendei os membros lassos,
Vinde, amores;
Quero expiar meus peccados
No cilicio d'esses braços
Redemptores!

Vossos collos de alabastro
Desnudae-os, quero vê-los
Palpitantes,
Emquanto vos desenastro
Por minha mão os cabellos
Ondulantes!

A balança está em ponto,
Pago amor, pago desejos,
Tudo á risca!
Dou dinheiro porque conto
De saber o que são beijos
De odalisca!

Ó meu serralho é singelo,
Não tem brocados, nem sedas
De mil côres;
Mas estima-se o que é bello,
E as horas passam-se ledas,
Vinde, amores!

Mulheres que ides perdidas
Em procura — louco intento! —
De folguedos,
Vinde pesar vossas vidas
Na balança que sustento
Nos meus dedos!

XXII

Galateia

Galateia gentil, porque foges,
Se me lanças teus olhos assim?
Tu não vês que me levas a vida
Quando fitas os olhos em mim?

Quando o sol, desmaiando na encosta,
Vae ao longe brilhar noutros céus,
E através d'essas nuvens doiradas
Te illumina, num ultimo adeus,

Tu assomas graciosa á janella,
Contemplando os craveiros em flor,
Ou estendes o olhar pelo espaço,
Embebida num sonho d'amor!

Mas se acaso num lance me viste
Nesse busto de fada attentar,
Para os cravos sorris, mas os olhos
Mais que o riso me fazem penar!

Esses olhos que estrellas retratam,
Esses olhos de esquivo desdem,
Esses olhos que a vida me trazem,
E que a vida me levam tambem!

Galateia gentil, se és de neve,
Porque teimas, fitando-me assim?
Pois não vês que me queimas na chamma
D'esses olhos que fitas em mim?

XXIII

O estudante de Salamanca

Nos jardins de Salamanca,
Margens virentes do Tormes,
Achei uma rosa branca,
Eras tu, anjo que dormes!

Com meu bandolim ao peito,
Ao relento, pela rua,
Em quanto dormes no leito,
Eu canto versos á lua!

Outrora d'essas janellas
Sobre mim choviam flôres,
Segredavam-me as estrellas
Os seus intimos amores.

Outrora, alegre estudante,
Sem cuidados nem canceira,
Passava as noites á beira
Da porta da minha amante;

Tu sorrindo-me da grade,
Como freira em seu convento,
Eu, por não poder ser frade,
Aqui ás chuvas e ao vento!

Agora em vão por ti clama
O meu peito á luz da lua;
Emquanto eu velo na rua,
Tu dormes na tua cama!

Ó noites da bella Hespanha,
Onde gemem trovadores,
Cá me ficam meus amores,
Ai! que tristeza tamanha!

Irei cantando, levado
Por essas terras além;
Mas comigo hão de ir tambem
As penas do amor passado!

Se tu foste o livro santo,
Onde eu aprendi de cór
As letras do nosso amor,
Doiradas pelo teu pranto!

Linda flôr de Salamanca,
Nascida á beira do Tormes,
Eu velo emquanto tu dormes,
Perfumada rosa branca!

XXIV

Canção d'amor

Silencio, guitarra minha,
Deixa ouvir, deixa escutar
Á branca luz do luar
A canção que sôa agora!
Virações que ides passando
Pelos roseiraes em flor,
Vinde ouvir do meu amor
A canção que por mim chora!

Ondas que vindes á praia
Beijar a areia e morrer,
Ondas, deixae de gemer,
Noite, não penses na aurora!
Trovadores namorados,
As vossas lyras calae,
Emquanto nos ares vae
O canto que geme e chora!

Harpas ethereas, silencio !
Na lyra de um cherubim
Alguem suspira por mim,
Alguem piedade me implora!
Aves que estaes escondidas
Na folhagem do rosal,
Ouvi a vossa rival,
Que de longe canta e chora!

Oiçam do céu as estrellas
O canto ameno e subtil
D'aquella voz infantil,
Mysterio do amor que adora!
Silencio! que a virgem sonha
Sonhos d'amor ao luar!
Deixae, deixae-a cantar,
Emquanto o meu peito chora!

XXV

A lavadeira

Naquella ribeira,
Naquelle remanso,
Onde as aguas fazem
Como que um descanço,
Linda lavadeira,
Busto divinal,
Bate o linho novo
Do seu enxoval.

Andorinha leve,
Prestes a voar,
Linda borboleta
Que busca o seu par,
Pela veia d'agua,
Limpido crystal,
Passa a teia branca
Do seu enxoval.

Sobre a pedra lisa
Bate o seu fiado,
Para a sua cama,
Para o seu noivado;
E na verde relva,
Junto do areal,
Brilham finas peças
Do seu enxoval.

Pela areia branca
Do estendedoiro
Bate o sol em cheio
Como chuva d'oiro.
Que lindo justilho!
Que lindo avental!
Que lindo vestido
Que rico enxoval!

Olhos negros, negros
Olhos tentadores,
Quem mos dera, dera
Para os meus amores!
Peito afadigado,
Lindo rosto oval,
Vae lidando sempre
No seu enxoval!

Como um passarinho,
Sobre tenra flor,
Se vê outro em frente
Canta com ardor,

Lembra-se do noivo,
E a pensar em tal
Toda se remira
No seu enxoval!

Bella franganita,
Lindo olhar esquivo,
Que me deixa agora
Mais morto que vivo,
Naquella ribeira,
Naquelle areal,
Bate o linho novo
Do seu enxoval.

Pois que é do seu gôsto
Deixem-na lidar,
Môça casadoira,
Prestes a casar;
Saberá um dia,
Não lhe queiram mal,
Que tece a mortalha
Quem faz o enxoval!

XXVI

Xacara de D. João

Passava da meia noite,
Horas mortas quem as conta?
Contava-as eu, uma a uma,
Ou não contava, que monta?

Que importa que seja noite
Ou que desponte a manhã?
Para entrevista de amores
Sempre está prompto D. Juan!

A verdade é que o silencio
E a tréva que então havia,
Aterrar, não me aterravam,
Mas todo eu estremecia!

Que D. João, a deshoras
Pode tremer, mas não cáe;
Péga da guitarra e canta,
Passo em frente e alegre vae!

Olhei em roda, silencio!
O céu carregado e escuro!
Bella noite de aventuras,
E caminhei mais seguro!

Alem naquella janella
Avulta formoso rôsto;
Approximei-me de manso
E colloquei-me no pôsto.

A bella filha do alcaide
Já me esperava, era só;
Fallei-lhe, lançou-me a escada,
Era a escada de Jacob!

«Subamos ao céu, murmuro,
Que Deus me ajude» — e ajudou!
Leve como o pensamento,
A escada ao céu me levou!

Sentado então junto d'ella
Todo o meu corpo tremia,
Involvia-me o silencio,
E o escuro que então fazia.

— Tu tremes, D. Juan intrepido!
«Tremer eu! de nada tremo;
Sou valente como as armas
Desafio o proprio demo!»

— Dá-me o teu braço — e os meus braços
Seu fragil corpo cingiram;
Ansias de morte não valem
Ansias que então me pungiram!

Se eu ia a jogar disposto
Que importa perder a vida?
Eu nunca joguei a medo
Na mais difficil partida.

Affeito aos duros revezes
Do perfeito jogador,
Quando jogo, arrisco tudo
Sobre uma carta de amor!

Joguei, joguei, mas ao certo
Ninguem sabe quem ganhou;
Para dizer a verdade,
Cuido que o jogo empatou.

— Queres? joguemos de novo
Ella me disse — «joguemos!»
E jogámos toda a noite,
Perdeu ella, ambos perdemos!

*

Houve um profundo silencio.
«E qual de nós perdeu mais?»
— Mulher sou! — O resto disse-o
O murmurio dos seus ais.

Tive dó e tenho-o ainda,
Mas se Deus me fez assim,
Para calcar quantas rosas
Vem cair ao pé de mim!

Na alcôva silenciosa
Brilha então um castiçal;
Olhei em roda, julguei-me
Na côrte celestial!

Mudo, estatico, enleado,
Fitei-a com ansiedade;
Ella, coitada, sorria
Sabe Deus com que vontade!

Que noite aquella! confesso
Que noite assim nunca vi,
Nem espero em vida minha
Sentir o que então senti!

Ainda agora, se acaso
Me lembro d'essa partida,
Pégo da guitarra e canto
Os gôstos que tem a vida!

XXVII

Voltas

O teu olhar, Dolores, que jocundo!
Quando elle cáe, piedoso, no meu seio,
Até parece que me vou do mundo
Num vago enleio!

Olhar tão dôce! Quem não ha de amá-lo!
Ver-te, Dolores, nada mais desejo;
Pois imagino que de dôr estalo,
Se te não vejo!

Ver-te e seguir-te, a nada mais aspiro!
Seguir-te sempre como sigo a aurora
Que vem doirar o sonho em que deliro
A toda a hora!

Ver-te e adorar-te, nada mais jocundo!
Ver-te e adorar-te, nada mais desejo;
Pois me parece que me foge o mundo,
Se te não vejo!

XXVIII

Rosario

Casta Rosario, ó candida innocencia,
Em cujo olhar um puro amôr se inflama,
Porque dissipas loucamente a essencia
De tanto amor sobre este mar de lama?

Não firas no teclado os tenros dedos,
Suspende o canto alegre, enamorado;
Como pode entender os teus segredos
Meu pobre coração envenenado?

De que serve do amor a alta virtude
Para os Tenorios d'esta edade impura,
Se a taça vae ao lado do alaude
Nas doidas saturnaes por noite escura?

Casta Rosario, ó flor das lindas môças,
Apaixonada e ingenua Galateia,
Mais do que tudo quanto valer possas,
Vale um bom dote em farto pé de meia!

XXIX

Seguidilhas

O teu cabello loiro,
Ó linda Annita,
Nem mesmo um fio d'oiro
Na côr o imita!
Que vida a minha!
Prendesses-me tu nelle,
Linda vizinha!

A lua quando passa,
A propria lua,
Não tem a doce graça
Da face tua!
Que formosura!
Não tem neves da Estrella
Tamanha alvura!

Ha pouco pequenina,
Lirio a nascer,
Hoje môça e menina,
Quasi mulher!
Mimosa flôr,
Tu és o vaso mystico
D'occulto amor!

Se te não vejo e chóro
Em desespero,
É quando mais te adoro,
E mais te quero!
Que triste vida!
O amor que me devora
Não tem medida!

O teu canario esmola,
A pipillar,
De dentro da gaiola
Teu doce olhar!
Ai! linda huri,
Como não ha de a gente
Chorar por ti!

XXX

Amor pagão

Não sei que tens no olhar que me impressiona,
Que me suspende num cruel anseio!
Soberbo olhar, egregio, de madona,
Que é todo o meu tormento e o meu recreio!

Altiva e desdenhosa, amor impuro
Estás chamando ao meu amor ardente,
Sem veres como, escravo, te procuro,
E o chão que pizas vou beijar tremente!

Mas dize uma palavra, ó flor do Hymeto,
Onde a abelha do amor tem mel a flux,
Uma palavra só, e eu te prometto
Christãmente morrer como Jesus!

Será teu niveo collo o meu calvario,
Os teus braços a cruz da redempção,
E os labios teus a chave do sacrario,
Onde eu hei de ir fechar meu coração!

XXXI

O bandolim de D. João

O meu bandolim nocturno
Era do velho D. João,
Que vivia nas Hespanhas
Em tempos que já lá vão.

Na sua ultima noite,
Ao despedir-se de mim,
Por derradeira lembrança
Deixou-me o seu bandolim.

Mas vinha desafinado,
Que o mestre, quando mo deu,
Deixou cair sobre as cordas
O pranto que então verteu!

Agora em vão o tempero,
Voltas mil em vão lhe dou,
Nunca mais, por mais que faça,
Ao seu natural voltou!

Era um segredo por certo
Que morreu com D. João;
Bandolim, quem te tornara
Aos tempos que já lá vão!

XXXII

Pés pequenos

Que pequeninos pés! Quem já viu cousa
Tão breve, tão subtil!
Pés de mulher não são, são pés de rosa
Dos canteiros d'abril!

São como delicadas miniaturas
Da perfeição ideal,
Feitura sublimada entre as feituras
Do artista sem egual!

É tal a pequenês, a exiguidade,
Tão pequeninos são,
Que me cabiam ambos á vontade
Dentro d'uma só mão!

Não é feitio meu ser lisonjeiro,
Mas tenho de dizer
Que se vendidos fossem a dinheiro
Nalgum leilão qualquer,

Montanhas d'oiro um Creso lançaria,
Por tão exiguos pés!
Capaz serias de arruinar num dia
Algum banqueiro inglês!

Mas o que eu mais estranho, o que eu mais acho
De admiravel, emfim,
É como tu não cáes d'elles abaixo,
Sendo elles assim!

XXXIII

Andalusa

Ei-la que passa! a mantilha,
Desde a cabeça á cintura,
Dá-lhe o aspecto de uma santa
Em primorosa moldura!

E que bem que ella lhe fica!
As pontas descem de geito
Que parecem duas azas
Aconchegando-lhe o peito!

Ei-la que passa! nos olhos
Que regio olhar! que expressão!
Vê-la é cair de joelhos
Aniquilado no chão!

E os fartos, negros cabellos,
Revoltos em desalinho,
Contrastando com a neve
Do seu peitilho de arminho!

E a rosa rubra suspensa
Do penteado singelo,
Como estrella incendiada
Presa ali por um cabello!

E o passo! que andar aquelle!
Que soberana elegancia!
Vê-a a gente vir ao longe
E já se curva a distancia!

Que singular magestade
No busto soberbo, altivo!
Quem nella fitar os olhos
Fica mais morto que vivo!

Ella vae só, mas parece
Que um regimento a acompanha!
Passa a flor da Andalusia!
Passa a formosa de Hespanha!

Vae fallando, com quem falla?
Vae sorrindo, com quem ri?
Vae fallando com o leque,
Sorrindo a quem lhe sorri!

Que uma hespanhola galante
Sabe com o leque fallar;
Se o leque lhe apanha os beijos
Que andam perdidos no ar!

Sem o feitiço do leque
Naquellas mãos de velludo,
A fallar, falta-lhe o gesto,
Calada, falta-lhe tudo!

Mas dae-lhe o leque e a mantilha,
E uma flor para o toucado,
E vereis de uma andalusa
O typo mais acabado!

Senão reparae: que passo!
Que imponencia! que expressão!
Vê-la é cair de joelhos
Aniquilado no chão!

---

*

XXXIV

Dolôra

Quando a flor da amendoeira
Por um fio pende da haste,
Quem irá soldar o engaste,
Se estalou?

Pouco a pouco a pobre murcha
Sobre o ramo que a sustinha,
E o proprio aroma que tinha,
Se evolou!

Tal qual a petala solta
Das corollas mais viçosas,
Meu coração entre rosas
Murchará!

E se a alegre primavera
De boninas enche os valles,
O remedio de meus males
Onde está?

Só se estiver numa lagrima
D'esses olhos compassivos,
Olhos que tem attractivos
Divinaes;

Só se estiver na piedade
Que vejo no rosto bello
D'aquella a quem sobe o anhello
De meus ais!

XXXV

Sonata

Acorda, meu amor, abre a vidraça,
Vem ver a noite como é bella agora!
Emquanto a lua nas alturas passa,
Ouve a guitarra que soluça e chora!

Dormes acaso, branca pomba mansa?
Quem te acordára, meu amor perfeito!
Só nunca dorme, nem sequer descança
A immensa fragua que me escalda o peito!

Acorda, acorda, amor; abre a vidraça
A noite é bella, os corações enleia!
Emquanto a lua nas alturas passa,
Ouve a guitarra que por ti anseia!

XXXVI

O moribundo

(CANÇÃO POPULARIZADA PELOS CEGOS DA BEIRA)

Da vida vae findar o meu degredo,
E não mais te verei, sonhado amor!
Nunca mais, nunca mais, teu rosto ledo
Virá lembrar-me a primavera em flor!

Nem sequer levo o abraço da partida,
Pomba de neve que eu do peito amei!
Mal sabes tu que, ao despedir da vida,
Me está lembrando o amor que te votei!

Podesse, ao menos, ver-te junto ao leito,
Dizer-te o que este amor por ti me diz!
Podesse ainda aconchegar-te ao peito...
Depois, meu Deus, que morte tão feliz!

XXXVII

As filhas do Manzanares

Filhas do Manzanares,
Quem vos não ha de amar,
Ó vaporosas sylphides nos ares,
Por noites de luar?

As estrellas que giram,
Por noite erma e calada,
A mente sonhadora não inspiram
Canção mais namorada!

Se volitaes á tarde
Pelos jardins do Prado,
Só coração de gelo é que não arde,
Passando ao vosso lado!

Vós sois, no olhar inquieto,
Taes quaes as borboletas
Que á luz do sol, pelos rosaes do Hymeto,
Poisam nas violetas!

Passae, girae, donzellas!
Se o amor é quem me inspira,
Onde houver um balcão, luar e estrellas,
Meu bandolim suspira!

Se vós sois o conjunto
De quanto existe bello,
Aos astros pelo céu já não pergunto,
Que em vós estou a vê-lo!

Girae, correi ligeiros,
Passae, lirios nevados!
Fazem-vos guarda d'honra dois archeiros,
Meus olhos namorados!

XXXVIII

Aldeã

Ao lado, môças d'aldeia!
Vae passar
A formosa entre as formosas
Do logar!

Não ha rosto mais mimoso
Por ahi;
Palmo de cara mais linda
Nunca vi!

Vem do rio, traz a bilha
Toda coberta de flores,
Assente sobre a rodilha
De mil côres!

O lindo braço arqueado
Na cintura,
E no rosto desmaiado
Que doçura!

Nunca em viçoso rosal
Se creou singela rosa,
Já não direi mais formosa,
Mas egual!

As pontas do lenço branco
Dão-lhe no busto gentil,
Ao sabor da leve aragem,
Beijos mil!

Ao lado, môças d'aldeia!
Vae passar
A formosa entre as formosas
Do logar!

Não traz cravos no cabello,
Mas que importa,
Se a natural formosura
Nos transporta?

E a linda saia que veste,
Linda saia,
Transparente azul celeste,
De cambraia?

E a pequenina chinella
De verniz
A moldurar pés tão breves
Tão gentis?

E a meia branca a alvejar!
Só de a vêr,
Dá vontade de dizer:
Quem t'a ajudára a calçar!

Mas silencio! Ei-la que chega!
Vae passar
A formosa entre as formosas
Do logar!

———

XXXIX

Eburnea

Teus braços lindos, lindos, quem de leve
Fosse tocá-los, sentiria a flux
Prazeres como eguaes ninguem os teve!
Que feliz não será, meu santo Deus,
Aquelle que puder chamá-los seus!
Jesus!

Onde se viu mais branca e mais lustrosa
Marmorea pedra reflectindo a luz
Do que esses braços teus, candida rosa?
Feliz aquelle que tiver a sorte
De nos teus braços esperar a morte,
Jesus!

Nem arte grega nem cinzel imita
A perfeição d'esses teus braços nus!
Se no teu peito doce amor palpita,
Que lindo encôsto para membros lassos
O macio velludo dos teus braços,
Jesus!

Emfim, se alguma vez tenues harpejos
Ouvires junto a solitaria cruz,
Lá muito longe, em apartados brejos,
Estende para mim teus braços, linda,
E eu morrerei a suspirar ainda:
Jesus!

XL

A noite de S. João

Á roda, á roda, môças,
Sem descançar,
Tranças ao vento dadas
A tumultuar,
Como as ondas revoltas
Do escuro mar;
A vida é triste e curta,
Folgar, folgar!

Não ha santo que possa
Dizer-se egual,
Que tenha mais virtude,
Nem mais jovial;

Solteiras ou viuvas,
A cada qual
Ou casa ou leva á côrte
Celestial!

Saltae, pois, as fogueiras,
Toca a saltar,
Por cima do rosmano
A suspirar
Por esses pés ligeiros
De enfeitiçar,
Por essas leves saias,
Brancas de luar!

A alegre madrugada
Não tardará;
A clara estrella d'alva
Desponta já;
Em breve o som das violas
Se calará;
Depois, d'aqui a um anno
Quem chegará!

Porisso, emquanto é tempo,
Escolhei par;
Lançae-vos na choreia,
Toca a folgar,
Tranças ao vento soltas
A tumultuar,
Que a vida é como a sombra
A deslizar!

XLI

A noite do Natal

Môços e velhos, vinde, acudi prestes;
A noite é sem egual!
Não vos assuste a nevoa que esvoaça
Por sobre o escuro valle,
Que as estrellas do céu nos vão guiando
Á missa do natal!

Esta noite é noite santa,
Não é noite de dormir,
Que um lindo botão de rosa
Á meia noite ha de abrir!

Já se illumina a torre, e nos altares
Estão lumes a arder;
Sob um docel de nuvens côr de rosa
Um sol a amanhecer;
E o sacristão sentado na ventana
Os sinos a tanger!

Sinos tocae, tocae sinos,
Sinos da minha paixão;
Morda-se o moiro e o gentio,
Exulte meu coração!

Nas lyras d'oiro os serafins descantam,
Em extasis d'amor;
Santos e santas de rosadas côres
Contemplam em redor;
Fazem a côrte ao rei dos reis que nasce
Os anjos do altar mór!

Harpas d'oiro, lyras d'oiro,
Anjos do céu, afinae;
Paz na terra e nas alturas
Gloria e louvor a Adonay!

Os instrumentos pastoris acordam
Os echos da amplidão;
E as estrellas no azul profundo tremem
De estranha commoção,
Como se nellas palpitasse agora
Meu triste coração!

Tangedores de viola,
De pandeiro e tamboril,
Tomae vós a minha lyra,
E dae-me o vosso arrabil!

Mas já o padre cura, alvinitente,
Sobe os degraus do altar;
Segue-o da Virgem o sorriso angelico
E o jubiloso olhar,
Emquanto o filho no seu berço d'oiro
Parece repousar!

Padre cura, meu bom padre,
Padre de nossos avós,
Já que rezaste por elles,
Á Virgem reza por nós!

É meia noite dada, principia
O alegre festival!
Que importa a neve que se espalha em flocos
Por esse escuro valle?
Môços e velhos, vinde, acudi prestes,
Que é noite do Natal!

Esta noite é noite santa,
Outra mais santa não ha,
Que um lindo botão de rosa
Desabrochou em Judá!

---

*

XLII

Canção do menestrel

Senhora que te recostas
No peitoril da janella,
Abaixa os olhos á rua
E vê quem passa por ella.

Não é o sol que passeia,
Nem a restea do luar,
São dois olhos que navegam
No rumo do teu olhar!

Manda apagar as estrellas,
Manda recolher a lua,
Só quero por testemunhas
Os lagedos d'esta rua.

Aos astros impõe silencio,
E o vento manda-o calar,
Não quero que os meus segredos
Vôem perdidos no ar.

Alta janella da esquina,
Quem te podera abater,
A rosa que nella vejo,
Quem na podera colher!

Se ao menos os meus suspiros
Lá te podessem chegar,
Mas sopra o vento contrario
E o vento os leva no ar!

Mal haja o amor que dá penas,
Ardente amor que me abrazas,
De que me servem as penas,
Se me fallecem as azas!

Se em vez de penas d'amor,
Fossem pennas de voar,
Suspiros que o vento leva,
Não se perderam no ar!

XLIII

Silva de cantigas

O peixe vive nas aguas,
Vive a flôr entre os abrolhos,
Só eu não vivo um instante
Longe da luz dos teus olhos.

Cada vez que a tua falla
Vem morrer nos meus ouvidos,
De sobresalto e de gôsto
Perco de todo os sentidos.

Tu és o raiar da aurora
Que no puro azul divaga,
Eu, frio sol que descora,
E pouco a pouco se apaga.

Saudades que me vão nalma
Ninguem as póde contar,
São tantas como as estrellas,
Como as areias do mar.

Meu amor se andas perdido
Sem saber quem te perdeu,
Nos meus olhos tens a escada
Por onde se sobe ao céu.

Como a rosa desfolhada
Vae boiando na corrente,
O meu pensamento vôa
Para ti constantemente.

Se eu soubesse que te rias
Quando eu suspiro e dou ais,
Tirava os olhos da cara
Para nunca te vêr mais.

Quando foi á despedida,
Quando te apertava a mão,
Dobrou o sino a finados,
Morria o meu coração.

Quando eu morrer vae á cova
Sobre o meu corpo chorar,
Que ao sentir que por mim chamas
Hei de aos teus braços voltar.

Não te faças tão esquiva,
Não digas que me não queres,
Que eu por mal de meus peccados
Bem sei o que são mulheres.

Se tu suspiras, suspira
Cá dentro o meu coração;
Se tu choras, tambem chóro,
Vê lá se te quero ou não.

Mandei lêr a minha sina,
E a sina me respondeu
Que um triste fugir não póde
Á sorte que Deus lhe deu.

Sonhos d'amor e ventura
Quando tornareis a vir?
Só se fôr na outra vida
Quando d'esta me partir.

Se souberes que estou morto
Não te ponhas a chorar,
Mais vale acabar a vida
Do que viver a penar.

Teu corpo é feito de cera,
Tão tenrinho que mais não;
Amor, quem t'o derretera
Ao calor do coração!

Teus olhos são mais escuros
Do que a noite mais fechada,
E apesar de tanto escuro
Sem elles não vejo nada !

ODES

I

A Jesus

Chamaram-te a esperança do futuro,
E tu, meu bom Jesus immaculado,
Sentias-te feliz, embriagado
Nessa doce illusão d'um sonho puro!

Atravessaste a vida, humilde, obscuro,
A fantaziar o advento d'um reinado
Que nunca ninguem viu realizado,
Traço ideal de luz num fundo escuro!

Foste no mundo a candida innocencia,
O simbolo do amor e da piedade,
Da perfeição, emfim, a ultima essencia!

Mas para que serviu tanta bondade
E tanto padecer, se a Consciencia,
Qual d'antes era, é cheia de impiedade?

II

A um crente

Distende o olhar em roda,
Não vès em tudo isto
A humanidade toda
A suspirar por Christo?

Povos, calcando povos,
Sedentos de dominio,
Inventam meios novos
De morte e de exterminio!

A fome, a peste e a guerra,
Em procissão funerea,
Andam por toda a terra
Cobrindo-a de miseria!

O templo aonde outrora
Se refugiava a crença,
Tornou-se theatro agora
Da esturdia e da licença!

Não vaes de dia em dia
Relendo em tudo isto
A velha profecia
Que reza do Anti-Christo?

Pois bem, o tempo avança,
Os factos tomam vulto,
E já o olhar alcança
O que é vedado e occulto!

Succedem-se os portentos,
Desaba o mundo velho,
Voam aos quatro ventos
As folhas do Evangelho!

Que falta ainda? muito?
Ai! quando penso nisto
A mim mesmo pergunto
Porque não desce Christo?

III

Ao todo poderoso

Á beira do abysmo
Que vejo a meus pés,
Senhor, por quem és,
Meus passos conduz!
Defende-me, Christo,
Das garras malditas
Das hordas precitas,
Ó meigo Jesus!

Perdido nas sombras
Que involvem o mundo,
O abysmo profundo
Me atráe e seduz!

Aponta-me a estrada,
Que eu não adivinho
Qual seja o caminho,
Meu doce Jesus!

Aos tristes mendigos
Que vagam sósinhos,
Por esses caminhos,
Famintos e nús,
Ampara e agasalha,
E em tal desventura
O pão com fartura
Lhes dá, bom Jesus!

Applaca as discordias,
As guerras desvia,
E a paz nos envia
Nos braços da cruz!
Arvora a bandeira
Do amor, da justiça,
Põe freio á cubiça,
Clemente Jesus!

As almas que soffrem
De sorte mofina,
Á estancia divina,
Nos leva e conduz!
Oh! salva-nos, livra-nos
Dos maus, dos perversos,
Que nos são adversos,
Meu santo Jesus!

Condensam-se as trevas,
Submerge-se o mundo
No abysmo profundo,
Sem ar e sem luz!
Vem, pois, d'essa altura
Senhor, vem de novo
Remir o teu povo,
Divino Jesus!

IV

Aos simples

Corações tristes que gemeis na treva,
Erguei os olhos para Christo e vêde
Como da cruz, e só da cruz, distilla
O balsamo que mata a fome e a sède!

Almas ingenuas para quem a vida
É como um sonho de perenne gôzo,
Vêde bem se ha caricia que se eguale
Á doçura d'aquelle olhar piedoso!

Magdalenas do amor, trazei essencias,
Ungi de novo os pés do moribundo,
Que estirado na cruz, lirio pendido,
Veio morrer para dar vida ao mundo!

*

Povos da terra, olhae, é tempo ainda!
Brademos por justiça, até que um dia
De novo sôe sobre o mundo afflicto
A dôce voz do filho de Maria!

V

Á Cruz da redempção

Visões d'estranho horror, pairando sobre o abysmo
Onde escabuja o crime e anseia o paroxismo,
Povoavam, quanto pode a mente comprehendê-lo,
Da noite do passado o eterno pesadelo!
O velho Satanaz sorria desdenhoso,
Fosforescente o olhar, turvo d'impuro gôzo!
Por toda a parte a orgia infrene, e em cada lar
Escancarado e livre o alcouce, o lupanar!
O mesmo dia sempre e a noite sempre a mesma,
Sem a Paschoa florida ao cabo da quaresma!

Se não quando radiante em alto céu profundo
Desponta um novo sol, qual nunca o vira o mundo!
Insolita era a luz e mais surprehendia
Vê-la sorrir no olhar d'uma mulher, Maria!

A flor de Jericó, o lirio dos palmares,
Cujo suave aroma embalsamava os ares!
Era uma estranha aurora, um novo rosicler,
Os anjos a cantar e a vida a amanhecer!

Scenario nunca visto! Emfim mal se rasgaram
Os veus da escuridão e o claro céu mostraram,
Estremeceu Oreb, estremeceu Sião...
Erguia-se no espaço a Cruz da Redempção!

VI

Aos pequeninos

Vinde a mim, pequeninos,
Subamos o alto monte
D'onde se avista ao longe
Vastissimo horizonte.

Subamos; vossas azas
Me dae, ledas creanças,
Em cujo olhar adejam
Aladas esperanças!

Agora sim; mais amplo
D'aqui se vê o mundo,
E esse estendido manto
Do céu azul profundo.

D'aqui mais perto estamos
D'aquelle eterno Deus
Que na gigante dextra
Suspende a terra e os céus!

Depois fallar comvosco,
Candidas innocencias,
Faz bem aos que soffreram
Da sorte as inclemencias.

Acercae-vos sem medo,
Vinde a mim sem receio,
Vossas cabeças loiras
Pousae sobre o meu seio.

Vós que sois bons, por certo
Comprehendeis á justa
O que dizer-vos quero
Nesta hora santa e augusta;

Hora em que a natureza,
Quasi a expirar o dia,
Nos ergue o pensamento
Aos mundos da poesia;

Hora de enleio mystico,
Momento assás propicio
Para exalçar virtudes
E aborrecer o vicio!

Vêdes além, na estrema,
Fulgindo enorme fragua,
Um vasto incendio, um mundo
A mergulhar-se nagua?

Deus é que sabe ao certo
A lei que o determina,
Elle que ao mar o lança
E o traz a esta collina;

Elle que se retrata
No astro que além se afunda,
Elle, a eterna justiça,
E a luz sempre fecunda!

Olhae para essas ondas
De lourejantes messes,
São fructos do trabalho
De lagrimas e preces.

Trabalhae, pequeninos,
Não só para deleite
De curiosos olhos,
Ou do universo enfeite,

Nos foi dado o que vêdes;
Maravilhas tamanhas,
Se o espirito assoberbam
No alto das montanhas,

Tambem ao céu elevam,
Pois testemunhas são
Do espirito divino
Na obra da creação!

Amae a Deus, fiados
Que em tanta maravilha
D'um ser omnipotente
A luz eterna brilha.

Ai ! quanto me consola
Fallar em coisas d'estas
Ás infantis edades,
Todas por dentro festas,

Sorrisos e innocencia,
Jubilos sem mistura
De sombra que lhes turve
A limpida ventura!

Fallar comvosco, espelhos
Do amor e da innocencia,
É surprehender a vida
No fundo da consciencia;

É quasi estar fallando
Com Deus que dentro mora
De vós, e que vos falla
Do céu a toda a hora.

Oh! quanto me conforta
O espirito alquebrado
Beijar frontes intactas
Dos beijos do peccado!

Vós me estaes parecendo,
Bando infantil, o ovario
Da geração que um dia
Num moderno calvario

Ha de hastear de novo
Da verdade o estandarte,
Para que possa vèr-se
De longe e em toda a parte.

Em vós me fio, implumes
Avezinhas de agora,
Que pipilaes de jubilo,
Emquanto o mundo chora!

Vós lhe dareis, ao mundo,
Em dias que antevejo,
Da liberdade o amplexo,
Da paz o ardente beijo.

Vós lhe lereis de novo
As letras do Evangelho,
Livro que os homens d'hoje
Não leem, porque é velho!

Como se o verbo eterno
Tambem tivesse edade,
Ou fosse hoje mentira
O que hontem foi verdade!

Vós lhe direis que os velhos
Do nosso tempo expiram
Ás portas d'uma gloria
Que só em sonhos viram.

Por essa luz guiados,
Por esse mundo ireis
Ás porvindoras eras
Ditando novas leis.

Da escola que hoje tendes
Rachitica e banal,
Que mal ensina o bem
E muito bem o mal,

Fareis um templo, e no alto
Da fachada uma cruz,
D'amor abrindo os braços
Num circulo de luz,

Para todos fulgindo,
A todos chamará
Num dia, cuja aurora
Me sobresalta já.

Aos pobres e aos famintos
Dareis lar e agazalho,
E a quem vos peça esmola
Dareis pão e trabalho.

Porque o trabalho honesto,
Se acaso o não sabeis,
Dá paz, ventura e gloria
E o mais que desejeis.

Obreiros do futuro,
Quando esse dia for,
Vereis um novo imperio
De justiça e de amor!

Mas não esqueçaes nunca,
Apostolos vindouros,
Os que vos tapetaram
A estrada de taes louros!

Não fica bem aos novos
O desprezar os velhos
Que vos acalentaram
Nos tremulos joelhos;

Que em vossas frontes bellas
Saudaram uma aurora,
Sonhada ha tantos annos
Na ansia de cada hora;

Que deram pela patria,
Ao estalar dos tiros,
O generoso sangue
E os ultimos suspiros.

Mas não vos amedronte,
Timoratas crianças,
O lugubre prospecto
De funebres lembranças.

Deus louvado, esse tempo
Não voltará jámais;
Mas se voltar, ó filhos,
Honrae de vossos paes

A memoria e o exemplo!
Antes gemer no exilio,
Antes de brutas gentes
Ter o amparo e o auxilio,

Do que viver escravo
Sob um doirado tecto,
Ou mendigar de estranhos
O regateado affecto.

Sede, pois, virtuosos,
Filhos da nova edade,
Futuros timoneiros
Da honra e da verdade;

E quando o que vos digo
Tiverdes por melhor,
Tereis fundado o imperio
Da justiça e do amor!

VII

Aos filhos

Quem tem filhos tem cadilhos
Diz o rifão, mas é ver
Se alguem ha que tendo filhos
Deseje vêl-os morrer!

Ninguem ha, ninguem por certo
Que a sepultura lhes cave,
Pois quem ha de um céu aberto
Por dentro fechar á chave?

Quem ha de atrever-se a tanto
Que rasgue de meio a meio,
Até faz tremer de espanto!
Os filhos do nosso seio?

Aquelles que Deus fadára
Para serem nossos, como
É das fontes a agua clara,
E é das arvores o pomo?

Se não attendei e vêde,
Paes e mães, se vistes já
Para vos matar a sêde
Mais saboroso maná!

Reparae naquelle berço
Afofado, pequenino
Onde jaz no somno immerso
Aquelle roseo bambino!

Junto do filho querido
Senta-se orgulhosa a mãe,
A pensar, attento o ouvido,
Não venha acordá-lo alguem!

Que nem o mais leve insecto
Perpasse pela cabeça
D'esse tenro amor dilecto,
Com medo que elle estremeça!

Acorda? já ella afflicta
Não sabe o que ha de fazer!
Se o pequeno chora e grita,
Já pensa que vae morrer!

O olhar é triste, magoado?
Logo a voz ao céu levanta:
Ai! o meu filho adorado,
Não mo leves, virgem santa!

Mas voltou ao lindo rosto
A rosea côr! Que alegria!
Faz até sorrir de gôsto
Contemplá-la nesse dia!

Chega o marido, nos braços
Ella tem o filho agora;
Oh! que famintos abraços!
De tanta alegria chora!

E que só ella é que sabe
Apreciar quanto vale
Um affecto que só cabe
No coração maternal!

Que immenso amor, que doidice!
Ó filhos, vós não pagaes,
Nem que de rastos vos visse,
Um beijo de vossos paes!

VIII

Aos heróes

Desvendar o futuro, ao cerebro dar luz,
Tornar menos pesada a ensanguentada cruz
De quem vae seu calvario e á custa de fadiga
Na sombra anda a buscar do amigo a mão amiga,
Recaldear no malho e refundir na enxada
O ferro do arcabuz e a lamina da espada,
Á guerra fazer guerra e aos vicios montaria,
Mudar pela instrucção a treva em claro dia,
Supprimir o carrasco, e em vez da guilhotina
Erguer por toda a parte a escola e a officina,
Abrir mundos de luz á mocidade ardente,
Tal é a alta missão do seculo presente!

Porisso quando penso em vós, incarnação
Do que ha de mais divino em nosso coração,
Almas feitas de luz, de gloria, de civismo,
Rendidamente acclamo e louvo esse altruismo,

A clara comprehensão do bem e da verdade
Que leva por divisa a paz e a liberdade,
Esse impulso d'amor que nenhum outro doma,
Que deu á Grecia um Codro e um Curcio deu a Roma!

Se á luta, ao infortunio, ao sacrificio, á morte,
Impavida resiste a témpera do forte;
Se vós que ides seguindo um ideal sublime.
Tendes a fé que salva e o braço que redime,
É porque dentro d'alma, em cada coração,
Existe um anjo bom que nos dirige a mão;
Um guia que nos mostra as letras do Evangelho,
Um pae que nos ensina e que nos dá conselho;
Essa graciosa irmã do amor e da verdade,
Fonte de todo o bem, em summa, a Caridade!

Lá onde, por exemplo, o grito angustiado
De quem se vê morrer das chammas devorado,
Levanta o seu clamor ao céu, mudo, impassivel;
Ahi nessa agonia, atroz, cruel, horrivel,
Em que esmorece a fé, e á luz da labareda
A morte se aproxima, ameaçadora, trêda;
Ei-lo que surge então, intrepido, vivaz,
O batalhão do amor, a legião da paz!
Lançam cordas ao ar; ergue-se a escada a prumo;
Sobem heróes; que importa a labareda, o fumo?
Á voz do commandante e a golpes de machado,
Cáe-lhes a morte aos pés! Triumpho sublimado!

Quem deu aos heróes d'hoje esse raro civismo,
Tamanha abnegação e tão estranho heroismo,
Esse atirar a vida aos vagalhões da sorte,
Esse buscar da gloria onde Deus pôs a morte?
Quem é que promulgou o codigo, a doutrina
Que em presença da morte os bravos disciplina?
Lei e juiz a um tempo, és tu, ó Consciencia,
Que dás amparo ao fraco e o pão dás á indigencia;
Lei superior ás leis, ó nume cujo nome
Só desconhece quem nunca padeceu fome,
Nem sabe o que é sentir, na hora da afflição,
O abraço d'um amigo, o auxilio d'um irmão!

Porisso em vós saudo, heróes dignos da historia,
Que sois da humanidade a mais subida gloria,
Essa paixão do bem que as almas nobres doma,
Que deu á Grecia um Codro e um Curcio deu a Roma!

IX

Aos párias

Some-se a luz do sol no immenso espaço,
Medonha assolação os ares talha,
Assim pela minha alma occulto braço
Vae distendendo funeral mortalha.
Nesta hora de tristeza e de cansaço,
Nesta da vida estupida batalha,
Cae-me a fronte pendida sobre o peito,
— Barco sem leme em temporal desfeito.

Eu bem quisera não poisar a lyra,
Sempre cantando, suspirar com ella;
Talvez que d'este modo não sentira
O frio d'esta noite que enregela:
Noite que está por vir e já me inspira
Não sei que triste horror!... mas, dôce estrella,
Como illudir-me quando em vão procuro
Teu rasto na amplidão do meu futuro?

Ó párias da fortuna, a Providencia
Se alguma vez a vistes, dizei-me, onde?
Aqui o sabio ulula na demencia,
Alli o pobre a soluçar responde...
Ai! miserrimos filhos da indigencia,
Onde esse olhar que taes mysterios sonde?
Pobre de quem se vê triste e sósinho
Sem amparo, sem luz, neste caminho!

A vida é mar sem praia, os nossos prantos
São da revolta turbidos caudaes,
São soluços de morte os nossos cantos,
Arrancos de precito os nossos ais,
Os crepes do ataúde os nossos mantos,
Brandas fallas de amor sons funeraes;
Cada vida pregada em sua cruz
Semelha outro Calvario, outro Jesus.

Se me vejo num ermo, pensativo,
Quem vae lá perguntar que penso ou faço,
O modo como existo e como vivo
Envolto nesta sombra a que me abraço,
Sombra que, quanto mais d'ella me esquivo,
Com mais força me aperta o estreito laço?
Desamparas-me, ó Christo!... Que tortura!
Como é longa esta noite de amargura!

E certamente a vida é como eu digo:
O amor, incerta phrase da Sibylla,
É a esphinge da dôr que em vão maldigo!
Luz que devora, quanto mais scintilla,

Se nella a mente busca amparo e abrigo,
Mais trémula se agita, mais vacilla;
Que não ha junça tão valente e grossa
Que o naufrago das ondas salvar possa.

Amor, idolo de oiro que se adora,
Que symbolizas tu, frôxa palavra?
És como a cinta rosicler da aurora,
Ou raio quando as rochas escalavra!
És fogo interior que nos devora,
E se extingue depois onde mais lavra,
Como as chammas se extinguem na fornalha,
Como as cinzas do lar que o vento espalha.

Chimeras tudo! Mas o amor que eu tinha
Guardado para ti e a ti sujeito,
Hei-de vê-lo, mulher amada minha,
Na poeira dos tumulos desfeito,
Como a essencia da rosa que definha
Nos dedos de uma huri que a trouxe ao peito?
Ha-de sumi-lo a morte, ou dá-lo ao vento
Como os echos finaes de intimo alento?

Levantem-me este enorme pesadêlo
Da duvida tremenda que me esmaga,
Não póde peito humano em si conte-lo,
Nem esta sêde oceano algum apaga!...
Se o raio só é dado ao homem vê-lo
Sobre a nuvem do céu que além divaga,
Elevem-me aonde eu possa contemplá-lo;
Amostrem-me hoje o céu, quero adorá-lo.

O céu! quem sobre a terra me afiança
O que é vedado e occulto — a Eternidade?
Quem ha que inda se fie da esperança
Que foge ou se consome na ansiedade?
Para longe de mim triste lembrança,
Que não sei o que és — sonho ou verdade;
Eterno é Satanaz, e todavia
Nas chammas vae morrendo em cada dia!

Elevem-me nas ondas purpurinas
Das nuvens, té pousar nalguma estrella;
Talvez que o transparente das nebrinas
Me deixe vêr ao longe a patria bella!
Talvez que as gôtas de agua crystallinas
Que a aurora ás vezes chora venham d'ella...
Ao menos refrigere o peito afflicto
Esse chorar continuo do *infinito*...

Infinito! Quem ha que affirme cousa
Que vence humano olhar e entendimento?
Quem é tão atrevido que assim ousa
Erguer ao que é vedado o pensamento,
Que desmaia ao contacto de uma lousa,
Que se extingue ao soar do passamento?
Orgulho da sciencia! a morte e a vida
São um ponto sómente de partida!

Partida para onde? existe o inferno?
Partimos para lá e não ha céu?
Não temos pae, nem mãe? um fogo eterno
Ha-de queimar um corpo que morreu?

E póde erguer o olhar ao sol superno
Quem da lama do chão nunca se ergueu?
Insaciavel Fausto, como é escuro
O turbilhão que envolve o meu futuro!

Se o mytho fosse a gaze transparente
Da verdade escondida... Se elle ao menos
Não fosse um grito inutil, impotente
De corações afflictos e pequenos,
Eu deitára a cabeça dôcemente
No seio d'esses sonhos tão amenos,
Embora o despertar me fosse amargo
Por ter dormido ás soltas no mar largo!

Deus é qual nota solta da harpa eterna
Sem dedos que a desfiram, a harmonia;
Luz que se não apaga, sempiterna,
Retrata-se no sol de cada dia.
Vejo-a tambem em lobrega caverna
Na flôr que estiolou por asphyxia,
Flôr que morreu para dizer ás feras
Que alli pernoitam «tudo são chimeras».

Chimeras, sonhos vãos! baldado estudo!
Estende a gente os braços para o céu
E o proprio céu a nossos brados mudo!
Pergunta a gente ao pobre que morreu
Se a morte quando vem acaba tudo,
E nenhum morto ainda respondeu!
Pobre razão perdida em conjecturas,
Nas trevas do mysterio que procuras?

X

Aos novos apostolos

Quando caíu exangue a velha sociedade,
Alguem que nos guiava os passos mal seguros
Nos disse, olhar em chamma : « Ó filhos d'outra edade,
O largo mundo é vosso, apostolos futuros !

«Nova aurora d'amor desponta na collina,
O sol da velha edade ha muito se afundou ;
Da incude sonora a scentelha divina
Faisca ao som do malho, e o mundo illuminou !

«Um titan sob a terra a revolve e fecunda,
Na amplidão do universo ouve-se alegre canto ;
Vapor leve d'incenso um novo templo inunda,
Abençôa-o n'altura um padre sacrosanto !

«Os chorosos nebeis se atirem á corrente
Do Cedron do passado, e um carme nunca visto
Da nova Palestina ascenda, aereo, ingente;
O Lazaro já morto acorde á voz de Christo!

«É para combater que Deus nos calça e veste;
Para nos recrear que manda a primavera;
Elle que está compondo a acrôama celeste,
O bello galardão de quem trabalha e espera!

«Bem que nos dê canceira um improbo trabalho,
Que bem acceite elle é por quem trabalhar manda!
Em perennal effluvio, em divinal orvalho,
Nos cáe na mêsa o pão sem vermos de que banda!»

Assim nos disse outrora a velha sociedade,
Seguindo-nos do berço os passos mal seguros;
Assim meu canto envio á porvindoura edade,
Ó filhos do trabalho, apostolos futuros!

E quando mais adiante, ó soffredoras almas,
Tiverdes percorrido os escabrosos trilhos,
Vinde alfim descançar; as mãos dos vossos filhos
Hão de ter para vós as merecidas palmas!

XI

Aos nescios

Mimosos da fortuna que olvidando
No seio da opulencia alheias dores,
Por mim ides passando
Cobertos d'oiro, a galantear d'amores;
E vós, alegre bando
De borboletas, de gentis mulheres
Que andaes calcando flores
Pela macia estrada dos prazeres,
Sustae o passo e dae ouvido attento
Da ode triste ao magoado accento.

Não vos demoro muito. Se importuno
Vos dou cantos de dó,
É porque julga que seu mal espanta
Quem vae na estrada, só,
Atraz d'uma ventura
Que foge sempre pela noite escura!

Ventura que não é delicia alguma
D'essas que se resumem num punhado
De vil metal, porque o dinheiro, em summa,
Não passa d'instrumento de mercado;
Mas alta luz divina
Que doira e que illumina
A fronte macilenta
Dos que da vida na horrida tormenta,
Do fundo d'este oceano atro e profundo
Cantam d'amor ás gerações do mundo!

Esta a ventura, a suspirada meta
Do lidador obscuro
Que vos entrega as chaves do futuro
Em premio só do nome de poeta!
Esta a visão bemdita que eu procuro
Quando á noite pergunto a cada estrella
Que pelo céu crepita,
Que mundo occulto dentro em si se agita,
Que mysterios augustos me revella
Uma noite estrellada, argentea, bella!

Vedes alem um vulto alevantado
Nos fraguedos do monte,
Olhos fitos no céu todo estrellado
Que se recorta ao longe no horizonte?
Visionario! direis; nescios, mentis!
Elle o universo embala brandamente
Em quanto vós dormis!

Tal é dos poetas a missão e o termo!
Como as aves cantar, morrer como ellas!

Cantar á luz do sol ou das estrellas,
Morrer sem sepultura em qualquer ermo!
Mas um día ha de vir
Em que os ossos juntando, de piedosas,
Futuras gerações lhe hão de erigir
Um tumulo de rosas!

Mas não é isto o que meu estro inflama;
De que me serve a gloria,
Sonho falaz da vida transitoria,
Quando em mim se apagar a mortal chamma?
Eu canto porque o canto é o meu enlevo,
E o enlevo o esquecimento
De profundo e ignorado sentimento
Que nem aos homens relatar me atrevo,
Nem a minha alma recordar consente!
Canto porque a existencia assim volvida
É como um sonho que me traz dormente,
E eu quero andar sonhando eternamente,
Até que as lutas d'esta escura vida
Treguas encontrem na final jazida!

Agora continuae! Meu pobre canto
Não vos enfada mais!
Desculpareis se me caíu o pranto
No chão que vós pisaes!
Por minha parte, a unica ventura
Que Deus me pode dar,
É permittir que eu viva neste engano,
Sempre, sempre a sonhar!

XII

Ás mães

(NUM ALBUM)

Sacrario de amizades,
Do amor cofre adoravel,
Num album reverdescem as saudades
Do tempo que passou irrevogavel!

Tudo nelle é precioso, até um nome
Se esse nome é *d'alguem;*
Mas o album melhor, mais amoravel,
O que affectos somente em si contem,
É aquelle que o tempo não consome,
— Um coração de mãe!

XIII

Aos impios

Vaporosa visão das horas mortas,
Larva do cemiterio,
Revela-me, se pódes, o mysterio
Que nos obriga a percorrer em vão
A estrada interminavel
D'esta empestada vida abominavel
Onde viceja a flor da podridão!

Sempre que Deus mandou, sempre que quis,
Revestiu de verdura os secos montes,
Fez de uma rocha borbulhar as fontes!
Á beira dos caminhos,
No proprio silveiral cheio de espinhos,
Semeou rosas de vivaz matiz!

E só perpetuamente é que ha de andar,
Por esse mundo fóra,
Sem descanço de um dia ou de uma hora,
Com os pés a gotejar,
O homem, a quem déste,
Deus de bondade, inspiração celeste,
Amor para adorar-te,
Intelligencia e fé para buscar-te
No mar, no céu, na terra, em toda a parte!

Visão encantadora,
Que por vezes me fallas do futuro,
Como quem quer antecipar a aurora
Quando é fechado ainda o céu escuro,
Vem tu dizer-me agora
Porque estranho fadario
Arrastamos o lugubre sudario
Do vicio e da miseria,
Nós que aspiramos — nobre aspiração!
A substituir o imperio da materia
Pelo imperio do amor e do perdão!

Encastellam-se as nuvens no horizonte
E do vento impellidas,
Como phantasmas vão de monte em monte!
Surgem das avenidas
Espectros mil em bando,
Que de trabuco em punho vão roubando
A quem por ali passa as tristes vidas!

Á porta de uma egreja
A mão estende esfarrapado pobre,
Emquanto a outra esconde, que a não veja
Quem lhe arrojou o supplicado cobre!
Mas porque esconde a mão?
Porque nella flameja sob o manto,
Contra quem lhe mitiga a fome e o pranto,
O punhal do ladrão!

De tudo o que é sagrado
Se faz na praça publica mercado!
De sorte que parece
Galante e apreciado
O vicio que apparece
Por mercenarias mãos agaloado!

A propria religião, essencia augusta
De um Deus que nos anima,
Essa mesma deturpam, polvilhando-a
Com fezes d'oiro que lhe põem em cima!

Ó reino da verdade, se vens longe,
Permitta Deus abreviar-te a hora,
Que já de ha muito por ti brada e chora,
No auge da ansiedade,
A consciencia, a patria, a humanidade!

Por mim, a Deus imploro,
Sempre que desce a tarde,
Quando no ocaso em labaredas arde

*

O moribundo sol,
Que ao romper d'outro dia, outro arrebol
Nos mostre outro caminho,
E outra manhã desponte mais formosa
Ao pobre viajor que vae sósinho
Na via dolorosa!

E porisso me chamam impio os impios!
Ignaros que não vedes
Que andaes a tropeçar a cada passo
Nas vossas proprias redes!

Impios sois vós que o pensamento humano
Esmagaes sob o peso da manopula
Cruel da intolerancia, sem pensardes
Que d'essa hybrida copula,
Que d'esse horrido incesto
Da armada tyrannia e da demencia,
Se algum fructo nasceu, a consciencia
Logo o engeitou, em seu formal protesto,
De Deus em nome e em nome da sciencia!

Impio é quem zomba de quem vae sósinho
Por esse mundo adiante em pregação,
E ao mendigo que topa no caminho
Aperta ao seio e chama seu irmão.
Impio é o vil farçante
Que sacrilego folga e tripudia
Sobre o corpo da patria agonizante,
No derradeiro dia!

Impio é quem préga ás massas ignorantes,
Maldizendo o progresso,
Que é bom só o que foi;
Que a virtude não conta um só heróe
Neste tempo de infamia a Deus avesso;
Que a todos os instantes,
E a todos os momentos,
Está peccando o justo,
Como se Deus augusto,
Como se Deus bondoso,
Que lê de cada qual os pensamentos,
Nos não seguisse os passos vacilantes
Com seu olhar piedoso!

Hypocritas, sois barbaros e nescios,
Fazeis o mal por gôsto;
A crença desfloraes nas almas virgens,
Sem vos córar o rosto;
Esquecidos do céu prégaes o inferno;
De Deus fazeis um monstro rancoroso;
Na religião do vosso Deus superno
Mais que dôres não ha;
E assim nas almas suffocaes o gôzo
Que a virtude nos dá!

Mas que me importa que tapeis a cara
Para não vêr a luz
Que na consciencia limpida se aclara,
Bella como Jesus!

Visão da alta justiça que me surges
Nesta rude batalha
Que pelejo por ti,
Quando sobre o meu corpo, emfim já lasso,
Cahido de cançaço
Estendas a mortalha,
Dize aos impios que na hora atribulada
Tranquillo descançando em teu regaço,
Satisfeito morri,
Crente que Deus é Deus, e os impios nada!

XIV

A Camões

(NUMA FOLHA DOS LUSIADAS)

Se um dia o velho enfermo do occidente
Quiser saber se ainda é vivo ou não,
Poise sobre este livro a mão tremente,
E sentirá bater um coração!

XV

A Garrett

Mestre da lyra! Apollo,
Mal te avistou no berço,
Pegou de ti ao collo
E disse-te: —«O Universo,

O grande templo da arte,
O mundo da belleza,
E o amor que em toda a parte
Fecunda a Natureza,

Para ti hoje nasce;
Eis o teu regio dote!»
Depois beijou-te a face,
E ungiu-te sacerdote!

Ouviu-se então um canto,
Da terra não, do céu,
E com geral espanto
Em ti surgia... Orpheu!

XVI

Ao marquês de Pombal

No pedestal da gloria,
Que o patrio amor sustenta,
Perfeitamente assenta
A estatua do marquês,
Pois que ninguem na historia,
De pulso tão ousado,
Ergueu mais alto o brado
Do nome português!

Ao seu olhar impavido,
Áquella rude sanha,
Curvou-se a heroica Hespanha,
Rendeu-se Albion audaz!

Os reis e a propria Curia,
Que a audacia lhe mediram,
Por certo que bem viram
De quanto era capaz!

Como se fôra d'Atila
A sombra pavorosa,
Rompendo a fria lousa
Que estranha mão fendeu,
Assoma assim na historia,
E com o olhar profundo
Percorre, ameaça o mundo,
Soberbo Prometheu!

Á voz do céu subverte-se
Uma cidade morta?
Responde — «que me importa?
Lasaro surgirá!»
Pairam abutres avidos
No triste lar, na escola?
«Pois bem! não mais Loyola;
Meu pé te esmagará!

Exangue morre a patria?
Exausto anda o erario?
O reino, um proletario?
O ensino, uma irrisão?
Pois bem! do vasto cerebro
Do heróe do luso povo
Virá um mundo novo:
A luz, a escola, o pão!

Tal foi do novo Encelado
A colossal statura
E a obra que inda dura
E durará, talvez!...
Ninguem, ninguem na historia,
De esforço mais ousado,
Ergueu mais alto o brado
Do nome português!

XVII

A Pio IX

(A PROPOSITO DO PODER TEMPORAL)

Porque lamentas, bom velhinho, a perda
Da purpura real?
Se rei de Roma não és já, mais alto
Subiu teu pedestal.

Leme na mão, da barca de S. Pedro
Ninguem te expulsará,
A tua voz mandada aos quatro ventos
O mundo escutará!

Que importa o lodo vil, sempre regado
Pelo humano suor,
A quem na immensa consciencia publica
Um mundo tem maior?

Agora sim, já pode a egreja livre
D'essas prisões servis,
Dizer ao mundo: — a esposa do Cordeiro
Tornou a ser feliz!

Assim a fronte curvo reverente
Ante a serena luz
Que d'essas cãs, aureola sympatica,
Tão candida reluz!

Agora que na terra representas
Aquelle eterno amor
Que ao mundo trouxe entre pobreza tanta
O meigo redemptor;

Hoje que nessa fronte não diviso
O diadema real,
Mas a corôa mystica de espinhos,
Diadema que mais vale,

Hoje, meu bom velhinho, ó novo Pedro,
Se qual Pedro tu és,
Em ti saudo a egreja triumphante,
E me curvo a teus pés!

XVIII

Ao rei Amadeu

(POR OCCASIÃO DO ATTENTADO CONTRA A SUA VIDA EM 1873)

Se ás alturas, senhor, do excelso throno,
Onde a fortuna vária vos tem posto,
Posso erguer minha vóz, alçar meu rosto,
Com esse grave entono
Que bem claro se vê
Em quem não pede esmola nem mercê,
Acceitae, môço e rei, benigno e attento
Do estranho vate o festival accento !

Não vos adoro, rei, porque na fronte
Mão generosa vos cingiu um dia
Esse aureo diadema
Que o nescio cortezão tanto aprecia;
Corôas, perdoae-me a phrase rude,
Só adoro, senhor, as da virtude !

Não vos quero tambem porque sois nobre
Representante de inclitos avós;
            O céu que a todos cobre,
Por filhos seus nos tem a todos nós.

Venero em vós o heróe principalmente
            Que vendo arder a guerra
Em labaredas de odio fratricida,
            Ás chammas lança a vida,
Em holocausto d'uma estranha terra!

Quero-vos, sim, porque atravez do brilho
De que vos cerca a regia magestade,
Volvendo os olhos cheios de bondade,
            De amor e compaixão,
Não vedes o vassallo, mas o filho,
Não vedes o escravo, mas o irmão!

Porisso a triste nova d'essa noite,
Que bem podera ser noite fatal
            Para a nação inteira,
Achou echos de dôr em Portugal,
Ao recordar que a Hespanha,
            A Hespanha cavalleira,
            A Hespanha sem egual,
Em cujo peito inda palpita e arde
Do grande Cid o espirito immortal,
Gerar podesse um filho tão covarde!

Ainda agora, ó rei, a gente nossa
Que ostenta por brasão a santa cruz,
Mal pode crer que possa
Haver ahi quem troque
A lei pelo arcabuz!

Valente rei, o hespanico estandarte,
Que depois de ondular por toda a parte
Hoje tremúla em vossas mãos intacto,
Ninguem dirá que foi varado e roto
Por mão de um povo ingrato,
Porque a tragedia incrivel de Arenal
Tudo poderá ser, menos o voto
Do sentir nacional !

Brizas peninsulares,
Levae além do Guadiana o preito
Que o povo português manda nos ares
Ao povo seu irmão;
Dizei-lhe que uma historia tão brilhante
Que das Asturias sobe a Tetuão,
Não pode assim rasgá-la num instante
Qualquer traiçoeira mão!

Contra o grave attentado
Vem protestar a voz do irmão, do amigo;
Não vem pedir indulto nem castigo,
Nem peitar o juiz;
Vem saudar no rei um povo honrado
Heroico e sublimado,
Que jamais soube ou quis,
Dobrar a altiva e intrepida cerviz!

XIX

Á Hespanha

(POR OCCASIÃO DOS TERRAMOTOS DE ANDALUZIA
EM 1884 e 1885)

Commovedor espectaculo,
Tragedia commovedora!
O disco do sol descora
Na desolada amplidão!
Treme a terra; o solo afunda-se;
Esboroam-se as collinas,
E ruinas sobre ruinas
Juncam de escombros o chão!

Desabam tectos e cupulas,
E desfeitos em fragmentos
Ruem da arte os monumentos
Com estampido brutal!

A terra em mil bôcas fende-se,
E em cada bôca um abysmo!
Oh! medonho cataclismo!
Ó tragedia sem egual!

Da Alhama nas praças múrmuras
Já não descanta a manola,
Repicando ao som da viola
A seguidilha vivaz;
E o sereno melancolico,
Ao perpassar na erma rua,
Só descobre á luz da lua
Em cada ruina — «aqui jaz!»

«Aqui jaz» é o lema funebre
De quem vae, a horas mortas,
Revendo as trancadas portas
Em cada apagado lar!
É que dentro d'esses tumulos,
Cujo silencio horroriza,
A alma d'um povo agoniza,
E a terra sempre a oscillar!

Sevilha, Granada e Malaga
As historicas cidades
Das gestas e heroicidades
De Bivar e Almanzor,
Agora rendidas, supplices,
Erguem para o céu os braços,
Soltando pelos espaços
Cruciantes gritos de dôr!

*

Mas através d'essa angustia,
D'esse infortunio sem nome,
Alguem que tem frio e fome
Para nós estende as mãos!
Caridade, se és um balsamo
Para desgraça tamanha,
Que nossos irmãos de Hespanha
Vejam em nós seus irmãos!

XX

A uma vizinha

Mal sabes, minha vizinha,
Vizinha de meus peccados,
Que lances amargurados
Por tua causa penei,
Quando te vi á varanda
Que fica d'aquella banda
D'onde nascia o luar,
Á meia noite, fallar
Com um vulto que ali anda
Constantemente a rondar!

Fazia então lua cheia;
O que diziam não sei,
Mas pódes fazer ideia
Dos transes por que passei!

Bem como a aranba na teia
Que, quanto mais vae tecendo,
Mais nella se vae prendendo,
Mais nella se enreda e enleia,
Assim mesmo é que eu fiquei!

Minha alma ficou alheia
A tudo o que me cercava,
E a mim mesmo perguntava
Que milagre me sustinha,
Que logo ali não caisse
De affrontamento, vizinha!

Pôs-se-me a cabeça á roda
E soffri um tal abalo,
Com aquella scena toda,
Que nem me atrevo a conta-lo!

E para maior tormento,
Um discurso que eu já tinha
Preparado para quando
Te visse, minha vizinha...
Com a rapidez do vento
Fugiu-me do pensamento!

D'esse feliz improviso...
Que para ti decorei,
— Uma oração primorosa!
Nem uma phrase amorosa
Nesse momento encontrei!

Vê lá tu, casta vizinha,
Meu lindo botão de rosa,
O modo como fiquei!

O caso é que inda agora,
Fallando serio a brincar,
Quando me ponho a scismar
Nos transes d'aquella hora,
A confessar-te a verdade,
Quasi que tenho vontade
Não de rir, mas de chorar!

Eu não sabia que o vulto
Que todas as noites anda
Constantemente a rondar,
Sempre nas sombras occulto,
De olhos na tua varanda,
Era o noivo afortunado
Que vae comtigo casar!

Mas que triste realidade,
E que desventura a minha,
Passar o melhor da edade
A fantaziar amores
Que só nos dão dissabores!...
É uma vida mesquinha,
Não te parece, vizinha?

A gente quando é rapaz
Faz coisas tão exquisitas
Que nem tu mesmo acreditas
Aquillo que a gente faz!
Se não repara, Beatriz,
Se eu era agora capaz
De fazer o que eu já fiz
Nos meus tempos de rapaz!

Só de te vêr á varanda
Um dia, quasi á noitinha,
Fallando, minha vizinha,
Com um sujeito que vinha
A sair d'aquella banda,
Caiu-me no coração
Uma tão grande paixão,
Que vae, não vae, por um tris,
Ali não caio, Beatriz!

Calcula agora, vizinha,
As penas que hontem penei,
Quando ao caír da tardinha
Meus olhos no outro... fitei!

E comtudo, ainda córas
Ou te ficas a scismar,
Quando ás vezes te pergunto
Porque passas tantas horas
Na varanda, á luz do luar!...
São segredos mysteriosos
Que eu não tento decifrar!

Bem sei que esperas o noivo
Que ha de comtigo casar. .
Mas quantos castellos d'oiro
Se tem desfeito no ar!

Adeus, pois, visão celeste,
Ó prenda que eu julguei minha!
Leva as penas que me déste,
São de sobra as que eu já tinha!

Vizinha que me perdeste,
Vizinha dos meus encantos,
Porque é que me não disseste
Que os teus noivos eram tantos?

XXI

Á Caridade

Pergunta Vossa Excellencia
Se o acto de quem faz bem,
Dando tudo quanto tem,
Deve em boa consciencia
Chamar-se philantropia,
Como se diz hoje em dia,
Ou chamar-se caridade,
Como S. Paulo dizia.

Simplesmente por descargo
De consciencia direi
Que o nome não faz ao caso,
Cumprida que seja a lei.

Quem sinceramente vem,
Qual Vossa Excellencia faz,
Aos pobres dar o que tem,
Se á philantropia apraz,
Á caridade tambem.

Porque não lesar ninguem,
Antes fazer todo o bem,
Sem mesmo olharmos a quem,
É o que em summa convem.

XXII

Drama novo

(ODE A UMA SENHORA)

Minha adoravel senhora,
Haja por bem escutar
A petição peregrina
De quem ha muito se inclina
Ante esse benigno olhar.

O papel em que lhe escrevo
Mal chega para conter
O que quisera e lhe devo
Neste momento dizer;
Mas queira Vossa Excellencia,
Pois sabe que sou sincero,
Desculpar a impertinencia
Pelo muito que lhe quero.

Oiça, pois, de confissão,
Um momento só que seja,
Quem previamente lhe beija
A sua patricia mão.

Tenciono fazer um drama,
Um drama particular,
Em que figure uma dama
Excepcional, singular!

Um drama sem espavento,
Em que o amor suspire terno,
Um drama de sentimento...
Emfim, um drama moderno!

É bem de ver que o segredo
D'esta peça original,
Apaixonada, mas casta,
Consiste em não ter enredo!
Um acto, uma scena basta!
Basta-lhe um typo ideal
Feito de amor e ternura,
Um typo celestial,
Que é a principal figura,
E um Antony a seu lado,
O typo do apaixonado,
Amor terrivel e ardente,
Um typo sensacional!

Duas figuras sómente,
O resto de nada vale.

É um grandioso projecto!
Falta-me só o modelo
D'esse typo aerio e bello,
Da figura principal:
Mas um modelo completo
Fino, perfeito, seleto,
E de natureza tal...
Que não haja outro egual!

Vou explicar-me melhor:
O meu decidido empenho
É ser eu o copiador,
Vossa Excellencia o desenho!

Ou para melhor dizer,
Representemos primeiro
O drama que hei de escrever.

Eu farei de namorado,
Papel que tanto me apraz,
Vossa Excellencia de ingenua,
Que melhor ninguem o faz.

De theatro estamos bem,
Um gabinete secreto,
Silencioso, discreto,
É emfim o que convem.

Eu entro á hora marcada,
E apertando a sua mão
Com ternura e ansiedade,
Aproveito a occasião
Para pedir, por piedade:
«Que tenha emfim compaixão
Da minha sinceridade!

Que o rigor da minha sorte,
Que este fado miserando
É mais cruel do que a morte
Que meus dias vae matando!»

Vossa Excellencia sorri,
E continúa Antony:

«Esse riso me tortura!
O seu olhar me devora!
Celestial criatura,
Tenha piedade, senhora!»

Vossa Excellencia, a final,
Meiga qual doce Jesus,
Dos meus rogos commovida
Abre os seus braços em cruz
E responde enternecida:

«Meu Antony! dôce luz!
Ó vida da minha vida!»

Eu então caindo prestes
A seus pés, louco, atrahido
Por essa fascinação,
Rebeijo desfalecido,
Num derradeiro gemido,
A sua patricia mão!

E assim julgo fica feito
O meu projectado drama,
Onde não falta o respeito
Que se deve a uma dama.

Não sei se passe a escrevê-lo,
Antes que a ideia esmoreça;
Vossa Excellencia dirá
O que melhor lhe pareça.
Eu por mim declaro já,
(Como consola o dize-lo!
Como alivia a cabeça!)
Que o meu triumpho mais bello
Será o ensaio da peça!...

Espero, porém, me diga
Quando é que o ensaio começa...

Mas só agora reparo
Que esta carta vae comprida,
E talvez tenha o defeito
De parecer atrevida!

Desculpe a vossa clemencia
Qualquer termo descortez
Ou qualquer impertinencia,
E creia mais uma vez
Que sou com todo o respeito,
E coração devotado,
Servo de Vossa Excellencia,
Venerador e obrigado.

XXIII

A um emigrado

Joguete em mãos do misero destino,
Bem te vejo nos olhos a ansiedade
De quem procura, errante peregrino,
Em terra estranha o sol da liberdade.

Entra sem medo, qual Jasão antigo
No hospitaleiro lar; se os teus revezes
Te trazem a esmolar alheio abrigo,
Nunca o negaram peitos portuguêses.

O sol dos nossos prados não tem dono,
É de todos e a todos illumina;
Tanto se espelha nos degraus do throno,
Como alumia a escola e a officina.

Terra d'irmãos por todos se reparte,
Aqui não entra o esbirro vil que espreita;
Entra sem medo, sacerdote da arte,
Que a nossa terra as artes não engeita!

---

*

XXIV

A um pintorzinho

Artista em flôr! o genio da pintura
Abre-te as portas do doirado templo,
Onde inclinado para ti contemplo
D'Apelles a magnanima figura!

Faz gôsto vêr-te nessa edade bella,
Vivas ainda as illusões do berço,
Tão pequenino, com o olhar immerso
No ingenuo esbôço da graciosa tela!

Bem sei o que isso é; eu tambem posso
Dizer o que é sonhar e o bem que faz
Um sonho d'esses quando se é rapaz,
Quando suppomos que o futuro é nosso!

Erguer-se a gente numa rocha, em pé,
E alçar a fronte ao céu todo estrellado,
Por cima do horizonte dilatado...
Que lindo sonho d'oiro esse não é!

Bello sonho d'artista! Oh! se é verdade
Que um sonho pulcro vale um milhão d'annos,
Nunca os severos, tristes desenganos
Possam nublar-te os sonhos d'essa edade!

POEMAS

I

Christo da Veiga

Era na velha Toledo
Á hora em que o sol descáe,
Tarde d'amor e segredo,
Em tempo que já lá vae!

Linda veiga perfumada!
Em baixo dormia o Tejo
Como serpente enroscada
Nas raizes d'um rochedo;
E n'altura, na esplanada,
Onde a cathedral se erguia,
O derradeiro lampejo
Do sol as torres lambia!

Ali aos pés d'uma cruz,
Que veneranda se alteia,
Ignez formosa pranteia,
Olhos postos em Jesus!

Em Jesus desfallecido
Como um lirio á falta d'agua,
O triste rosto pendido,
Dorida expressão de magua!

Entreaberto o labio dôce,
Perdão talvez murmurando,
Terno olhar, sereno e brando,
Como se vivo ainda fosse,
Que expressão tão santa e meiga!
Era este o Christo da Veiga.

E Ignez? Quem viu em Toledo,
Ou jardins da Andaluzia,
Formosura mais completa,
Rosa de tanto primor?
Inveja das mais donzellas
Que se ufanavam de bellas,
Tal era a noiva dilecta
Do mais gentil campeador!

E todavia, chorando
Aos pés do divino esposo,
Lagrimas lhe estão banhando
O rosto supplice, piedoso!

«Meu Jesus, quando á ventura
Dos meus annos me sorrias,
Levas-me a luz dos meus dias
E deixas-me em noite escura!

«Diogo Martins me foge,
Quem sabe para onde o levas?
Ai! que tristeza, que trevas
A minha alma enlutam hoje!

«Vae-se á guerra a pelejar,
Se voltará! Meu Jesus,
Pelos tormentos da cruz
Dizei-me se ha de voltar!»

«Hei de voltar (d'ali perto
Prestes acode uma voz);
Ignez querida, entre nós
Ha um paraiso aberto!
Quem ha de fechá-lo, amor?
Deus não quererá por certo
Toldar de nuvens um céu
Que é todo nosso, que é teu
Como o perfume é da flor!

«Hei de voltar. Por ventura
Pode a guerra com seus damnos
Cortar na flor dos meus annos
Uma existencia que é tua,
Como é do luar a lua,

Como é da lua o luar;
Esta affeição terna e pura
Que nasceu para te amar?

«Vou a Flandres; lá me chama
A guerra que de Toledo
Todos os bravos inflama.
No mais vivo da batalha
O nome da minha dama
Dar-me-ha tanto valor,
Quanto os olhos teus formosos
Me inspiram hoje d'amor!

«Esquecer-me eu! não receies;
No mundo já não ha leis
Que me separem de ti!
Se eu outra mulher não vi
Que tanto amor me inspirasse!
Se em Toledo não ha face
Nem tão linda, nem tão meiga!
Eu esquecer-te! eu perjuro!
Serei teu esposo; juro-o
Aos pés do Christo da Veiga!»

E ante a imagem, de joelhos,
Collando ao peito as mãos d'ella,
Solemnemente jurou
Nunca abandonar aquella
Que por esposa tomou.

«Adeus, Ignez, mil abraços!»
E nos braços a conteve.
«Possa Deus guiar teus passos!»
«Confia em mim; até breve!»

Mas já o sol no occidente
Nas fundas aguas morria,
E a bella Ignez novamente
Em prantos se consumia.

Passaram annos e Diogo
Não voltava; morreria?
Ninguem ao certo o sabia;
Novas nenhumas; que dor!
Em vão Ignez pesarosa
Por toda a parte o buscava,
Ninguem noticias lhe dava
Do esforçado lidador!

Vingava-se a desgraçada
Da sua sorte mesquinha
Em vir chorar, á noitinha,
Na tarde de cada dia,
Aos pés do manso cordeiro
Que do alto lhe sorria,
Trazendo-lhe ao pensamento
A imagem do amor ausente,
A imagem do amor primeiro,
Seu alivio e seu tormento!

Olhava para o futuro
Que entre sombras entreluz,
Como quem num céu escuro
Quer procurar uma luz
Que nunca virá, talvez!
E nestes sustos e duvidas
Que ninguem sabe contar,
Os dias passava Ignez
Continuamente a chorar.

Um dia, porém, que dia
Funesto, horrivel, medonho!
Viu passar, como num sonho,
Diogo, gentil, risonho,
Montado no seu cavallo
Pela praça de Toledo!
Viu-o a distancia, e sem medo,
Que não tem medo quem ama,
Corre a segui-lo, a chamá-lo,
Até que, estugando o passo,
Consegue, emfim, alcançá-lo.

Diogo retéza a redea,
E fixando-a de revez:
«Quem és tu, mulher ousada,
Que vens rojar-te a meus pés?»

«Já não conheces Ignez!»
Diz no olhar, muda, surpresa!
«Não conheço» — o outro responde
Com altivez e aspereza:

«Não te conheço, já disse;
É escusada a canceira
Com que illudida te matas
A chorar d'essa maneira!»

E desviando o cavallo
Deu de esporas e partiu;
A pobre, foi tal o abalo,
Que sobre as pedras caiu!

Quando acordou, altas horas,
Era noite, viu-se só;
Correu Toledo, gritando
Com ais que mettiam dó!

Correu grandes e juizes
A soluçar, a pedir;
Mas a justiça era muda,
Ou ninguem a quis ouvir!

«Não haverá um juiz
Em toda a Hespanha que queira,
A quem é pobre e infeliz,
Fazer-lhe justiça inteira?

«Senhor, senhor, pois acaso
É tal a humana inclemencia
Que já ninguem faça caso
Da escarnecida innocencia?»

«Sim, mulher, lhe diz austero,
O grave Ruy d'Alarcão;
Aos clamores da justiça
Tenho aberto o coração;
Dize o que queres; se é certo
Que a tua affronta é tamanha
Que as leis te deem razão,
Verás se existe, se não,
Justiça em terras de Hespanha».

«Um môço nobre, senhor,
Que voltou hontem da guerra
De Flandres, onde lidou,
Me roubou o meu amor,
Jurando ser sempre meu»

«E depois que succedeu?»
«Ao juramento faltou,
E de tudo se esqueceu!»

«Como se chama o perjuro?»
«Diogo Martins» — «Que provas
Tens tu do seu juramento?»
«A minha palavra. Juro
Pelo augusto sacramento
Da sagrada Eucharistia!»

«Taes provas não tem valia
Perante a humana justiça;
Testemunhas tens algumas?»
«Deus do céu bem nos ouvia,
Mas testemunhas, nenhumas!»

Estava o juiz enleado,
Sem saber o que faria,
Quando apparece ao seu lado
De Flandres o lidador!
Traz no semblante estampado
O esforço, o brio, o valor,
Mas no olhar cheio de orgulho
E no sorriso que vem
Morder-lhe os labios, bem mostra
Por Ignez cruel desdem!

Mandado fallar, responde
Que nunca viu tal mulher:
«É por certo alguma tonta
Que nada tem a perder!»

«Perdoae-me, cavalleiro,
Desculpae, volve o juiz,
De vos ter incommodado
Por causa d'esta infeliz!
E tu, Ignez, se outras provas
Não tens em tua defeza,
Nunca chamarás crueza
Á justiça que te fiz!»

«Tenho outra prova, senhor!
Diogo Martins jurou
Suas promessas d'amor
Junto do Christo da Veiga,
Que o juramento escutou;
Dou por testemunha a Christo!»

«E vós, nobre cavalleiro
Que nos respondeis a isto?»
«Na minha resposta insisto:
Eu nunca vi esta dama
Nem sei bem como se chama!»

«Se é verdade o que dizeis,
Torna o juiz Alarcão,
Ninguem dirá com razão
Que sois reu perante as leis.
E tu, mulher, se confirmas
A accusação que fizeste,
Não peças justiça aos homens,
Recorre ao juiz celeste;
Esse sim que sabe ao certo
Se é verdade o que dissesete».

Foram-se d'alli os tres,
Ignez, Diogo e Alarcão,
A levar a appellação
Perante o Christo da Veiga,
Que é juiz e testemunha
Nesta famosa questão.

Abriu o juiz um livro
E a Jesus Christo citou;
Christo, despregando a mão,
Sobre o Evangelho a pousou!

O juiz pasma, emmudece,
De livro aberto na mão!
E Diogo cae redondo,
Desamparado no chão!

Para memoria do caso
Noutros tempos succedido,
Vereis do Christo da Veiga
Ainda o braço pendido.

———

*

II

Noivado mystico

A linda e branca aurora
Que espreita da floresta,
Vem assistir á festa
Que se celebra agora.

Transbordam pela nave
Torrentes de harmonia,
E o som do orgão cicia
Melifluo, austero e grave.

Por todo o templo immenso
Um turbilhão de lumes;
No ar acres perfumes
Do evaporado incenso.

Brilhante sol que nasce,
Lá vem a Sulamite;
Que flor ha ahi que imite
A sua rosea face?

Que divinal candura!
Olhos assim tão bellos
Faz pena ir esconde-los
Na treva da clausura!

Mas vae, mimoso encanto
De celestial aspeito,
Embora estale o peito,
E desabroche o pranto!

E a musica gemia
No côro sonoroso
O hymno voluptuoso
Da sacra liturgia!

«Nas regiões do empyreo
Lá onde o sol rebrilha,
Lá onde Deus perfilha
As filhas do martyrio;

«Lá onde o occulto amor,
No seio represado,
Vae ter o seu noivado
Nos braços do Senhor;

«Lá nesses mundos d'oiro
O teu divino esposo
Te espera, ardendo em gôzo,
Ò divinal thesoiro!

«Vae, dôce esposa, vae
Sagrar mystico laço
Num suspirado abraço,
Nos braços de teu pae!

«Jerusalem se ergueu
Para assistir ás bodas,
As suas filhas todas
Te cantam o hymeneu!

«Por ti á espera deve
De estar o teu amante
No thalamo olorante,
Vae, pomba côr de neve!

«Vae, lirio de Sião,
Das vestes a candura
Espelhe a formosura
De um puro coração!

«Abaixa o branco véu
Por sobre o lindo rosto,
Sejas como o sol posto
Que em nuvens se escondeu!»

Depois cobrindo a face
E aquelle olhar tão dôce,
Tal qual como se fosse
Um sol que se apagasse.

De rastos, soluçante,
Como quem vae morrer,
Abraçou-se a gemer
Ao Christo agonizante!

E emquanto a alegre aurora,
Sorrindo da floresta,
Espreita a alegre festa
Que vae findar agora,

Um vulto enamorado,
O olhar turvo de espanto,
Sente cair-lhe o pranto
No coração gelado!

III

Remedio d'amor

Bem nascida e mal fadada
Tristes penas tem Leonor;
Se o canto diz quanto soffre
Vede que extremos d'amor!

Noites e dias inteiros
Leva-os a pobre a cantar,
Como se a trova podesse
Tamanha dor enganar!

«Os meus primeiros amores
A mim alguem mos levou;
Mal haja o olhar traiçoeiro
Que sobre o meu se poisou!

«Quem vive sempre ás escuras
Melhor lhe fôra morrer,
Apagaram-me nos olhos
O sol que vinha a nascer!

«Quem tiver tristezas d'alma
Venha comigo fallar,
Eu lhe darei um remedio
Que tenho para as curar!»

Assim cantava e chorando
No extremo da sua dor,
A todos que iam passando
Causava pena Leonor!

Mas emmudeceu um dia,
Disseram que se matou!
Era o famoso remedio,
Tomou-o e logo sarou!

IV

Inconsolavel

Um dia fr. Manoel das Bentas Chagas
Limpava ás sujas mangas da batina
Do triste pranto em fio as grossas bagas,
Sentado á sombra de uma velha ruina.

Era um montão de escombros o convento
Onde ledo passára a mocidade,
E vinha agora ahi por seu tormento
Curtir ainda as penas da saudade!

«Fr. Manoel, lhe pergunto, que pesares
Turvam teu rosto que em tal pranto lavas?
Tens culpa de que ruissem os altares
Do templo onde ao Deus vivo celebravas?

Calcúlo o teu soffrer! choras os damnos
Da santa religião, pois viste um dia
O que fôra trabalho de mil annos
Cair ás mãos da ignara hypocrisia!»

Fr. Manoel me responde: «Esse tão bello
Tempo da vida asceta não lamento;
Chóro sim, por ter visto o camartello
Nem respeitar a adega do convento!»

V

Tragedia carnavalesca

Era num baile de mascaras,
Em noite de carnaval,
Gemiam na orchestra impavida
As valsas da saturnal !

As luzes brilham phantasticas
Pelas paredes sem fim;
Cresce e recresce o delirio
Do rumoroso festim !

Vão e vem, correndo celeres
No amplo espaço do salão,
Como em tripudio epilectico,
Os pares em turbilhão !

Mas attentae-me na sylphide
Que perpassa além, gentil;
O pé não pousa, resvala-lhe
Pelo tablado, subtil!

Feliz o gracioso mascara
Que nos braços a retem,
Peito a peito, qual mais férvido,
Não venha roubar-lha alguem!

«Formosa mulher, explica-me
O que no teu peito vae!»
«Deixa comigo o mysterio
Que me arrasta e que me atráe».

«Saiamos da sala; vamo-nos»
E lá vae o par feliz.
Nenhum d'elles tira a mascara,
Quem sejam, ninguem o diz!

Emtanto a breve distancia
Um vulto os segue e depois,
Surgindo de frente subito,
Arranca a mascara aos dois!

«Meu noivo! — exclama — perdôa-me!»
— Já vaes ver o meu perdão!
E erguendo o punhal flamineo,
Trespassa-lhe o coração!

E emquanto agoniza a victima,
E outra vez desce o punhal,
Morrem os ais a distancia
No bramir da saturnal!

VI

A lenda de Satanaz

Que vulto sombrio passeia na rua
Encostado ás portas ao romper da lua?

Subindo e descendo no mesmo caminho
Vagueia nas sombras, occulto, sósinho.

Na rua deserta nem briza perpassa,
Quando em frente se abre timida vidraça.

E o vulto, apressado, lança mão á escada
De sêda que do alto lhe estava lançada.

Já cantam os galos, ao pé da janella
Nos braços lhe avulta formosa donzella.

Dois corpos rolaram no chão que tremia;
Na rua deserta nem vento bulia.

Alfim um murmurio de briza entre flores
Ao longe se escuta pelos corredores :

«Se os teus olhos matam, vou nelles morrer;
Se o prazer é vida, deixa-me viver!

Se o meu peito é gêlo, dá-me o teu calor;
Deixa-me levar-te para onde eu fôr!»

E a aragem na rua nem siquer bulia
Quando flebil queixa de dentro se ouvia:

«Amor que me perdes, inventa prazeres;
Dei tudo o que tinha, que mais de mim queres?»

«Eu quero a tua alma comigo levar!»
«Se ella já é tua, que mais te hei de dar?»

«Mais nada; são horas, partamos, partamos
Por montes e valles, fugindo nos vamos!»

E a correr se foram por longos caminhos
De dia e de noite, calados, sósinhos.

Até que chegaram a um monte deserto;
Em baixo um abysmo sorri entreaberto.

Tremeu recuando de horror a donzella;
O sangue de susto nas veias lhe gela.

Então o demonio, d'olhar vago e tredo,
Lhe volve um sorriso que espanta e põe medo:

«Mulher, não te assustes, teus loucos amores
Só elles te arrastam á mansão das dores».

E foram descendo, descendo e ao cabo
Só gritos se ouviam na casa do diabo.

E quando a donzella se viu lá no fundo,
Que longas saudades que teve do mundo!

No fundo d'aquella tão lobrega estancia
Pedia lhe déssem os sonhos da infancia.

Porém o demonio lhe corta a esperança:
«Quem corre por gôsto, correndo não cança!»

Agora se um vulto passeia na rua
Sósinho, a deshoras, ao nascer da lua,

As portas se fecham em rapido instante,
Não seja o demonio em trajos de amante!

VII

Trindades

É noite, filha, não ouves
Na ermida o sino a tanger?
Quanto mais o sino tange,
Mais me sinto entristecer!

Era ao som d'aquelle sino
Que no silencio do lar
Teu pae, filha, te ensinava
Á mãe de Deus a orar!

E tu, mãos postas, pedias-lhe
Por mim, por elle e por ti!
Mas veio um dia... morreu-nos...
Não sei como não morri!

Agora, nesta tristeza,
Para que vivo não sei!
Tãò bem fadada que eu era,
E a taes extremos cheguei!

Só tu, meu corpinho d'oiro,
Em meio de tanta dor,
Só tu á vida me prendes
Nos fios do teu amor!

Senta-te, pois, no meu collo,
Junta as mãos, desprende a voz,
E a teu pae, filhinha, implora
Que peça aos anjos por nós!

E emquanto o sino tangia,
E a filha beijava a mãe,
A sombra do pae, sorrindo
Do céu, beijava-as tambem!

VIII

Vingança de frade

De um frade, varão preclaro,
Mixto de santo e de sabio,
Se conta este caso raro
Que li num velho alfarrabio:

Por noite serena e bella,
Perfumada, encantadora,
O frade saiu da cella
E lançou-se estrada fóra!

Reluziam pelo espaço
Na sua frente as estrellas,
E o frade, estugando o passo,
Deixava-se ir atraz d'ellas!

Á tôa, mudo, sosinho,
Rosario na mão pendido,
Percorria o seu caminho
Todo no céu embebido.

Sons longinquos do mosteiro
Vinham nas azas do vento;
Bem se importa o caminheiro
Com o que vae no convento!

Cheio de fome, cansado,
Que tudo por Deus arrosta,
Chega por fim ao povoado
Que fica ao sopé da encosta.

Bateu á porta de um pobre,
Veio o pobre sem demora:
«Não tenho ceia que sóbre
Para quem chega a tal hora!»

Foi a uma casa que fica
Mesmo no centro da villa;
Morava ali gente rica,
Largaram-lhe o cão de fila!

Correu outra e outra porta,
De dentro ninguem fallava;
Parecia gente morta
A gente que ali morava!

Rendido á dor que o pungia
Sentou-se a um canto da rua,
Nesse momento surgia
No céu a brilhar a lua!

Em que pensaria o monge?
Quando voltou ao convento
Já o sol andava ao longe
Repintando o firmamento!

Recolhido na clausura
Fechou-se por dentro á chave,
A scismar nessa aventura,
Que era emfim um caso grave!

E de scismar tanto e tanto,
Sem que o abalo lhe passasse,
Até lhe caía o pranto
Pela descarnada face!

D'este modo as noites passa
De rojos perante a imagem
De um Christo que beija e abraça,
Pedindo auxilio e coragem!

Mas conclusa a prece ardente,
Já prompto a nova batalha,
O frade, em pé, num repente
Exclama: «Christo me valha!»

E parte, deixando a cella,
A correr de monte em monte;
Vinha despontando bella
A luz do sol no horizonte!

Ei-lo que chega á montanha,
Fica em baixo a gente ignara,
Sente uma alegria estranha
Qual nunca experimentara!

Desce rapido a collina;
Anda-lhe a cabeça á roda;
A seus pés já imagina
Aquella gentiaga toda!

Ei-lo, o apostolo sublime!
O amor do proximo exalta,
E no vivo olhar exprime
O que na palavra falta!

O povo de rastos beija
Os pés descalços do frade!
E emquanto o frade troveja,
Deus sorri na immensidade!

Mais tarde quando a horas mortas
O frade por lá passava,
Todos lhe abriam as portas,
Nem já o cão lhe ladrava!

IX

O milagre de Lourdes

Ainda o conheci quando era môço,
Um magricella, anemico, amarello,
Estranha construcção de pelle e ôsso,
Cabeça desconforme e sem cabello.

Errava pelo mundo, sem familia,
Abandonado como um filho espurio;
Era-lhe a vida um tedio, uma quisilia
Que só cedia a frascos de mercurio!

Depois, cura d'aldeia sertaneja,
Foi viver entre serras numa cova;
Mas nunca o pé d'altar da obscura egreja
Lhe deu para comprar batina nova!

Os cães da rua, com ferino dente,
Vendo-o a correr, seguiam-no a ladrar;
E assim tão desgraçado e tão doente
Muitas vezes pensou em se matar !

Hontem, porém, não sei como isso fôra,
Ao voltar d'uma esquina dou de cara
Com esse mesmo typo, mas agora
Mettido noutro corpo — oh! coisa rara!

No andar que soberana compostura!
No rosto nedio que fulgor sagrado!
No olhar vivaz lampeja-lhe a ventura!
Trepa-lhe ao peito o ventre alevantado!

O meu espanto é tal que receioso
Paro de chofre, boqueaberto e mudo;
Elle, porém, lançando cautelloso
O olhar em roda, me esclarece tudo:

«Luziu-me o céu nas trevas da existencia,
Deus ouve sempre a voz que vae gemendo;
Fiz-me empresario da piedosa agencia
Da agua de Lourdes, que fabrico e vendo!»

Passava então no asphalto uma beata,
De rosario pendente, olhos no chão:
Elle sorriu-se, e a velha, timorata,
Veio beijar-lhe ternamente a mão!

X

Feira franca

Naquelle escuro recinto,
Cheio de fumo e calor,
Trocam-se copos d'absinto,
Em plena feira d'amor!

É uma alfurja a taberna;
Em vez da restea do luar,
Timida e escassa lanterna
Balanceia-se no ar.

«Margarida, Margarida,
Ao nosso amor bebe lá!
São dois dias esta vida,
Para ámanhã Deus dará!

«Tange-me nessa guitarra
Alguma alegre canção;
Bem vês que o summo da parra
Não faz mal ao coração!

«Onde não chegue o alarido
Dos filhos e da mulher,
Já que fui tão mal nascido,
A cantar quero morrer!»

E então Margarida á tôa,
Requebrando a voz e o olhar,
Ao som da guitarra entôa
As trovas do lupanar.

E emquanto ali se consome
A minguada féria, além
Morrem crianças, á fome,
Nos braços da afflicta mãe!

XI

Coração de mãe

Cantando passa a noite e passa o dia,
Sempre a embalar o filho, solitaria,
A alegre Magdalena em cujos labios
Amorosos resôam trilos d'aria!
Percorre o canto alegre e sonoroso
Um fremito d'amor que se mantem
Como um longo suspiro delicioso
A pairar sobre o berço. É a voz de Mãe!

Deu-lhe o Senhor um filho, e assim levanta
Do fundo d'alma pura e agradecida
Hymnos d'amor áquelle que lhe torna
Na soledade mais gostosa a vida!
O filho é o seu thesoiro e o seu encanto;
Quanta affeição na sua alma tem,
Toda a resume nesse amor tão santo,
Divino enlevo da mulher que é Mãe!

Vem a noite a descer, trepida ageita
No fofo berço o precioso encanto,
E para que adormeça lhe murmura
Em frôxa voz o costumado canto.
Outras vezes então ao collo o abraça,
Inquieta, remirando-o a ver se tem
Perdida a viva côr e aquella graça
Que tanto enleia um coração de Mãe!

Mas vejo agora a pobre Magdalena
Em vez de cantos, soluçando ais,
Perdida a côr e como louca errando
Ao acaso por ermos tremedaes;
Dos olhos seus em lucidos aljofres
Descae-lhe o pranto, a voz chora tambem!
Porque não canta já? Se tanto soffres,
Quem ha de comprehender-te, pobre Mãe?

Triste vae, leva os olhos arroxeados
De tanto lamentar a morte escura
De quem lhe fôra neste escuro valle
Unica esperança e unica ventura!
Não tendo mais que o proprio coração,
Pede esmola aos vizinhos, pois não tem
Com que comprar as tabuas do caixão!
Oh! dae-lhe a esmola, porque já foi Mãe!

Como louca, esvaido o entendimento
De meditar na sua amarga pena,
Já não pede nem chora; as ruas corre
Em procura do filho, Magdalena!

Ri-se da louca a turba desdenhosa,
Mas ninguem lhe pergunta a dôr que tem!
É porque a pobre já não é formosa?
Homens! respeito á dôr santa de Mãe!

Magdalena onde estás? Na praça publica
A turbulenta escoria te procura;
Quer vêr-te ainda, ó pobre esfarrapada,
Representando a farça da loucura!
Quem á scena te rouba? O cemiterio
Foi teu ultimo abrigo; ali ninguem
Irá zombar do candido mysterio
Que os justos chamam — coração de Mãe!

XII

O impôsto de sangue

Meu filho, será possivel
Que te levem para a guerra,
E nos ermos d'esta serra
Me deixem ficar aqui,
Morrendo de saudades,
Sempre a lembrar-me de ti,
De ti, meu unico amparo,
Que aos meus seios te criei?
Oh! se em nome da lei te levam,
Maldita seja essa lei!
«Senhora, manda quem póde;
Cumprimos ordens d'el-rei!»

Vizinhos da minha porta,
Vindes então a roubar-me
Quem Deus pôs para ajudar-me
Nesta cançada velhice!
Mas el-rei, que é nobre e justo,
El-rei por certo não disse

Que entrasseis na casa alheia,
E aquelle que eu tanto amei,
Apartasseis dos meus olhos,
D'encontro á razão e á lei!
  «Que quereis? fômos mandados
  Aqui por ordens d'el-rei!»

Mentis! quem mandar podia
Que d'uma fraca mulher
Já velha, quasi a morrer,
Incapaz de resistir,
Viesseis zombar? Senhores,
Tal não póde permittir
Um rei que tambem tem filhos!
Vós sois a maldita grey
Que só prende quem não póde
Comprar com dinheiro a lei!
  «Calae-vos, mulher: não vedes
  Que o mandam ordens d'el-rei?»

Pois bem, levae-me dos braços
O meu arrimo e ventura;
Mas sabei que a sepultura
Vae abrir-se para mim!
Podeis entrar á vontade
E assassinar-me por fim;
Ficae, porém, entendendo,
E ao vosso amo dizei,
Que morro, mas protestando
Contra tão barbara lei!
  «Agora, meu filho, parte!
  Cumpram-se as ordens d'el-rei!»

XIII

A espada do guerreiro

(NO PRIMEIRO DE DEZEMBRO)

Ao som da alegre e doida sinarada
Iá na rua, em procissão bizarra,
A turba multa, rouca e estropeada,
Cantando o hymno atráz d'uma fanfarra,

Quando uma alta figura de gigante,
Que parecia o velho do Restello,
Lhe toma o passo: a barba fluctuante,
Rugas na face e alvissimo o cabello!

Traz sobraçado um gladio ferrugento,
E com altivo e soberano aspeito,
Agitando-o no ar, mostrando-o ao vento,
Estas fallas extráe do intimo peito:

«Companheira fiel em cem batalhas,
Nunca esta espada fraquejou no braço!
Negra, da côr do fumo das metralhas,
Conserva ainda a rigidez do aço!

«Faz annos hoje em que o supremo grito
D'uma nação agonizante e escrava,
Contra a oppressão d'um oppressor maldito,
Rompeu de chofre como ardente lava!

«Sessenta annos com lagrimas regámos
O chão da nossa terra tão amada!
Do fero condestabre em vão clamámos
Pela valente e vingadora espada!

«Até que, emfim, os pulsos algemados
Soltámos, pondo em fuga o algoz e o esbirro!
Lance d'heróes, sem duvida esforçados,
Mas victoria, talvez, como as de Pyrro!...

«Foi esta espada, agora sem valia,
A testemunha da epica façanha;
Mas de que serve na hora da agonia
O obscuro emblema d'uma acção tamanha?»

Não pode dizer mais o obscuro velho;
Beija e rebeija a espada, e abrindo os braços
Nas mãos ambas a toma, e sob o joelho
A vérga e lança ao ar, feita em pedaços!

Ainda repicava a sinarada,
E ao som da patriotica fanfarra
O povileu corria á desfilada,
Cantando o hymno, em procissão bisarra!

---

*

XIV

Mendigos

Batendo as timidas azas
Canta a andorinha palreira
Sob a cornija das casas
Ao raiar da luz primeira.
Na aldeia é dia de festa
E dois mendigos a par
Vão andando e vão pedindo,
Suas lastimas carpindo,
Á beira de cada lar.
Um condoido que passa
E os vê gemendo os seus fados,
Lamenta aquella desgraça;
Mas elles resignados

Respondem: «Senhor, qu' importa?
Não nos falte a nós a fé,
Que não faltará quem dê !
Vamos bater a outra porta»
E lá vão os pobrezinhos,
        Sem ventura,
Por esses arduos caminhos
        Da amargura.

Foram-se d'ali os tristes,
Sempre pedindo e gemendo,
Bater á porta d'uns noivos
Que estão á mesa comendo.
Como é dia de noivado,
Grande esmola é de esperar!
Os noivos são abastados
E para os pobres, coitados,
As sobras hão de chegar!
Vem-lhes a alegria ao rosto,
Já cuidam cheia a sacola;
Quem é noivo está disposto
Sempre a dar crescida esmola!
Mas quando á porta rezavam
O chorado padre nosso,
Vem uma voz desabrida
Dizer-lhes : «Procurem vida,
Mandriões fartar não posso!»
E lá vão os pobrezinhos,
        Sem ventura,
Por esses arduos caminhos
        Da amargura!

Aonde vão? É já noite!
Vão procurar acolheita
No desvão d'alguma escada,
Que é dos pobres cama feita!
Além ao pé d'um cypreste
Vasqueja mortiça luz,
Cujo scintillar funereo
Ás portas do cemiterio
Deixa ver a erguida cruz.
Ajoelham ali; confortos,
Que ninguem lhes deu em vida,
Deu-lhos agora, entre mortos,
A terra compadecida!
Assim quando o sol seguinte
Trouxe a luz do novo dia,
Alguem os viu abraçados
Aos pés da cruz, estirados
Sobre a terra humida e fria!
Tiveram os pobrezinhos,
Sem ventura,
Descanço, alfim, nos caminhos
Da amargura!

XV

Duas pombas

Duas pombas em tudo semelhantes,
No ar, na côr, no vulto,
Foram pousar ao pé da agua dormente,
N'um cinceiral occulto.

Sombrios arvoredos seculares,
Fechando-se no ar,
Resguardavam do sol, furtando-o á vista,
Este ameno logar.

As duas lindas aves, merencorias,
De olhar sereno e vago,
Pousadas no relvedo á beira d'agua
Miravam-se no lago.

«Vês tu — dizia uma —
Como se precipita do alto açude
A vaga feita espuma?»

«Tal qual — por sua vez
A outra exclama — a nossa juventude
Em fumo se desfez!»

E como se tentassem num abraço
Fundir a mesma dôr,
Iam lançar o vôo pelo espaço
Num fremito d'amor!

Mas nesse instante vinha para ellas
A caminhar, absorto,
Um velho, em cuja face se estampava
A pallidez do morto!

Um dôce olhar, porém, quebra a dureza
Da tragica figura,
E pelos frios labios que suspiram
A clara voz murmúra:

«Secou-se a minha fonte
Nas bibulas areias do deserto;
Mirrei, herva do monte!

«O caminhar incerto
Por esse largo mundo d'onde venho,
Levou-me todo o acêrto!

«Por isso mal sustenho
O pranto que me cae irresistivel
Em porfiado empenho!

«Que dôr incomprehensivel!
Quanto mais nella penso, mais me afundo
No sonho do impossivel!»

E foi quasi a cair sentar-se á beira
Do lago, junto d'ellas!
Seus olhos se espelharam na agua pura
Taes quaes duas estrellas.

«Pombas—lhes disse—vêde!
Se tendes d'um mendigo compaixão,
Matae a minha sêde!»

«E vós quem sois, irmão?»
«Sou qual sombra fugaz! sou do Passado
A ultima visão!

«D'um môço enamorado,
Que foi pagem do amor,
Cheguei a este estado
Que vêdes com horror!

«E vós, par delicado
Que ao meu encontro vem,
Que nome vos foi dado
Não me direis tambem?»

«Nossos nomes, com certeza
Vão inspirar-vos piedade;
A mim chamam-me a Tristeza,
E á minha irmã, a Saudade!

« O nosso pae foi um môço,
Talvez um pagem de amor,
Um pae, talvez, como o vosso...
E a nossa mãe foi a Dor!

« Recolhida no seu horto,
De lá vela sobre nós;
Nosso pae é que é já morto,
Quem sabe se sereis vós!»

Abriu o velho os olhos espantados,
Conheceram-se os tres!
Quis as filhas beijar, mas já não poude;
Desmaiára a seus pés!

Então as tristes aguas o recebem
No seu tranquillo seio;
E nunca, nunca mais o desgraçado
Ao lume d'agua veio!

Desde esse dia as duas pombas mansas,
Que voavam na amplidão,
Vieram refugiar-se no meu peito,
E dentro d'elle estão!

XVI

Anninhas

Através das taboinhas,
Pela entreaberta janella,
Espreitava a linda Anninhas
Como timida gazella.

E toda se consumia,
E toda se amofinava,
Sempre, sempre a ver se via
O noivo que lhe tardava!

Mas o noivo cubiçado
Através das taboinhas,
De tanto amor enfadado
Não quis mais saber da Anninhas!

Quando soube o caso feio
Anninhas fez-se de neve;
Quis atravessar o seio,
Nem sei como se conteve!

«Vae suicidar-se a Anninhas,
«Acabou-se-lhe o namôro!»
Disseram logo as vizinhas
Umas ás outras em côro.

«Cara que inveja fazia,
Agora é só pelle e osso!
Pobre Anninhas, qualquer dia
Vae atirar-se a algum pôço!»

Mas não foi assim; a Anninhas,
Vejam que tristeza a sua!
Deitou fóra as taboinhas
E abriu a porta da rua!

XVII

Carmen

Na abandonada alcôva silenciosa
O velho conde lentamente expira,
E ao recordar os dias côr de rosa,
«Carmen! ó Carmen!»—lugubre suspira.

Eis-me chegado ao fim d'este degredo,
E nunca mais num extasis de amor
Irei pousar nesse teu seio ledo
A ardente face, enamorada flor!

Aproxima-se a hora da partida,
Tudo vae acabar; o que eu não sei
È de que me serviu tão curta vida
Para o tão longo amor com que te amei!

Não me apavora a aberta sepultura,
Não me entristece a ideia de morrer;
Na hora derradeira, oh! desventura!
Só me horroriza a dor de te perder!

E emquanto o velho lentamente expira
E as palpebras lhe cerra a escura morte,
Carmen na alcôva proxima suspira
Pelo toureiro que lhe faz a côrte!

XVIII

Senhora do monte

N'aquella deserta ermida
Que sobre o mar se debruça
Donzella afflicta pranteia
E aos pés da Virgem soluça.

É Magdalena, a engeitada,
Que um brando olhar feiticeiro
Enredou nas malhas finas
Da rede do amor primeiro.

Choram-lhe n'alma dorida
As penas do noivo ausente;
Corações enamorados,
Ouvi-lhe a prece dolente;

«O meu amor anda errante
Nas aguas do mar sagrado;
Mãe de Deus, Virgem do monte,
Tomae-o a vosso cuidado.

«No mar alto anda perdido,
No mar alto anda sósinho;
Acenae-lhe com um lenço,
Que elle não sabe o caminho!

«As aguas choram na praia,
Geme o vento no arvoredo,
Até os lobos da serra
Uivam de noite com medo!

«Nas telhas do meu telhado
Grasnam aves agoireiras,
Atordoa-me os ouvidos
O chôro das carpideiras!

«Revôam corvos na praia
A farejar gente morta;
Dizei-lhes, mãe dos afflictos,
Que fujam da minha porta.

«Nesta noite amargurada
Todos dormem, só eu velo!
Ámanhã virei trazer-vos
As tranças do meu cabello.

«As tranças do meu cabello,
Mais o cordão d'oiro fino;
Mas não desvieis da triste
O vosso rosto divino!

«Bem sabeis que eu já não tenho
Neste mundo outra alegria,
A não ser o vosso amparo,
Ó Virgem Santa Maria!

«Todo o dia e toda a noite
Corro a praia, lado a lado,
A pedir ás tristes aguas
Noticias do meu amado.

«Mas o negro mar é surdo
Ás queixas do meu tormento!
Só vós, senhora, podieis
Dar fim ao meu soffrimento.»

Tres dias eram passados
Quando através da procella
Começa a avistar-se ao longe,
Lá no mar alto, uma vela!

Milagre, milagre! — exclamam
Na praia vozes em côro;
Só Magdalena está muda,
Embarga-lhe a voz o chôro!

Entretanto chega o barco,
Lança ferro a caravella;
Oh! que famintos abraços!
Que dôce agonia aquella!

Mas antes que o sol se apague,
Na tarde do mesmo dia,
Um padre abençôa os noivos
No altar da Virgem Maria.

XIX

A feiticeira

De farrapos coberta e o olhar immerso
Nas brazas da lareira,
Lançava contas ao seu fado adverso
A velha feiticeira!

Do tempo antigo ás lucidas lembranças
Para que deitar conta,
Se até na rua as timidas creanças
A alcunhavam de tonta?

Vivia num pardieiro, abandonada,
Tão só e desvalida,
Que só pedia a Deus, a desgraçada,
Que lhe tirasse a vida!

*

«Divino senhor meu, poisque não tenho
Ninguem que por mim seja,
Que o teu amor na luta em que me empenho
Me ampare e me proteja!»

E então a octogenaria, a pobre velha,
Seguindo o seu fadario,
Coberta d'alva touca a alva guedelha,
Tomava o seu rosario!

Outras vezes em quanto seroava,
Na treva em que jazia,
Desatava a chorar; tanto chorava
Que emfim adormecia!

Então á meia noite disfarçado
Vinha Lusbel de chofre!...
Tinham-no visto a andar pelo telhado,
Até cheirava a enxofre!

Porisso o seu olhar dava quebranto!
Que feia cara a sua!
Todos fugiam d'ella com espanto,
Se a topavam na rua!

Um dia foram dar com ella morta
Na lareira apagada;
Abriram-lhe uma cova ao pé da porta
E ali foi enterrada.

Agora quando alguem por ali passa,
Por alta noite escura,
Ainda de Lusbel a sombra esvoaça
Na rasa sepultura!

XX

Portugal velho

Em pé, junto do mar que as praias banha
Occidentaes d'estes confins da Europa,
Heróe, filho de heróes, no seio apanha
O pranto que lhe desce e a barba ensopa!
A frôxa luz dos olhos já cançados,
Perdida na amplidão do mar immenso,
Leva-lhe ao longe o espirito suspenso
Por esses horizontes dilatados!

Ao sol que expira as raras cãs lhe alvejam;
Leve sussurro aos labios seus acode;
Ligeiras virações que em torno adejam,
Tomam-lhe os ais que já conter não pode;
Mas logo, emmudecendo, ali se vê
Transformar-se-lhe a face triste e cava...
E ao sussurro da vaga assim ficava
A scismar, a scismar, Deus sabe em que!

Vem por ventura contemplar nas aguas
O eterno espelho d'alma sempre ansiosa?
Vem distrahir inveteradas maguas
No soluçar da onda rumorosa?
Espera acaso ver entrar agora
No porto amigo a esquadra triumphante
Que avassalou os mares do levante,
E os reinos conquistou da rôxa aurora?

Já nada espera. O Tejo está deserto;
Sumiu-se no alto mar a antiga frota
Que por caminho d'antes nunca aberto
Altaneira sulcou incerta rota;
Fechou-se o mar das Indias opulento,
E agora em vez das parias orientaes,
Vergados galeões, lenhos triumphaes,
Entram na barra o opprobrio e o desalento!

A praia emmudeceu. De longe em longe
Raro transeunte ali medita agora,
Á semelhança d'algum velho monge
Que sobre as ruinas do mosteiro chora;
Raro batel, àquem e alem disperso
Ao lume d'agua, constitue o espolio
De um povo que assentou seu alto solio
Nas mais remotas plagas do universo!

Já nada espera. Ao revolver a historia
Do antigo imperio luso, em vão renova
E recompõe na pertinaz memoria
Heróes que dormem na ignorada cova!

E nessa angustia, gôta a gôta o pranto
As niveas longas barbas lhe prateia,
Alanciado pela tôrva ideia
Do desalento que o invadiu ha tanto!

«Gente infeliz! teus fóros sepultados
No pó d'alguma chronica indigesta...
Eis d'esses grandes feitos sublimados,
Eis d'essa gloria antiga, quanto resta!
E como se faltasse encher o cumulo
Da colossal tristeza e da miseria,
A indifferença e a peste deleteria
Que tudo vae levando para o tumulo!

«Morre de fome o exhausto proletario
Ás portas da officina sem trabalho;
Quantas vezes cubiça um vil sudario
O mendigo sem lar nem agasalho?
Falta na mesa o pão quotidiano,
Na sacóla do pobre o pão da esmola;
E ao passo que se extingue a luz na escola,
Vão as trevas affluindo d'anno em anno!

«Estranha gente, audaz e vagabunda,
Tripudia das leis no proprio templo;
D'ali mana em golfão que tudo inunda
Das novas corrupções o estranho exemplo;
Calca-se aos pés a honra e tem-se em nada
A justiça e a moral... E emquanto o povo
Espera a vinda d'algum Christo novo,
Dorme e resona a patria escravizada!»

Disse, e desviando o triste olhar profundo
Das praias que doirava o sol poente,
Como quem vae abandonar o mundo
Os olhos lança ás partes do oriente;
Mas vendo a noite que sobre elle vinha
Arrastando o funereo manto escuro,
«Posso morrer, exclama, adeus futuro!
Patria formosa, a morte se avizinha!»

E nas ondas precipite se lança
Aquelle que entre varios mil revezes
Brandiu em prol da patria a espada e a lança,
Expondo a propria vida muitas vezes!
Sem que o chorasse alguem, no mar se afunda,
Talvez sorrindo, amortalhado na agua,
Porque se poupa á cruciante magua
De contemplar a patria moribunda!

XXI

Os noivos

Nos tempos do melodrama
Que Deus tenha em santa gloria,
Houve um trovador de fama,
Cuja enternecida historia
Seu nome ainda proclama.

Dizia-se D. Ramiro,
Se a memoria me não falha,
Bardo que levava a palma,
Em prendas de corpo e alma,
Aos vates da sua egualha.

D. Ausenda se chamava
A dama por quem morria,
Dama a quem tanto queria
Que nunca se lhe apartava
Do pensamento um só dia.

Tinha Ausenda o seu castello,
O seu castello e solar,
Sobre penhascos erguido,
Das ondas sempre batido,
Na alta escarpa á beira mar.

Era ali que D. Ramiro,
Trepando pelo fraguedo,
Vinha fallar em segredo,
De noite, com D. Ausenda,
Segundo refere a lenda.

Numa d'essas noites bellas,
Céu e mar silencioso,
Hora de encanto e ventura,
D. Ramiro espera ansioso,
E emquanto espera, murmura:

«Corre veloz pensamento
Por esses mares além,
Mas tristezas que me pungem
Não nas digas a ninguem!

«Que ninguem saiba no mundo
Quem meu coração levou;
Timida rola fugida
Só eu sei onde pousou!

«Mar, não digas os segredos
Que da minha bôca ouviste,
Que importa á brisa que passa
Se eu ando alegre, se triste !

«E todavia, presinto
Que o meu destino é fatal,
Diz-me o coração ás vezes
Que é sem remedio este mal!

«Ai! de que vale esta espada
De punhos d'oiro e de prata,
Se o meu proprio pensamento
É quem me persegue e mata ?»

Passava então a distancia
No seu barco um pescador
A cantar a velha endexa
D'algum velho trovador :

«A noite do meu noivado
Hei de passá-la a noivar,
Á minha noiva abraçado
Nas fundas aguas do mar!»

Estremece D. Ramiro,
Ouvindo a canção d'amor;
O punhal na dextra aperta,
E os olhos lança ao redor!

Surge então formoso vulto,
Meu Deus, que divino encanto!
Traz o corpo ideal occulto
Nas dobras de escuro manto!

O rosto de neve pura,
D'um perfil raro, ideal,
Em meio de tal negrura
Refulge como um crystal!

«Ó minha santa irmã, ó minha amada,
Meu lirio de Sião!
Ó meu thesoiro, ó prenda idolatrada,
Não me enganava, não!

«Não me enganava, não, esse perfume
Que exhalas, fresca rosa,
Pois toda a minha vida se resume
Em ti, ó santa esposa!»

Depois, estreita-a nos braços,
Linda, nevada açucena,
Emquanto vae nos espaços
Sorrindo a lua serena!

«Não vês a fresca aragem
Que, percorrendo o mar,
A onda beija e acalma?
Tal é a tua imagem
Que veio serenar
As penas da minha alma!

«Não vês tantas estrellas
Que estão luzindo agora
Na concha azul dos céus?
Não são, não são tão bellas
Como a tranquilla aurora
Que luz nos olhos teus!»

E emquanto a vaga gemente
Que vem bater na muralha,
Tecia constantemente
A sua branca mortalha,

Oh! que famintos abraços
Que mutuamente se dão!
Quem sentiu mais fortes laços
Que os laços do coração?

Entanto no alto mirante
Que o branco luar prateia,
O vulto sombrio, austero,
Do castellão D. Severo,
Sinistramente passeia!...

E ao longe, fendendo as ondas
A remos, o pescador
Vae dizendo a velha trova
D'algum malfadado amor:

«A noite do meu noivado
Hei de passá-la a noivar,
Á minha noiva abraçado
Nas fundas aguas do mar!»

Um anno já é passado
Quem se dóe de tanto magua?
D. Ausenda encarcerada
N'uma torre a pão e agua!

D. Ausenda, D. Ausenda,
Teu penar quem no diria?
As penas que estás penando
Quem ao certo as contaria?

Trovador enamorado,
Que fazes da tua lyra,
Que por donas e donzellas
Como d'antes não suspira?

D. Ramiro, D. Ramiro,
Que fazes da tua espada,
Que não vaes cortar os ferros
Que prendem a tua amada?

E tu, cruel D. Severo
Que não abrandas as iras,
Mal haja o pão que tu comes
Mal haja o ar que respiras.

Mas chega o dia aprasado,
Já sáe da negra prisão
Para as festas do noivado
A filha do castellão.

Já sôam pelo castello,
Entre risos d'alegria,
Doçainas e charamellas,
Como a tal festa cumpria.

Só D. Ramiro, que espera
D. Ausenda no jardim,
Se sente morrer de penas,
De penas que não tem fim.

«Que noite d'alma! estranha desventura
Esta noite me traz!
Eu venho procurar a sepultura,
Que só morrer me praz!»

«Morrer, sim!» diz D. Ausenda,
Visão de branco vestida,
Caíndo-lhe sobre o peito
A chorar, desfallecida.

«Morrer, sim! É hoje o dia
Da nossa vida o mais triste,
Não volta mais a alegria
Que nos meus olhos já viste!

«Morrer, sim, meu bem amado!
Já morreu quem te adorava;
Amanhã ao romper d'alva,
Estará tudo acabado!...

«Que dizes, que estás dizendo!
—Ruge com voz de trovão—
D. Severo, D. Severo,
Hei-de ensinar-te, villão!»

«Não digas mais, D. Ramiro!
Tua sou, de mais ninguem;
A sorte que tu tiveres,
Será a minha tambem!»

«Ó minha adorada esposa!»
—«Como queres que to diga?»
«Pois bem, fujamos, fujamos,
Já que um santo amor nos liga!

«A noite vae alta já;
Logo que o dia amanheça,
Qualquer padre que appareça
A benção nos deitará!»

—«Que sonho o teu, D. Ramiro!
Engana-te o coração!
De meu pae môços e pagens
Atraz de nós correrão!»

Mas já por entre o arvoredo,
Á luz das tochas accesas,
De D. Severo os creados
Ruas correm e devesas.

Andam em cata de Ausenda,
Cada qual pelo seu giro,
Quando junto das seteiras
Defrontam com D. Ramiro.

Investem á mão armada,
Mas D. Ramiro resiste:
«Covardes, não me intimidam
As vossas lanças em riste!»

Entretanto das ameias,
Banhadas pelo luar,
Ausenda chama Ramiro,
E aponta-lhe em baixo o mar!

E então os dois abraçados,
Em pé sobre a alta muralha,
Lançam-se ás ondas profundas...
Faz-lhes a lua a mortalha!

Passava agora mais perto,
Soando com mais ardor,
A toada melancolica
Do sinistro pescador:

«A noite do meu noivado
Hei de passá-la a noivar,
Á minha noiva abraçado
Nas fundas aguas do mar!»

XXII

Hostia d'oiro

Musa d'Elpino, ó deusa da alegria,
De nossos paes enlevo, onde os teus risos
Galhofeiros deixaste? Adverso o rosto,
Que fados de volvê-lo a nós te vedam?
No teu doirado altar a luz se extingue;
O templo está deserto; o sacrificio
Em vão aguarda o sacerdote; mudas
Jazem as lyras pelo chão dispersas;
De porphiro as columnas solitarias
Furam as trevas no algido silencio!
Onde o teu culto agora, onde os teus lares,
Musa d'Elpino, ó deusa da galhofa?

Escarninhos francelhos, mal avindos
Com os segredos da nacional facundia,
Viram-te inerme, dormitando placida

Nos restôlhos elvenses, e atrahidos
Por tanta perfeição, á face tua
Em vez de beijos aventaram chufas!
Velava-te os contornos alva tunica,
Mais alva do que o leite de Amalteia;
A fronte adormecida ao céu voltada
Sorria ao sol da tarde, que de longe
Vinha doirar-te a assetinada coma;
Brincava-te nos labios entreabertos
Como abelha de luz a fina graça,
A boa e ingenua graça lusitana;
Elles, porém, mal comprehendendo o encanto
Do teu folgar jovial — os bordalengos,
Correndo de tropel, aos teus vestidos
Fizeram como á tunica de Christo
Os impios da Judeia, e o casto seio,
Throno de graças e de amores ninho,
Espostejaram, dispersando-o aos ventos!
Assim zombaram, barbara façanha,
Da musa antiga os vates d'agua doce!

Mas tu, deusa immortal, nume da graça,
Que, eternizando o bispo e o deão famoso,
Os beiços desfranziste aos parvolêses;
Mas tu que sempre surges quando a Apollo
Apraz tua presença, ó deusa, inspira-me,
E pela estrada vem guiar meus passos!
Dá-me um novo prazer nunca sentido,
Sou eu moderno Xerxes que to imploro
Á sombra posto do meu nada obscuro!
A ti meus olhos lanço e em ti me fio,
Pois teus dons feracissimos no mundo

Quem numerá-los póde em lingua d'homens?
O mundo «este edificio que sustentam
Cem delgadas columnas de missanga»
Em brados por teu latego reclama,
Justiceira deidade! Eia, apparece,
Qual a Dinis appareceste um dia!
O teu pagem serei, sê minha dona,
E se me dás que ao teu serviço fique,
Musa d'Elpino, bemdirei teu nome!

Em metro sublimado erguer pretendo
Monumento que os seculos afronte
E as gerações de respeitosas curve!
Pyramide mais alta do que o tumulo
Que ás edades do Egypto aponta Chéops,
Vou levantar á gloria altibradante
Do illustre Papamilho, o heroe famoso
Que ao deus Milhão sacrificou regalos,
E á conquista do amor a propria vida!
D'elle direi a historia e a morte crua,
Para lição e exemplo; e se Calliope
Guiar meu estro, como espero e creio,
Descança, Lovelace, que o teu nome
Na aza da fama ha de subir ás nuvens!
E vós, lindos ephebos sorridentes,
Gamenhos do Parnaso que andaes trefegos
Por entre os loureiraes em brandos jocos,
Sustae vossa corêa em quanto a phormix
Vae da rapsodia acompanhando a letra,
Digna d'ouvir-se pelo mundo fóra!

CANTO PRIMEIRO

Vinde ver Harpagão, é franca a entrada!
Vinde de manso, não turbeis o gôzo
Do folgado repouso ao fim do prandio!
Ao pé da secretária, em vasta quadra
Que ferreos cofres em redor guarnecem,
O excelso heróe se espapa na poltrona,
Abandonado, inerte, silencioso,
E só Deus sabe em que risonhos mundos
A mente lhe avoeja! Sopra o vento
Lá fóra pelas praças e avenidas;
Bate-lhe a chuva na vidraça, e ulula
O temporal por cima dos telhados!
Elle, porém, pendente o magro queixo,
Semicerrado o olhar, as mãos cahidas
Sobre a indolente côxa, alto resona,
Como num berço o infante adormecido!
Pé ante pé entra na alcôva a medo
O bom Gilvaz, o servo seu querido,
Mas trepido recúa! oh! quem se atreve
A perturbar o angelico repouso!
Papamilho, comtudo, estremecendo,
Meio a dormir, meio acordado, exhala
Do fundo peito um intimo suspiro;
E então um riso leve, um riso d'alma
Por entre os frios beiços lhe perpassa
E o magro rosto a furto lhe illumina!

Que sonhar tão feliz! Pela memoria
Sempre acordada vae passando agora

As peripecias d'esse dia fausto.
Que bello dia aquelle! a jogatina
Que fez na Bolsa deu-lhe rios d'oiro!
Depois lauto jantar na mêsa amiga
Do folgasão Giboia, o tonsurado
Que dia a dia vae crescendo em banhas,
Em philaucia, importancia e filharada!
Ali por commensal teve Pacovio,
Grande amigo dos dois, o illustre chefe
D'essa grei afamada que se curva
Á sua voz de mando e que estarrece
Quando elle encrespa a hirsuta bigodeira!
Que dia afortunado! D. Pacovio,
Da monarchia segurança e esteio,
Tinha dito a Giboia:—«Quando em breve
Eu retomar as redeas do governo,
Não mais serás prior, que mais merecem
Tuas tricas e manhas; serás bispo,
In partibus que seja; é teu o baculo.
Annel já tens, a mitra não vem longe!
E tu, rei da finança, e tu, meu velho,
(Cingindo num abraço o millionario)
De par com os arminhos contar podes,
Como se já dos hombros te descessem!
E assim nunca direis que D. Pacovio
Para os amigos corta as unhas rentes!»

Que dia aquelle! Papamilho acorda
Por tanta maravilha deslumbrado,
Ora em redor lançando os olhos avidos,
Ora cofiando a barba esfarripada
Que lhe enquadrava o rosto quixotesco.

Mas Gilvaz, de atalaia, entra de novo
E lepido lhe entrega em rica salva
Um papel côr de rosa. Estremunhado
Toma o papel, apruma-se de subito,
E erguendo ao céu o olhar sente na espinha
O perpassar de estranho calefrio!
«Meu bem, a carta diz, meu bem amado,
Á meia noite em ponto na ventana
Esperarei por ti. Aguarda ansiosa
Momento tão feliz — a tua Lola».
Mal crê no que está lendo! A fantazia
Abre-lhe o ceu de ha tanto suspirado!
Quem suspeitar podéra tal ventura!
Ora aos beiços a carta leva e beija,
Ora os olhos esfrega, não o illudam
Perturbações de vista já cançada.
Mas não se illude, não; a letra é d'ella,
Deve ser d'ella... o coração não mente.

Soava a hora marcada na alta torre
Da velha cathedral da Parvolandia,
Quando o futuro par do reino enverga
Surrado capotão de gola hirsuta,
Farta barba postiça ao rosto applica,
E para mór disfarce a calva encobre
Sob um chapeu braguês de largas abas.
Vê-se ao espelho e mal se reconhece,
Sorri até do rustico disfarce!
E emquanto vae beijando a doce carta,
E ás vistas do creado o vulto furta,
Sorrateiro se esgueira escada abaixo,
E á amorosa aventura audaz se lança!

Chovia a bom chover, e a densa treva
Toda a cidade em crepes amortalha!
Ruas desertas, luzes apagadas!
Uivava o temporal, e nas sargetas
Gorgulejava no estertor o enxurro!
Mas Papamilho vae rompendo sempre,
Furando a escuridão, vadeando poços,
Tropeçando em calhaus, calcando lamas,
Tal qual, na lenda, o velho condemnado
Que fatidica voz eterno impelle!
Azas lhe empresta o amor, mas a crueza
Da sua má ventura as neutraliza,
Que os vãos desejos contradiz a edade!
Dentro lhe salta o coração aos pulos,
Que o Deus vendado edades não conhece,
Mas não vão longe os flascidos jarretes
D'um Lovelace com sessenta annos!
Já não sabe onde está; tremem-lhe os ossos
Sob o capote plumbeo; os pés recusam-se
A proseguir na via dolorosa!
Não póde mais, encosta-se offegante
D'um candieiro ao poste abandonado...
Mas logo uma figura que emergia
Da funda treva como um lobishomem,
Por ebrio o toma e a pontapés o leva!
Não ousa resistir, a ventania
Arroja-o a distancia! Um passo adiante
Resvala, cáe e afunda-se no enxurro!

Quem te pintára, D. Quixote posthumo,
Velho leão das môças parvolêsas,
Nessa postura que repuxa lagrimas!

Ó tu, sombria noite que lhe ouviste
Os sons cavos, terriveis, e aos profanos
Mortaes olhos furtaste o quadro triste,
Perdoa-me se ao mundo taes miserias
Imprudente divulgo. Ah ! quantas vezes
No profundo marnel uivaram gritos
Como de lobo em pinheiral deserto!
Tres vezes tenta erguer-se do atoleiro
E ao céu mandar a supplica fremente,
Mas qual a Dido, ao ver partir o Enêas,
Tres vezes sobre si turvado rue!

Tentava ainda levantar-se quando
Uma vozinha alegre, atito d'ave,
Qual voz d'um anjo em cantos de aleluia,
Na escuridão resôa e como flecha
Vem ferir-lhe de gôsto o attento ouvido.
A linda voz de Lola! Erguido a custo,
Vae-se arrimando cauto e silencioso
Á angelica morada, e os tristes olhos
Alça á ventana. Mas baldado empenho,
Que a densa treva tudo affoga em crepes!
Emtanto a mesma voz, voz de Penelope
O Ulysses presentindo, acorda os echos
D'essa noite d'horror. Que bronca penha
Á vara de Moysés resistir póde?
« Mulher, se és anjo ou fada, exclama em lagrimas,
Mulher por quem padeço, a ti rendido
Venho trazer-te um coração amante!
A hora é dada, e a minha vida é tua!...»
Quisera dizer mais, porém de novo
A linda voz lhe corta os fios d'alma.

«Bem sei, lhe torna o madido Tenorio,
Arrancando do queixo a hirsuta barba,
Bem sei que por mim só é que suspiras,
Mulher formosa, por quem vou soffrendo
D'esta noite fatal as amarguras,
Mas abre a porta, que me gela o frio!»
E nisto, aproximando-se da porta,
Quasi de gatas, tropego, terrivel,
Á aldraba lança as mãos com furia brava
E da sombria noite acorda os echos!
Calou-se então a voz, e por momentos
Somente a chuva e as rijas aldrabadas
Troaram na erma rua pavorosas!
Já Papamilho, extenuado e horrivel,
Sua e tresua e á força d'hombro e murro
Tenta arrombar a porta que resiste,
Quando num rufo acode presto a ronda
A marche-marche de terçado em punho,
Pelo gasnete o fila, e á espadeirada
Os lombos lhe escadeira, como é d'uso,
E sem mais tir-te ao chelindró o arrasta!

CANTO SEGUNDO

Linda manhã festiva! Abre-se em risos
O alegre céu doirado, convidando
Ao passeio amoroso! Ergue-te, musa!
Vae alto já o sol, a trança enleia,
Calça o cothurno e vamos de longada,
Musa d'Elpino, pelos campos fóra!
Dá-me o teu braço e se te apraz ainda,

Vamos de Lola visitar a alcôva.
Ali douradas telas das paredes
Em molduras de preço estão pendentes;
Aqui damascos multicores descem,
Tumultuando em pregas ondulantes,
Em torno ao fôfo ninho onde repousam
A preguiça, o prazer, o riso, o embuste!
Além espelhos de Venesa fulgem
A reflectir a luz que das janellas
A jorros entra na encantada estancia;
Aquem torneadas mesas, bellos moveis,
Por mão d'artista machetados d'ostro,
Jazem esparsos sobre persio estôfo,
Fazendo a côrte ao vaporoso leito
Que velludineos cortinados guardam!
Ao fundo, na penumbra, Cythereia
Se espreguiça a dormir no vasto quadro
D'algum pintor lascivo esmero d'arte;
De cá foge Semele, que a persegue
Irreverente e nu o pae dos deuses,
Emquanto a rir a espreita o Deus vendado
Que dos dois zombeteia, aparelhando
No cordão retezado a farpa célere!
Perto dormita Baccho, ainda em punho
A bojuda botelha, e por cortejo
Rubras bachantes, agitando os tyrsos!
Além, na tela d'oiro, as doces tintas
Do Veroneso de pudor desmaiam
Ante o feroz Priapo que arremette,
De pau em punho, guedelheira ao vento,
Contra as filhas dos homens, que lhe fogem!
Por toda a parte, emfim, na morna alcôva,

Oleographias mil, ricos adornos,
Acres perfumes que o desejo accendem!
Em plena luz, porém, digno de ver-se
Os olhos prende, em fino e branco marmore,
Um busto de marquês, d'alto topête,
Bella figura d'um Tenorio antigo,
Hirto, aprumado, magestoso, esbelto,
E junto d'elle, em frente, apparatosa
Cravejada poltrona que sustentam
Dois cornipedes satyros de bruços!

Nella se senta, como em regio throno,
A excelsa gaditana d'olhos negros,
A ardente Lola, a bella irmã de Venus,
Que tem no rosto lindo a côr d'aurora,
E no soberbo olhar a vida e a morte!
Leve roupão de vaporoso estôfo
Lhe involve o collo e lhe descáe em pregas
A desenhar-lhe os flacidos contornos,
Que o proprio Phidias moldurar quisera!
Gilvaz em frente, os olhos postos n'ella,
Contempla, mudo, perfeição tamanha,
Emquanto no jardim, pelas balseiras,
Perpassam aves, arrulhando aos pares,
Sob a restea do sol que os bosques doira.

«Como eu te quero, Lola! — emfim exclama,
Tomando-lhe de chofre as mãos de neve,
Como eu te quero, Lola, e como és bella!»
Ella, scismando, encara-o melancolica,
Lançando com tristura os olhos bellos,
Ora a Gilvaz, ora aos custosos moveis,

Aos ricos moveis que o seu ninho afofam!
Mas o ladino, comprehendendo á justa
Da bella horizontal a occulta ideia,
Atalha num momento «Que t'importam
Os trapos do marquês e essa opulencia,
Se mór riqueza, se mais altos gózos,
Outros regalos te destina a sorte,
Por mão de Papamilho, em curtos dias?
Lola, meu rico amor, ergue essa fronte,
Nada receies, que o futuro é nosso!
Valem bem um marquês e o seu dinheiro
Os cofres d'oiro e as burras insondaveis
D'um velho que te adora e que suspira
Por lançar aos teus pés rios de libras!
Que mais tens a querer? Em quanto hesitas
Entre um marquês fallido e um millionario,
Talvez que por ti clame e por ti brade
Aquelle que por ti se está finando,
Amortalhado entre lençoes de vinho!»
«Gilvaz, que dizes tu! — Surprehendida
Indaga Lola, arregalando os olhos.
«Se te parece que doer não devem
Dos terçados brutaes os duros golpes
Nos ossos d'um christão! E para cumulo,
Passar nas taboas d'uma esquadra a noite
A tiritar de frio!» E emquanto Lola
Attenta ouvia a historia miseranda
Da noite precedente, desfiava
Gilvaz, uma por uma, as peripecias
Da perfida traição em que enredára,
Fatal cilada! o incauto Papamilho!
«Agora, meu amor, para remate,

Bem vês que tenho o coração sensivel,
Sou o seu enfermeiro, eu o seu medico,
E com mão filial e prantos nalma...
Á macerada carne, ás chagas vivas,
Vou applicando a arnica e a belladona!»

Lola, entretanto, os olhos chammejantes
Fixos no chão, ouvia silenciosa.
Gilvaz, terrivel, continuava rindo,
Riso de morte que pavor infunde:
«Honradez, compaixão, misericordia!
Doces palavras, sim, mas sem sentido
Na podridão que escorre d'alto a baixo!
Misericordia, sim, balsamo doce
Para quem teve a dita de prová-lo!
Tu é que sabes, Lola, se a piedade,
Alguma vez já enxugou meu pranto
Ou de mim se doeu! Abandonada
Por esse monstro que a prostou na lama,
Na enxerga do hospital achou a morte
Aquella que me deu o ser maldito!
Orphão no mundo, só e ao desamparo,
Errei de porta em porta. A caridade
De mim os olhos apartava sempre!
Cresci, flôr da estrumeira, em chão lodoso
E aos pontapés andei por essas ruas,
Até que os meus serviços um ricasso
Por fim aproveitou e por creado,
Para servil-o, em casa me recolhe!
Sabes o resto, Lola. Quis a sorte
Que o servo obscuro emfim reconhecesse
Seu proprio pae no amo que servia!

Reconstrui então a longa historia
Da minha vida, e vi com pena e colera,
Como num quadro a sangue desenhado:
A minha pobre mãe já na agonia,
O filho errante a mendigar nas ruas,
E o pae feliz, millionario, a rir-se
Sobre os destrôços de miseria tanta!
Vê que piedade para mim tiveram!
Desde esse dia recalquei no peito
Toda a revolta que me vinha aos labios,
E á voz soturna do odio impús silencio!
Quem sou nunca lh'o disse; nunca, nunca
Meu segredo trahiu palavra minha!
Mas não vem longe o termo do martyrio,
Sinto que chega o dia suspirado,
E se tu, Lola, como creio e espero,
A meu intento auxilio não recusas,
Aqui te juro ou eu Gilvaz não seja,
Que da madrasta que nos foi a vida
Á farta zombaremos na opulencia!»

Lola sorria agora, prelibando
A doce sensação d'um sonho aerio,
Perna cruzada e os olhos amorosos
Seguindo de Gilvaz os movimentos.
Depois, deliberada, ergue-se rapida,
Enlaça-o pelo tronco, e certifica:
«Conta comigo para a vida e a morte!
O meu destino é o teu! Dois infelizes
A quem a sorte envenenou no berço!
Tambem eu padeci! Tambem errando
Por toda a Hespanha, desgastei a vida,

De bordel em bordel, pasto e ludibrio
De toda a casta de paixões e crimes!
A sede e a fome, o desamparo e o tedio,
Tal foi o dote que me deram quando
Em mim brotou a flor do amor primeiro!
Querida fui, é certo, nos alcouces,
Mas que prazer o que envenena e mata!
Agora, meu Gilvaz, eis-me disposta
A tudo quanto queiras, tudo, tudo
Quanto me vingue dos passados males!
Sou bella e nóva, como vês! Eis tudo!
Conta comigo, pois!» E com mais ansia
Lhe stringe o corpo num estreito abraço,
Emquanto, fóra, os passaros noivando
Batem as azas, trémulos de gôzo!

CANTO TERCEIRO

Erguido a custo em fôfas almofadas,
Carão chupado, o aspecto amortecido,
Papamilho medita na aventura
Que ha mais d'um mês o traz n'aquelle estado!
Os olhos fixos como dois carbunculos
A reluzir no bistre das olheiras,
Entre as mãos a cabeça e os cotovêlos
Fincados nos joelhos, davam-lhe ares
D'um idolo chinês posto de cocoras!
Em vão Gilvaz, sollicito enfermeiro,
Lhe segue os movimentos, o interroga,
Ora lembrando a arnica ora a linhaça!
Elle embezerra e scisma e só deseja

Que o deixem levantar, sair da cama,
Saltar á rua, a receber ar puro!
E emquanto o servo seu corre apressado
A preparar-lhe a roupa domingueira,
O sorvado D. João vae repassando
Na teimosa memoria os episodios
D'essa funesta noite, rediviva
Em cada nodoa negra do seu corpo!

Vê-se primeiro exangue em mar de lama,
Caido e abandonado! A fantazia
Traz-lhe á lembrança a rude voz e o gesto
Do guarda que, tomando-o por vadio,
Lhe vae no encalço e quasi o tem filado!
Sente o rugir do vento, a chuva sente
Que lhe entra no pescoço e aos pés lhe desce,
E finalmente os golpes, as pranchadas,
Os pontapés da ronda e sobre tudo
Da vil prisão o escandalo e o ridiculo!
«A esquadra, a esquadra, que vergonha aquella!»
Dizia ainda quando o servo acode
Trazendo o chá da tilia. «Oh! não, não quero;
Não é com tilia que esta dor abranda!»
Tremeu então o beiço a Papamilho,
E como em prado ameno o alegre toiro,
Se lhe occorre fatal doce lembrança,
Talvez a da bezerra, deu um urro.

Estremece Gilvaz, treme o sobrado,
E o ardego heróe erguendo o secco busto
Diz num accento cavernoso e lugubre:
«Gilvaz, Gilvaz, que sorte miseranda

Me deram ao nascer! fado sinistro
Que terá fim um dia, mas só quando
Os vermes do sepulchro aniquilarem
Este demonio, este abutre... (e ao peito
Joga o punho cerrado e ringe os dentes).
E como se comsigo a sós fallasse,
Nestes rugidos desentranha a colera:
«Oh! Cupido fatal, fatal magano,
Que eu não possa calcar-te aos pés agora,
Morder-te, esborrachar-te como um sapo!
Com sessenta janeiros bem puxados,
Com os rigores d'uma vida austera,
Luta perpetua contra a magra inveja,
Pude constante equilibrar meu animo;
E agora, nesta edade e neste lance
Em que se atreve contra mim um cego,
Um imbecil ninguem, uma criança,
Ha de no duelo fraquejar meu braço?
De Fortunato o que diria o mundo,
Se na contenda os fados me prostrassem?
Que enorme gaudio para os parasitas
Que em volta do meu oiro andam zumbindo,
E com falsos respeitos me cortejam?
Por largos annos, explorando os nescios,
De sevas manhas triumphei, e agora
Agora que sou rico e dentro em pouco
Os arminhos vou ter, neste momento,
Tremo como poltrão d'um criançalho
Que mal sustenta do carcaz o peso?
Não sei que voz me está a dizer cá dentro:
—Cautella, Fortunato! não renegues,
Por vãs miragens d'um furtivo gôzo,

Da hostia d'oiro o culto e a gloria antiga!
Cuidado, Fortunato! não te arrastem
Para a ruina impulsos caprichosos
De imprudente pensar, de vã cubiça!...
Dizes bem, consciencia, os teus dictames
Bem quisera seguir, por bons os tenho;
Mas outra maior força, atroz destino,
Me impelle, me subjuga, e me aniquilla!
Vacillo, tremo, anseio, e em vão procuro
Dentro de mim remedio a maguas tantas!
Gilvaz, Gilvaz, ajuda-me, levanta-me,
Falta-me o ar! estes lençoes abafam-me!»
E emquanto o bom Gilvaz o toma em braços,
E o vae vestindo, rindo-se á sucapa,
O sol ria tambem, na ampla vidraça,
Em gargalhadas d'oiro e de topazio!

Ia dar meio dia em Parvolandia,
Quando o usurario martellava á porta
Do bom prior com duras aldrabadas.
Vem recebe-lo á escada um nedio Adonis,
Impubre ainda, amorangado e loiro.
Á voz do alegre môço acode lepido
No patamar o gordo tonsurado,
Braços abertos para o velho amigo
Que vae levando para a sala nobre.
Ali se senta Papamilho, himpando,
Do cansaço e fraqueza mal refeito.
«A ponto veio, caro amigo — informa
O pomposo Giboia, á ponto chega!
O almoço está na mesa, e o chocolate
Feito por mãos d'anneis, mãos andalusas,

É de chorar por mais!» — «Estou conforme,
Responde Papamilho em voz sumida,
Mas o que é bom é caro, e quando adrega
De ser coisa da Estranja, então a alfandega
Carrega como chumbo!» — «Certamente,
Menos para priores e ministros
Que tem lampada em Meca. Em Parvolandia
Ruiram já de ha muito as aduanas.
Mulheres e tabaco, amor e vinho,
Nas barreiras transitam livremente,
O ponto é que o rotulo declare:
— Para consumo d'um irmão da ordem!»
«Vou entendendo, amigo, para os grandes
Candonga é coisa em que ninguem repara;
Para os pequenos, sim, para nós outros
Todo o rigor fiscal, toda a alcavala!»
«Não se lastime tanto — o prior lhe volve,
Pobres, a bem dizer, são só os padres.
Vão maus os tempos, já não rende nada
O officio de prégar, de dizer missas,
Vae-se apagando a devoção das beatas,
Por toda a parte uma fatal cegueira!
Mas vamos ao que importa...» — «Ai! meu amigo,
Limpando o suor, expõe com voz dorida:
Venho rendido á dor, e taes e tantos
São os desgostos que me pungem a alma,
Que até de os relatar me vexo e acanho!
Conselho e amparo, eis tudo o que pretendo
Neste da vida miserando estado
Em que me encontro, por meu mal. Um rosto,
Perdoe-me, prior, esta fraqueza,
Um lindo rosto, incarnação divina,

Entrou-me nalma tanto a dentro, tanto,
Que sem elle não vivo, e todavia
Essa mulher de gelo e de granito
Zomba talvez de mim, ri-se do velho,
E mais me foge quanto mais lhe quero!
Lola se chama a ingrata; é gaditana
E tão formosa como recatada!
Pela altivez do porte eu creio firme
Que sangue gôdo lhe percorre as veias!
Prior, meu bom prior, tanta fraqueza,
Por Deus lhe peço, queira desculpar-me,
Mas quem resistir pode ao mago influxo
Do ser angelical que nos subjuga?
Amo-a de dentro, adoro-a e só desejo
Chamá-la um dia minha, declarar-lhe
Que sem ella não vivo e por ganhá-la
De boa mente a vida arriscaria!
Dirija-me, prior, dê-me conselho,
Que neste estado em que me vejo a mente
Já sinto sossobrar.» Então Giboia,
Que é padre mestre em lances amorosos,
Olhando-o paternal e compassivo,
E grave concertando, como usava,
Agora o tom, agora os ademanes,
Prorompe d'este modo em tom de oraculo:
«A mulher é mulher, e tanto basta
Para render-se por dinheiro ou manha.
Se resistir ao impeto aguerrido
De mil sentimentaes jaculatorias,
D'um batalhão de explendidos conceitos
Colhidos nos mirificos autores
Que as nossas livrarias abarrotam,

Mais dois caminhos vão á fortaleza,
Ambos seguros e de effeito prompto:
O rapto em fórma e a corrupção a tempo;
Se falha a força, segue-se o suborno!
Estas as vias, resta agora apenas
Optar pela melhor.» De bôca aberta
Papamilho hesitava como a burra
De Buridan entre a cevada e a aveia.

O rapto para que? Seria escandalo
Expôr um nome, um par que D. Pacovio
Na proxima fornada coseria,
Aos commentos da imprensa e dos vizinhos!
Vencê-la por dinheiro, offerecendo-lhe
Grossa maquia por venaes prazeres,
Comprar um gôzo quando o seu desejo
Ganhar sería um coração bem terno
Que lhe fôsse na vida amparo e guia,
Era uma empresa que os seus velhos habitos
De economista serio repelliam!
Astucia, astucia! conquistar-lhe o affecto
Á custa de promessas e requebros,
Tal é o meio que prefere e adopta.
O Giboia concorda, mas precisa-se
D'um diplomata astuto e circumspecto,
D'um confidente de talento raro...
E onde é que estava o raro Metternich
Que tal empresa a termo levaria?
O prior meditava, e anediando
Com mão polpuda as repas do toutiço,
Suggere um nome que lhe acode a ponto.
«Gilvaz, Gilvaz!»—exclama o reverendo.

O Fortunato approva. — «Bom rafeiro!
E cuido bem, se não me illudo agora,
Não ser capaz de me morder a caça!»

Estava nesta altura a questão magna
Quando o Adonis, rebolando o verso,
Surgia á porta, annunciando o almoço.

CANTO QUARTO

Meses depois ardia Troia em casa
Do illustre Papamilho. Na ucharia,
Na vasta adega e farta capoeira
Vae um destrôço que estarrece e espanta
Os proprios serviçaes que andam na faina!
Ainda é lusco fusco e já nas salas,
Por toda a parte, o alegre borborinho
Acorda os echos da sombria noite.
Acorda Papamilho estremunhado,
De barretinho de dormir á banda,
Salta d'um pulo e prompto se aparelha
Para tomar o seu papel na festa.
Ditoso dia ha tanto suspirado!

E todavia a noite fôra horrivel,
Entrecortada de horrorosos sonhos.
Um grande nume altivo perpassava
Ante os seus olhos, recamado d'oiro,
Num circulo de fogo! A altiva fronte
Leva cingida pela mitra rutila
De rubis, de esmeraldas, de ametistas!
Abarcas d'oiro fino os pés lhe calçam,

E no marmoreo peito por justilho
Ardente caçoleta d'ostro em lhamas!
Ante prodigio tal tremem-lhe as pernas,
E a voz lhe fica presa na garganta.
Passa triumphante o deus Milhão, soberbo,
Por entre a multidão dos servos timidos
Que o seguem lentamente e em altas vozes
O seu louvor em côro vão bradando:

«Dinheiro! ó grão Tarquinio das mulheres,
Dinheiro, sal da terra e luz do mundo,
Quem todo, quanto as minas tem nas veias,
Aos nossos olhos pavidos mostrára!
Tu és da natureza o magnetismo
Que ás almas gastas vida nova insufla!

«Se um cataclysmo desmanchar o globo,
Só tu de novo reconstrui-lo pódes!
Tu és como a alavanca de Archimedes,
D'um só esforço teu, de um leve nuto,
Pódes tombar o mundo, e o movimento
Accelerar do eixo á grande esphera!

«Diante dos teus signos em relevo
O proprio iconoclasta parte os idolos,
Para que um Deus universal adore
Na pureza do mais intimo affecto!
E quem nos diz a nós que em ti não vive
Da *alma parens* a essencia mysteriosa?

«O christão mais fiel salta de jubilo
Se ao seu portal a tilintar assomas,

Como se um anjo acaso alli surgisse!
Se a tua face tem da aurora o brilho,
Se a tua falla tem mais dôces notas
Do que uma lyra em finas mãos de Apollo!

«É vêr o culto que a religião te presta!
Se alguma beata as grossas contas reza,
Muitas vezes se engana, beija as cruzes
Do seu rosario, que nos dedos passa,
Porque julga beijar a face argentea,
A tua face, que tambem tem cruzes!

«Seja qual fôr a mão que te levante,
As multidões se acurvam, mal te avistam,
Se passas triumphal; longas fileiras
Em deredor se prostram respeitosas!
É como se passasse magestatico
Um sacerdote, conduzindo a hostia!

«Tu elevas ao throno os reis, por isso
Os reis descem do throno e te cortejam
Mal que do paço ao limiar assomas!
Só tu dispões de sceptros e de thronos,
A tua voz maviosa acorda os mortos
E resuscita os Lazaros famintos!

«O teu imperio é grande, e os teus vassallos,
Sem distincção de culto nem de crença,
Todos te adoram, bemfazejo nume!
Deus da alegria, despota do mundo,
Tu abraças num circulo fraterno
Todos os povos, quantos sol recebem!

«Tu só da humanidade fazer podes
Uma familia, embora nos costumes
Usos e leis se mostre varia. Um culto,
Um só altar, um povo, uma só crença,
Só tu conseguir podes. Grande nume,
O Deus universal és tu, dinheiro!

«O vento irado os altos cedros tomba,
O mar devora os galeões no abysmo,
O raio estala a acropole soberba,
O diluvio devasta e inunda o globo,
Mas o dinheiro, por si só, querendo,
A terra, o mar e o céu comsigo arrasta!»

De tal visão transido e ardendo em febre
Salta da cama, toma do rewolver,
Percorre os cofres, esquadrinha arcazes,
Empunha chaves, papelada volve,
Como se com effeito acomettido
Então se visse por ladrões minazes,
E só descança, emfim, quando acordado
Se reconhece victima d'um sonho!
Oh! noite horrivel, mas — feliz contraste —
Nunca mais fausto lhe rompera o dia!
Em breve no seu lar deserto e frio
A voz de Lola cantaria alegre
Como um canario na prisão doirada!
Lola, o seu anjo, a noiva suspirada,
A pudibunda rosa rescendendo
A pó d'arroz e á essencia de Colonia!
Que lhe diria, que faria quando
Ella assomasse á porta, o rosto bello

Involto na mantilha, a voz tremente
De commoção, de pejo e de innocencia?
Cumpria dar-lhe o braço, ir-lhe ao encontro,
Ou de joelhos beijocar-lhe supplice
A fimbria do vestido? Não sabia.
Gilvaz dirá, que engenho tão prendado
As mais altas questões resolve prestes.
E emquanto se prepara e os pés enfia
Nas babuchas bordadas, vae dizendo:
«Gilvaz! Gilvaz! só tu render podias
A fortaleza que eu julguei defesa,
Para sempre defesa aos meus desejos!»

Continuava quando assoma á porta
O prazenteiro servo. Ao avistá-lo
Vae Papamilho ao seu encontro e logo
Quasi que o beija e num bonito accesso
De estranha gratidão: «Toma esta bolça,
Arrecada os dobrões; é tua, guarda-a!»
Mas Gilvaz não acceita. — «Esse dinheiro
Não me pertence a mim, a mim afronta-me,
Que as acções boas têm comsigo o premio!»
De tanta abnegação maravilhado
Estaca Papamilho e guarda a bolça.

Depois de larga pausa o heróe do dia,
A quem o amor virou em generoso,
Palrador e expansivo, ao servo amigo,
Como d'egual a egual, assim se explica:
«Eis-me tornado, emfim, se bem que velho,
— Por que negá-lo? e com que magoa o digo!
Aos bellos tempos, da remota edade,

Quando atrevido me ensaiava a medo
Para as altas conquistas das sopeiras,
Que foram sempre o enlevo de meus olhos!
Que tempos, meu rapaz, não imaginas!»
Gilvaz sorria, contrafeito riso!
Dobrado em arco, os beiços salivando,
Talvez da mãe a recordar a sorte!
«Verás que noite a d'hoje! — continuava,
Sem desviar de Lola o pensamento —
Que lauta ceia e que ruidosa bôda,
Como nunca se viu na Parvolandia
Nem se verá jamais! Virá Pacovio,
Virá Giboia e o alegre boticario!
Não faltarão saudes nem discursos,
Dithyrambos talvez, como é do estylo
Em festas nupciaes d'alta grandeza!...»
Não poude dizer mais, porque de subito
No corredor estala um grande berro,
Como de toiro que mugiu no curro...
Entrava o grão prior, cantando um kirie!

CANTO QUINTO

Já Parvolandia mergulhava em trevas,
Quando um a um vem vindo os convidados,
E na ampla sala occupam seus logares.
Já estava o Giboia, olhar matreiro,
Riso constante alteando-lhe a bochecha,
Ventre soberbo, cachaceira em roscas,
Talvez pensando na sonhada mitra.
Entra primeiro, risos dispendendo,

Para a direita e para a esquerda, em barda,
O espaventoso e prospero Pacovio,
Conselheiro d'estado, alto magnate,
De crachás e veneras constellado,
Eterno dizidor, rasga baetas.
Entra a seguir do bairro o boticario,
Padre mestre em gamão e do femeaço
Temido Ferrabraz, um typo baixo,
Atarracado, escuro e sem pescoço.
Vem depois, de rabona, um algibebe
Que tem casa de prego, um vil fuinha
Cheio de fome e caspa, o limpa botas
Que Papamilho traz de ha muito a soldo.
Não falta o regedor, o mata moiros,
Que já cumpriu degredo em Pongo Andongo,
E agora guarda a lei na Parvolandia,
Austero Pedro crú a quem Pacovio
Em breve ha de levar ao parlamento.
Outros vem vindo, menos graduados,
E a todos Papamilho aperta ao peito
E diz palavras cheias de ternura.

Cavaqueavam cada qual tirando
Do rebelde toitiço uma laracha,
Quando um frú-frú de saias se presente
Subindo a escadaria, e de improviso
Surge na sala, apparição soberba,
Da deslumbrante Lola a alta figura!
Curvam-se todos em silencio, ao vê-la,
Longos queixos pendentes, respeitosos!
Papamilho estarrece, — cae-lhe a baba
Involuntaria pelos beiços tremulos.

A commoção, porém, é passageira,
De um gentil pagem retomando o gesto,
A nivea mão de Lola ao peito leva,
E mudo a fita num silencio augusto!
Depois aos convidados a apresenta,
Chamando-lhe o seu bem, a noiva sua,
E com as mãos senis, tremulamente,
Lhe tira o amplo chapeu, de cujas plumas
Um passaro bisnau, de bico exotico,
Levanta o alto pescoço e o céu ameaça!

Vae começar o nupcial banquete,
Arrastam-se cadeiras e na mesa
Gilvaz, ladino, indica as preferencias.
Papamilho repimpa-se no tôpo
E occupa, como é justo, o logar d'honra.
Fica-lhe á dextra a sedutora Lola,
Que espalha em torno como um frasco aberto
Emanações da mais suave essencia.
Está na frente o illustre D. Pacovio,
O mais graduado e palrador caturra
Que mereceu as honras do convite,
E mais alem Giboia, o grão Giboia,
Que os olhos não desprega da hespanhola!
Os outros promptamente logar tomam
Conforme o bom Gilvaz os vae dispondo.
Vae começar o nupcial banquete!
Fumam terrinas de bojudo ventre
Por entre travessões de loiro creme,
E aquem e alem um renque de garrafas,
Fórma esquadrão em ordem de batalha!

Agora é que é de ver-se a heroicidade
Dos valentes campeões do garfo e faca!

Causa pavor e assombro o desbarato
Que vae no rude prelio. Ó Gargantua,
Ó velho Pantagruel, morrei de inveja!
Ha tal que d'um presunto de Lamego
Tão sómente o pernil deixa esburgado!
Outro se atira á polpa da orelheira
Do transtagano bruto e ali se seva,
Qual um javardo a refoçar na pia!
Outro encarece dos perús o papo,
A côxa dos leitões e as gordas aves,
Esmero culinario nunca visto!
D. Pacovio, porém, exalça em phrases
De tom parlamentar os outros mimos
Que sobre a alva toalha estão chamando
Os seus olhos gulosos:—as queijadas
Da bella Cintra e os pasteis magnificos
Da velha Santa Clara e de Tentugal,
A ameixa d'Elvas, pão de Margaride,
E outros ricos manjares que na mesa
Estão á gula os beiços convidando!
Que rica profusão de guloseimas,
Que acervo de iguarias delicadas!
O prior abarrota, e o boticario
Não póde lutar mais! Até parece
Que o bravo regedor, que o algibebe
Vão em breve malhar comsigo em terra!
Era ver e pasmar! Gallo e Lucullo
De novo á mortal vida tornariam,
Se contemplar podessem nessa noite

Aquelle enorme e colossal repasto,
Onde pompeia o Douro e o Carcavellos,
O Dão d'espuma rubra e o aureo Madeira,
Ao Xerês e ao Champagne quinaus dando!
Ó fructos doces de Campania e Baia,
Vinhos de Cécuba sublimes, vinde
Aqui de dor e inveja remorder-vos!

Já mil motejos pelo ar se cruzam,
Os copos voam, voam as saudes
Por entre o esfusiar do riso franco!
Chispam olhos em fogo e pelos peitos
Arde em famintas labaredas a ansia!
Anda Gilvaz d'um lado a outro lado
Em roda viva ateando o vasto incendio,
Emquanto Lola, de sorriso casto,
Com a alegria alheia se contenta...

Ergue-se então, os olhos pequeninos,
A voz entrecortada e commovida,
O excelso Papamilho, um geito dando
Ao colarinho que o suffoca e afronta:
«Senhora e meus senhores, agradeço
A honra que me daes no dia d'hoje,
O mais ditoso, o mais afortunado
Da minha longa já cançada vida!»
«Muito bem, muito bem!» — urraram todos,
E as taças rubras novamente emborcam.

«Silencio! -- continúa Papamilho,
Já com a voz um pouco entramellada,
Silencio! Em verdes annos fiquei orfão

De pae e mãe. No tempo dos franceses,
Sabeis a historia, as hostes estrangeiras
Entrando em Parvolandia, á mão armada,
A matar velhos, desflorar donzellas,
Roubando egrejas, profanando tumulos,
Mataram-me, de susto, os pobres velhos,
Meu amparo na vida e o meu enlêvo!»
Aqui o amphitrião solta um rugido
E o guardanapo leva aos olhos madidos.
Os convivas então erguem de novo
As cheias taças de espumante vinho
E longamente os echos ulularam.

«Por tão cruel destino contrastado,
—Vae continuando o palrador ardêgo,
Para ganhar o pão, assentei praça
No batalhão obscuro dos marçanos!
Annos depois um lance da fortuna
Transformou-me em patrão e nesse dia
O mundo para mim foi um chuveiro
De ventura, de risos e de libras!
Á minha bem fornida mercearia
Vinha a fortuna prodiga trazer-me
Oiro, mulheres, honras e prazeres!
Cansado e rico trespassei a tenda,
Mister mais elevado me atrahia.
Fundei casas de prego e aos syndicatos
De toda a especie, aos bellos monopolios,
Á alta finança, por mercê e graça
Do nosso dadivoso D. Pacovio,
Prestei o meu talento e os meus cuidados.
Quem sabe se num dia que antevejo

Não serei o senhor da Parvolandia,
Ou pelo menos de metade da Africa?...
Já vedes o que fui, qual sou bem vedes,
Fortunato primeiro, o Topa a tudo,
Por zombaria e mofa um Papamilho,
Mas rico e sem cadastro na policia!
Rico é verdade, mas feliz... Faltava-me
Esse prazer que em vida nunca tive,
Esse divino amor leal, sincero,
Que por dinheiro não, mas por piedade,
Dourar quisesse os dias que me restam!
Esse favor o céu mo envia agora
No brando olhar de Lola, a bella noiva
A quem já quero como se a egreja
Nossos destinos já tivesse unido!»
Voltam-se os olhos todos para Lola,
Que de pejo succumbe e o rosto inclina.
Vê-se que quer fallar, mas a palavra
Expira-lhe medrosa á flor dos labios,
Tal é a commoção que se apodera
Da bella flor que os fados transplantaram
Do seu jardim natal da Andaluzia!
Commove-se tambem o feliz noivo,
E quasi a rebolar cadeira fóra,
Pega de chofre na garrafa intacta
Onde rebrilha do cognac a chamma,
E d'um jacto a esvasia! Os companheiros
Seguem-lhe o exemplo, os copos emborcando,
Num accesso voraz, num alvoroto
Que nem de Gallo no festim se vira!
Em vão tentam fallar Giboia afflicto,
A trasbordar de farto, e D. Pacovio,

Por cuja bigodeira vão saindo
Vozes sem nexo, phrases sem sentido !
Rolam corpos no chão, ruem cadeiras,
E a larga vozeria atrôa os ares !

Já sob a mesa jaz estatelado
O odre do boticario, himpando o vinho!
Andam dispersas pelo chão, a rodos,
As veneras da farda de Pacovio,
Que descomposto rola sem destino !
Foje pelas trazeiras da cosinha
O cauto regedor, cuja cabeça,
Ardendo em febre, está sonhando agora
Com desordens, com sangue e navalhadas !
Está sem falla o da rabona, immovel
Como um cadaver; deu-lhe na fraqueza !
E Fortunato? Amarrotado e sujo,
Abraçado ao Giboia, que resôna,
Como um cevado farto que digere,
Ronca em surdina, estarrecido e molle !
Dois sós, em pé, no campo da batalha,
A contemplar da orgia o desbarato,
Sorriem de prazer — Gilvaz e Lola !

CANTO SEXTO

Musa d'Elpino, está chegado o termo
Da pavorosa e tragica aventura !
Galopando espantado e sem governo
Pelos alqueves do heliconio monte,
À redea sôlta o Pegaso desfila !

Manda-o sustar na célere carreira,
Não vá chapar-se nos queirós da infesta.
Como Aristeu inconsolavel, posto
Em misero abandono ao pé dos muros
Da guerreira cidade onde escarninho
Cantou Dinis, de Lara as aventuras
E do vaidoso bispo as vãs prosapias,
Aqui meu estro desfallece á mingua
De inspiração, se me não vale o influxo
Do teu poder, ó musa da epopeia!
Acode, acode, pois, irmã de Themis,
Ajuda-me a cantar em solfa alegre
Do grande Papamilho a morte ingloria.

Já no seu carro d'oiro o esbelto Apollo,
Surgindo alegre das regiões da aurora,
Relaxa as redeas ao fogoso tiro
Que para a Parvolandia vae trotando,
E ainda immerso em funebre silencio
Jáz a morada festival da vespera!
Nas vastas salas e amplos corredores,
Rumorosos ha pouco, nem um pio
Do triste mocho, o passaro agoirento,
A terrivel mudez quebrar se atreve!
Tão só da alta janella trapejando
Na alcôva do noivado, uma cortina
Solitaria, espipada, bamboleia
Na aza da viração como um cadaver
Nos braços d'uma forca abandonado!
Da alegre ceia a mesa é posta ainda,
Mas que desordem na deserta quadra,
Mas que silencio sepulcral, de morte!

Apenas no desvão d'um velho armario
Que se ajustava a um canto da cosinha,
Um vulto amarrotado vae erguendo,
Timidamente, a calva luzidia!
É Papamilho, o noivo, o Fortunato,
Que os mal despertos olhos vae abrindo,
E de se ver naquelle estado pasma!
Sabe-lhe a bôca a ferro velho e nota
Que sobre os pés mal pode equilibrar-se!
Como veio até ali mal comprehende,
O estado em que se vê comprehende menos.
E os commensaes onde estarão? que é d'elles?
Grita pelo Gilvaz, chama por Lola...
Responde-lhe o silencio impenetravel,
Aterrador, que os ossos lhe trespassa!
Ergue-se e a cambalear percorre a casa,
Clama de novo, mas ninguem responde!
Desce ao quintal. Cantavam nos silvados
Os pintarroxos, geme a nora ao longe;
Um pardalsito esterca-lhe na calva!
Torna a subir a escada, á alcova corre
E sobre a mesa, em gorda letra escrito,
Fatidico papel lhe atráe os olhos!
Devora-o num relance — «Ao acordares,
Em seguro estaremos, muito longe
Do teu rancor e refalsadas manhas!
A tua noiva, aquella por quem morres,
Comigo se vae rindo do usurario,
Senil Tenorio, condemnado ás malvas!
Do teu oiro famoso um pouco apenas
Me praz levar como lembrança grata
Do pae ladrão que fez ladrão... o filho!»

Percebe tudo. «Estou roubado!» — grita
Em altos berros, atroando as salas!

Deixar na tela em traços vigorosos
O desespero, a raiva, a insania, as lagrimas
De Papamilho, o toiro assim colhido,
Empresa é esta que o pincel refusa!

Novo Laocoonte, as serpes venenosas
Mordem-lhe a carne e em roscas mil lhe apertam
O peito agonizante! Ainda cuida
Que é sonho o que está lendo, effeito acaso
De noite mal dormida, em sobresalto...
Mas vae certificar-se, e como um doido
Das gavetas arranca, invade os cofres,
Armarios desconjunta, e num minuto
Verifica, a final, que está roubado!
Foge-lhe então a vista, o pulso foge,
Um frio de gelar lhe corre a espinha,
O cerebro lhe pára, e ao mesmo tempo
A congestão o prostra inanimado!
Tal foi de Papamilho a morte escura.

FIM

INDICE

CANÇÕES

ODES

POEMAS

PÁGINA SOLTA

PÁGINA SOLTA

Eu ando como um somnambulo
Pelas estradas, a medo,
Sempre a pensar no motivo,
Por que envelheci tão cedo.
....

Vivi, se vida foi, sem primavera
A sós com Deus e a lyra;
Amor, foi como se eu nunca o tivera;
Todo o prazer, mentira.

SIMÕES DIAS.

Ao traçar, ha breves dias, o desadornado peristilo da sublimada galeria das *Peninsulares*, mal diríamos nós que cimentávamos os alicerces de uma cripta, e, á guisa oficial de certos documentos, teríamos que registar a abertura e o encerramento do preciôso livro, abertura festiva, encerramento necrológico!!

Tristíssima e custosa missão a nossa, quando as artérias nos vibram descompassadas em constante crepitação articular; quando sabemos sentir, mâs não podemos descrevêr!

A morte de Simões Dias figura-se-nos a visão diabólica de um sonho infernal.

Embora alquebrado por lances vários e antigos de acerbo desgôsto, e muito enojado do trato social,

de que sistematicamente se escondia, o douto sabedôr não denunciava nos estragos aparentes do seu forte organismo um têrmo próximo de vida.

Verdade era que o seu luminôso espírito, aos nossos olhos de amigo, ha tempos a esta parte, perdêra uma determinada parcela da sua fulgurante irradiação, acorrentado á nervosidade de um labôr extraordinário e desacostumado, que o preocupava constantemente.

Longe porêm estávamos nós e muita gente de que êsse estado prenunciasse decisiva e próxima fatalidade.

Entretanto uma dilatação da aorta, provocada por má disposição orgânica, produzia, insidiosamente, havia muito, efeitos deletérios, e lançava o infortunado nas torturas incuraveis de uma agonia lenta e cruciante, que ia entregar a uma irremediavel viuvêz a musa inspiradôra do grande trovadôr.

Na rua Estephania n.º 2-A, ás 11 horas de 3 de março corrente, dia borrascôso, em que a naturêza parecia insurgir-se contra o mau destino de quem tão profundamente lhe conhecêra a feição popular — Simões Dias, aos 55 annos, turvado de idêas, pois que Deus concedêra a mercê de lhe não deixar conhecêr o seu estado, exhalava o último alento, graças ao mêsmo Deus, cercado de confôrtos e lágrimas.

As lágrimas do afecto formam a âmbula sagrada, onde, á despedida da terra, se devem envolvêr os corações de oiro, como o d'êlle.

Simões Dias morreu, como tantos homens illustres, despremiado da política, que muito lhe deve; esquecido de ingratos, que lhe sugaram o préstimo;

privado de distinções cívicas e académicas, porque as não solicitou; mâs baixou ao túmulo, querido dos bons collegas, admiradôres e amigos selectos, e seguido de um clamôr de bençãos, que as almas juvenis dos seus discípulos, em roda do modesto catafalco, no caminho da morada fúnebre e junto da sepultura, lhe convertêram em flôres de olorosa gratidão.

A noite do lutuôso acontecimento foi pâra êlles uma noite de vela, piedosa e enternecedôra, ao pé do preciôso cadáver do mestre, que êlles cobriram inteiramente de violêtas, as flôres que melhor diziam com a simplicidade característica do meigo trovadôr das *Peninsulares*.

Á juventude encantadôra d'aquêlle peregrino espírito, correspondeu perfeitamente a manifestação comovedôra da mocidade escolar.

A não sêr isso, que muito é, Simões Dias acabaria a vida sem uma distinção do seu país, pois que a única mercê honorífica, que possuia, deveu-a a uma nação estranha!

Pobre amigo! desditôso companheiro do nosso modesto gabinête de estudo, nas palestras domingueiras, nas horas de lazêr! que vácuo enorme sentimos agora, ao parecêr-nos que ouvimos os lamentos soluçantes da tua musa predilecta!!

—Filha de Apolo!—tartamudeava Simões Dias em meio do seu tormentôso delírio — Filha de Apolo! é tão bonita! Ó formosa filha de Apolo!

Era a sombra voejante da musa peninsular, sem dúvida, que êlle via adejar-lhe em tôrno, nas escuridades do seu cérebro revôlto.

Por êsse estraordinário e fatídico motivo, devem a mocidade escolar e tôdos, que o amaram, mandar-lhe inscrevêr o seguinte epitáfio:

Aqui jaz o coração diamantino do poeta inconfundivel das Peninsulares, *cuja musa dilecta, divindade cândida e robusta dos campos beirões e da trova provençal, como formosa e verdadeira filha de Apolo, ungiu os lábios do grande trovadôr, na hora derradeira, quando êlle despia o invólucro torturante da vida pâra ascendêr ás alturas rutilantes de uma gloriosa eternidade.*

Se Portugal tivesse, por honra sua, um pantheon digno de tal nome, êsse letreiro seria alí gravado, em lâmina de oiro, defronte dos de Garrett e Castilho, que ainda esperam por tão simples e justa homenagem do seu degenerado país, cujo amollecimento de costumes substituiu a virilidade heroica e espartana de outros tempos.

Esquecidas ou não as cinzas do poeta genial, a sua obra florejante viverá nas letras pátrias, que serão talvêz um dia, quem sabe? o único monumento perduravel, a memória única da nacionalidade portuguesa.

Lisbôa, 7 de março de 1899.

Sanches de Frias.

DR. SIMÕES DIAS

BOSQUÊJO DA SUA VIDA E OBRAS

NOSSA interferencia no exame da obra capital do autôr das *Peninsulares* não teria necessidade de sêr definida, se uma parte, pequena embora, da confradaria literária da actualidade não soubesse perfeitamente das nossas relações pessoaes; e por isso, no ímpeto de um pecadilho, a que tôdos, por culpa de Adão e Eva, somos mais ou menos atreitos, não podesse malsinar intenções de probidade, na espectativa de um panegírico descomunal.

É verdade que os hóspedes, que formigam no convivio de muito bôa gente, os próprios intimos, são, ás vêzes, os que melhor mofam das iguarias, com que os banquetearam.

Ao demasiado escrúpulo de qualquer purista biógrafo do nosso mútuo conhecimento, afirmamos peremptoriamente que não vimos representar nenhum dos dois papeis, de maléfico ou de panegirista; e sim, e unicamente, reivindicar pâra a critica e pâra a história uma individualidade, cujos atributos de plena revestidura andam, a nosso vêr, mal cerzidos e

peormente localisados, aqui e acolá, mau grado a pericia de tantos e tão illustres criticos, que d'ella se têm ocupado.

E porque o fazemos? por cortezania amiga? por impulso de simples camaradagem?

Vamos dizêl-o.

Obedecendo a uma ordem de estudos histórico-literários e de biografia, a que, de ha muito, e a intervalos, nos dedicamos, foi nosso intento contemplar com êlles, em primeira plana, o esquecido tugúrio dos nossos maiores e os conterraneos memoraveis, vivos ou mortos, de breve e não alongado circuito.

Nêsse propósito, demos a lume, em 1896, a memória histórica e critica *Pombeiro da Beira*, cuja 2.ª edição muito acrescida com largas informações, pesquizas e trabalhos de dois annos consecutivos vae saír do prelo brevemente; ao fim d'isso, ou quasi ao mesmo tempo, escreviamos um drama histórico, cujo protagonista é o nosso compatricio, de Avô, Braz Garcia de Mascarenhas, o patriota gloriôso, autôr do *Viriato Trágico;* e tratavamos depois, num estudo prévio, que juntaremos ao drama, de dizêr o que ainda não foi dito ácerca da sua vida e obras, procedendo a numerosas averiguações de genealogia e história local e pessoal.

Em seguida e emquanto esperavamos subsídios de pontos diferentes, aonde nos temos dirigido por escrito, metíamos hombros ao terceiro trabalho, onde avultava outro conterrâneo nosso, vivo, que respirara, como Braz Garcia e como nós, o acre perfume dos estevaes beirões, no voejar sadio e irrequieto da sua tenra e modesta infancia.

Quando nos acercámos de Simões Dias, que d'êlle se tratava, a solicitar poucos mas determinados esclarecimentos, que não podiamos havêr de outrem, já nos rodeavam subsídios de larga monta, raciocinios formulados de ha muito e

escritura até, que, no têrmo da nossa investigação, nos deixaria fartas ensanchas.

D'ahi um interrogatório, a que forçôso nos foi respondêr; uma oferenda de trabalho quasi completo, que era natural fazêr-se, e a modesta perplexidade da aceitação, pâra nós sobremaneira honorífica, por se tratar da obra suma e definitiva de quem tem direitos de cidade e menagem especial nos arraiaes das letras portuguêsas.

Eis tudo.

Se o ligeiro perfil do homem nos saír descolorido, por vêzes, será porque o vulto bracejante do escritôr nos ofusca os traços e esconde as tintas.

Artista e arte, em geral oferecem frequentemente contrastes de refinada minúcia, no meio dos quaes é dificil que uma paleta não vacille.

— Sejamos simples e seremos doutos — disse não nos lembra quem.

O melindre da nossa posição e o desempenho da nossa tarefa podem justificar essas palavras, e convertêl-as em conceituôso aforismo.

*

*   *

Uma pequena aldêia solitária, estendendo na vertente de uma serra apinada, ladeira acima, a sua casaria rústica, coberta de lousas ardosíanas, quasi primitiva, enquadrando-se em socalcos verdejantes, que se infileiram egualmente noutra serra fronteira, e banhando os pés numa ribeira sussurrante, salpicada de azenhas e marginada de árvores fructíferas e cultura campesina, aonde a primavera envia rouxinoes em barda — não é somenos estancia pâra bêrço de um poeta.

O doutôr José Simões Dias nasceu, a 5 de fevereiro de

1844, numa aldêia d'estas, cujo nome lhe basta, a pequena *Bemfeita*, situada acima de Coja, ao lado esquêrdo do rio Alva, no concêlho de Arganil, e possuidôra, alem de uma capela octógona, a meia encosta lateral e duas diferentes a tôda a altura, de uma egreja, situada á entrada, cujo orago, Santa Cecilia, tambem pode sêr advogada dos bons poetas, que músicos devem considerar-se de privilegiado quilate.

Fôram seus paes os snrs. Antonio Simões Dias e sua mulher D. María do Rosario Gonçalves, proprietários, que ainda vivem.

Aos 10 annos, em 1854, concluia os estudos primários na escola do mestre régio da localidade, padre Antonio Pedro Nunes Teixeira, um velho liberal, que sofrera por isso as torturas do exilio e das prisões de Almeida; vulto espadaudo, claro, aprumado, que um dia chegámos a vêr, cercado das netas, porque ao enviuvar é que se ordenara.

Empunhando a palmatória do oficio e experimentando frequentemente a elasticidade das orelhas dos discípulos, Antonio Pedro era menos mau atrofiadôr de intelectos, mâs, no meio dos seus rotineiros processos, lobrigara a intelectualidade precoce e absorvedôra do pequeno alumno, que o fazia pasmar, e a que, em breve tempo, consagrou largos vaticinios.

Nêsse dito anno o rapazinho, em consêlho de familia e sôb a opinião sentenciosa do professôr, foi mandado estudar latim pâra o districto de Leiria com outro mestre régio, João Cabral de Brito, em Pedrogão Grande, onde era párocho seu tio, o reverendo Albino Simões Dias Cardoso, amorôso carácter, homem bonissimo, a quem o educando deveu quente agasalho e provada dedicação, de que se lembra agradecido.

O apartamento da aldêia nativa, deitada, a preguiçosa, nas alfombras da encosta, que o pequeno percorrêra a des-

pedir-se de tôda a gente, não se fêz sem lágrimas, como era próprio da edade e sensibilidade de quem tanto sentia.

Na patria de Miguel Leitão de Andrade estêve três annos o novel estudante a suportar as lições, não de uma personagem como sería o douto autôr da *Miscellanea*, mâs sim do mestre Cabral, pedagogo ferrenho e ignorantaço, que elle felizmente abandonava ao fim d'êsse tempo, recolhendo-se ao *ninho seu paterno*, pâra se transferir a Coimbra, onde iria cursar preparatórios.

A ida pitoresca da Bemfeita pâra a Raiva, num carro de bois, a sua entrada na barca mondegana, que, com as pipas de vinho, de que se achava atulhada, ia leval-o, rio abaixo, á terra de Sá de Miranda, e o seu deslumbramento em face da poética cidade, pâra êlle tôda rutilante de louçanias e esplendôres babilónicos, que avultavam ao espirito impressionavel do estudantinho provinciano, como maravilhas nunca sonhadas, durante as leituras fantásticas da *Princêza Magalona* e da *Imperatriz Porcina*, sôbre que derramou lágrimas de admiração — tudo isso, tão nitido como fotografia indelevel, não se riscou até hôje das lembranças infantis de Simões Dias, que saltava no caes de Coimbra, comovido, titubeante, com 13 annos de edade, dôze vintens no bôlso, em prata, dádiva generosa de sua madrinha, e a alma virgem, angelicamente bucólica, alanceada de dúvidas e sustos.

A sua entrada e demora em casa de um parente, conhecido latinista naquella cidade, são por demais pungentes e ingratas, pâra que d'ellas nos ocupemos.

A sua vida foi sempre eivada de rara parcimónia e successivas dificuldades.

De tôdos os preparatórios, necessários á matricula posteriôr, fez exames em 1857 e 1858; faltando-lhe porém a edade, e cedendo passivamente ás instancias e vontade dos

parentes, que o desejavam clérigo, foi inscrevêr-se no seminário no curso theológico, que, tão galhardamente como acontecêra com os estudos preparatórios, terminava, ao fim de três annos, em 1861, isto é, aos 17 de edade.

Entretanto, facilmente se pode calcular que tortura não sería pâra aquêlle espírito florejante a aridêz de taes conhecimentos!

Apoucando o seu mérito, mas indicando os processos do ensino então usados, Simões Dias fêz-nos, ainda não ha muito, no descrevêr do protagonista de um conto seu, como recordação característica da época, o seguinte retrato:

«Os mestres orçavam geralmente pelos que tinha encontrado nas primeiras letras e no latim; os processos os mesmos; e, quando me supunha um sabio em todas as materias percorridas, encontrei-me com o cérebro vazio e a intelligencia exhausta. O mundo continuava a ser para mim um vasto mar tenebroso e desconhecido.

«Para o vencer, carecia de lutar, mas falleciam-me todos os meios de resistencia. As aulas não tinham posto nas minhas mãos nenhum d'esses instrumentos poderosos, que servem para defender a dignidade pessoal e para grangear o pão de cada dia.

«Sentia-me com ancias para o trabalho util, mas não sabia trabalhar. Os methodos da disciplina mental e as torturas da memoria não tinham feito de mim o que vulgarmente se chama um cretino, mas tinham com certeza produzido um inutil. Discorria como um papagaio, mas não raciocinava melhor que um selvagem por domesticar.»

A amargura cáustica, que reçumbra d'estas linhas, pinta, a justos e breves traços, tôda a sequidão do ensino oficial.

Apesar de tudo, porêm, a frequencia de estudos áridos e monótonos, quasi incompativeis com aquêlle cérebro juve-

nil, onde borbulhavam tôdas as idealidades, côr de rosa, de uma alma scismadôra e inexperiente, não chegou, durante tôdo êsse tempo, a empanar, por instantes sequer, a luz de uma espontânea e vivíssima inspiração, que se desatava em floridas primicias, que a tôdos pareciam demasiado precoces.

São de annos tão verdes os primeiros versos correctos de Simões Dias; e d'ahi data a sua colaboração nos periódicos literários de Coimbra — *Tira-teimas*, *Preludios Literários*, *Fosforo*, *Himnos e Flôres*, *Harpa*, *Atila*, *Academia*, que fundou com Emigdio Navarro e Lopes Praça, *Chrisálida*, que fundou tambem com Theophilo Braga e Duarte de Vasconcellos, e finalmente na *Folha*, de João Penha.

Pode afoutamente dizêr-se que, num periodo de 9 annos, de 1861 a 1870, não houve em Coimbra publicação literária, que não tivesse a sua colaboração.

Concluido o curso do seminario naquêlle anno, 1861, como dissemos, Simões Dias, ainda á espera de outra edade, ia matricular-se nos estudos universitários.

Recrudescêram aqui verdadeiros amargôres de uma vida laboriosa pâra o môço poeta, que, ao mêsmo tempo que forcejava por manter completa nas aulas a reputação, tão invejavelmente conquistada, via-se forçado a lecionar numerosas classes, dentro e fora de sua casa, pâra ganhar o pão, sustentar a sua independencia e dedicar-se, com o fervôr do seu estro sugestivo aos predilectos estudos literários, sua suprema aspiração.

Com efeito, mercê das tendencias innatas, vivazes, irresistiveis do seu espirito creadôr, dois annos mais tarde, aos 19 de edade, em 1863, publicava em Coimbra a collecção lirica do *Mundo Interiôr;* em 1864, o poemeto *Sol á Sombra;* em 1867, a 2.ª edição do *Mundo Interiôr;* e finalmente, em 1868, o livro de contos *Corôa de Amores.*

Tôdas as previsões dos aurúspices, devotados á preconisação dos seus altos destinos intelectuaes, tinham ultrapassado as raias prescriptas.

A imprensa da época registava com aplauso vibrante as estrêias do môço poeta, prometendo-lhe vasto futuro.

Mendes Leal, logo ao lêr dos primeiros versos, mandava-lhe o seu retrato com esta notavel e ridente dedicatória: — «A uma primavera que se inflora com o nome de Simões Dias — um estio, que declina, com o nome de Mendes Leal.»

Tôdos os magnates das lêtras, os que então faziam e desfaziam reputações, vieram ao chamamento dos louvôres, que se apregoavam, e exalçaram o mérito, que lhes dava causa.

Castilho aplaudia-o com alma, publicamente e em correspondencia particular; Camillo, como escreve no *Cancioneiro Alegre*, conhecendo poucos poetas e gostando de pouquíssimos, destinava aos cantàres do novel trovadôr, o pequeno raio das estantes, consagrado aos *bons;* Pinheiro Chagas, analisando no *Panorama* as canções populares do recem-vindo ás fraldas virentes do Parnaso, chamava-lhe o primeiro guitarrista peninsular!

O talentôso estudante ia portanto terminar os seus trabalhos universitários, tão discordes da sua compleição, sôb os melhores auspícios, já senhôr de um nome laureado; o vate recebia a sua sagração por mãos dos melhores patriarchas da seita; e o escritôr ia entrar na pugna, onde em breve conquistaria as suas esporas de cavalleiro.

*

* *

No anno da sua última publicação literária, em julho de 1868, tendo alcançado durante tôdo o curso universitário, as mais honrosas classificações, Simões Dias concluia a sua formatura; e era ardentemente solicitado pelos seus professôres pâra que se doutorasse, e consentisse em fazêr parte do côrpo docente da universidade.

Impelido porêm pela aura de uma liberdade, que lhe sorria ao longe, pelos próprios encómios dos seus admiradôres, por estímulos vários, que lhe tumultuavam no ânimo assimiladôr e pelos sorrisos estonteadôres da sua musa irrequieta — preferiu concorrêr a uma cadeira de português, francês, latim, economia rural e administração pública, creada pâra a cidade de Elvas, por lei de 27 de junho de 1866.

Apesar do grande número de concorrentes, as suas provas fôram tão brilhantes, que o faziam preferir e nomear professôr vitalício, por decreto de 30 de novembro de 1868, isto é, quatro mêses depois da sua formatura.

Alem das causas, que apontamos, o nosso devêr de chronista rigorôso obriga-nos a registar que Simões Dias se apartava tambem e especialmente dos sinceiraes do Mondêgo, pâra seguir enamorado as dôces peripécias de uns amôres castos, sanctificados, de formosura rara, que, ainda mal pâra o seu futuro, se lhe sumiriam em breve no túmulo.

As obrigações do seu cargo, como os estudos anteriôres, não o inhibiram do cultivo literário, e concorrêram até pâra que, pela primeira vêz, experimentasse as suas armas de polemista, batalhando nas ardentes pugnas, que então se feriram contra a *Nação*, o *Bem Publico* e outras fôlhas reacionárias, que lhe não perdoavam o desvio pâra fóra dos arraiaes theológicos.

O campo da batalha era a *Democracia*, d'Elvas, onde colaborava com o reverendo Henrique de Andrade, tão mo-

desto como erudito, seu companheiro e devotado admiradôr, a quem deve uma das mais calorosas biografias.

A sua estada em Elvas assinalou-se especialmente pela publicação do poema heroe-cómico *A Hostia de Oiro*, saído dos prélos da *Democracia*, em 1869, e pela 1.ª edição das *Peninsulares* — canções meridionaes — impressas na mêsma tipografia, em 1870.

Caso singular do destino!

Ao respirar a mêsma atmosfera, que tinha envolvido a figura irónica do doutôr Antonio Diniz da Cruz e Silva, um século antes, o amorôso trovadôr o cantor lírico das canções meridionaes, comungava em espírito com o autôr do *Hyssope*, e satirisava personagens do seu conhecimento na *Hostia de Oiro*, escrita á mesa da redação da *Democracia* e pensada na própria casa, onde poetara Cruz e Silva!

Êsse poema era uma nova caracteristica de aptidões, que ninguem lhe supunha, e que a superstição poderia atribuir a filtro maravilhôso, que por ali estadeasse, desprendido, havia tanto, do alto espírito, que produziu o *Hyssope*.

Em agôsto do sobredito 1870, Simões Dias deliberava transferir a sua residencia pâra Lisbôa, onde obtivera, em concurso, um modesto emprêgo na secretaria da Justiça, exactamente quando o município de Elvas se reunia pâra o louvar como professôr, aúgmentando-lhe o ordenado, e rogar-lhe que não saisse d'alí.

No periodo, consagrado a Elvas, devemos tambem mencionar o aparecimento do volume *Hespanha Moderna* e os factos principaes, a que deu causa.

Simões Dias, pelo conhecimento, que tinha dos escritores hespanhoes, alguns dos quaes lhe aplaudiam o nome, composera êsse livro, revista crítica e biográfica dos poetas,

oradôres, eruditos, historiadôres e artistas contemporâneos da nação visinha.

Esta obra pôl-o em comunicação directa com os principaes escritôres de Hespanha, com cuja amizade se tem honrado; valeu-lhe um encomiástico artigo na importante fôlha de Canovas a *Ibéria*, onde se mencionam e celebram os serviços feitos á literatura hespanhola pelo escritôr português; e deu-lhe a honra de recebêr, na sua casa de Elvas, em 1870, das mãos do então ministro Montero Rios a comenda de Izabel a Cathólica, com que a regencia de Serrano quiz galardoar êsses serviços.

A comunhão confraternal de Simões Dias com os escritôres hespanhoes promanara das traducções, que alguns d'êlles haviam feito dos seus versos e dos louvôres, com que o saudara a imprensa hespanhola, logo em seguida á publicação.

Emquanto distinctos poetas como Ventura de Aguilera, Luiz Vidart e Blanco assignavam essas traducções, notabilidades como Victor Balaguer, o sábio académico autôr da *História de los Trovadôres*, Emilio Castelar, Romero Ortiz, Nunes de Arce, Montero Rios, o recente e coagido negociadôr da triste paz hispano-americana, e outros publicavam na imprensa mais distincta artigos laudatórios e calorosas felicitações.

*

* *

A estada de Simões Dias em Lisbôa foi passageira, durando apenas até abril de 1871, anno em que dava á estampa as *Ruinas*, poemetos ainda impressos em Elvas, e data em que era encarregado pelo governo de ir regêr no liceu de Vizeu a cadeira de oratória, poética e literatura,

sendo provido na propriedade d'esta última disciplina em 1880, e desempenhando já o cargo de secretário do mêsmo liceu, pâra que fôra escolhido, dois annos antes, por decreto de 21 de fevereiro de 1878.

A curta demora, porêm, na capital, não inhibiu o festejado poeta de frequentar os célebres saraus literários, onde o venerando Castilho, cercado da fina flôr da aristocracia do talento e do sabêr d'essa época brilhante, fazia da sua casa um areopago de sciencia e lêtras, como nunca mais tornou a havêr em Lisbôa, onde os conventiculos posteriôres de invejas e seitas produziram a desunião subsequente.

As tão procuradas enciclopédias literárias d'êsses tempos áureos dão a medida da cohorte numerosa de escritôres, que se acercavam do maior sabedôr e melhor purista da lingua portuguêsa.

Uma d'essas afamadas reuniões, a pedido de Fernandez de los Rios, celebrou-se no palácio da embaixada hespanhola, á rua das Chagas, onde êlle tratava de conquistar prosélitos, entre os melhores politicos e homens de lêtras, para os seus fanatismos ibéricos.

Silva Tullio ia lêr uma obra do mestre, nacionalisadôr inimitavel de estranhos monumentos literários, a tradução do *Fausto*, em sarau familiar de gala, entremeado de cêa, crítica, dôces, licôres e música, serão que se prolongou até á madrugada. Simões Dias, que recebeu finêzas especiaes do diplomata hespanhol, ainda hoje se lembra d'essa noite memoravel.

A permanencia em Vizeu comprehende um dos periodos mais afanosos e notaveis, se não o mais afanôso, do vivêr de Simões Dias, tantas e tão diversas ramificações tomou êlle.

Um anno depois da sua chegada creava familia, matrimoniando-se em setembro de 1872, enlace, de que provêiu uma filha, a Ex.^{ma} Snr.ª D. Judith de Menezes Simões Dias,

casada com seu primo, o novel facultativo Snr. Carlos Simões Dias de Figueiredo, de quem tem successão.

Amigo particular do falecido bispo de Vizeu, D. Antonio Alves Martins, lançou-se, abertamente e a breve trêcho, na defensa dos principios d'aquêlle estadista; e taes aptidões desenvolveu que lhe conquistaram, dêsde logo, um dos primeiros lugares da politica districtal.

Os sinceros amigos das lêtras é que certamente não mandaram o seu cartão de visita á empolgadôra inebriante de quasi tôdos os talentos literários do nosso paiz.

Apesar de tudo, sem faltar aos seus devêres profissionaes, escrevia livros pâra as aulas; compunha contos e romances, uma vês por outra; redigia o jornal *Observadôr*, que fizera nascêr pâra apostolar a sua politica liberal e patriótica, em 1878; e depois, a 2 de novembro do anno seguinte, creava o *Districto de Vizeu*, que dirigiu, durante ôito annos; cuidava da politica pâra onde o arrastavam as solicitações dos amigos; fazia discursos nas assemblêas populares, e cuidava finalmente do bem-estar da familia.

Eleito deputado ás côrtes, por Mangualde, em 1879, estreou-se como oradôr parlamentar de excellentes recursos, ao propôr que fôsse considerado de gala nacional o dia do tricentenario de Camões.

A sua oração foi académica e elegante; avantajou-se-lhe extraordinariamente porêm a que pronunciou como relatôr do projecto de lei da instrucção secundária, de 14 de junho do anno seguinte, discurso erudito e que preencheu duas sessões do parlamento; que é um trabalho oratório e pedagógico de primeira ordem, e que mereceu gabos especiaes da imprensa.

O livro, que relata o melhor discurso parlamentar de Simões Dias conta já duas edições de larga circulação.

Três legislaturas mais o tiveram por deputado: por acumulação de votos, a que vae de 15 de dezembro de 1884 a 7 de janeiro de 1887; por Pombal, a de 2 de abril d'êste anno a 10 de junho de 1889; e por Mertola, a de 19 de abril de 1890 a 2 de abril de 1892.

Os seus artigos de polémica, distinctos pela vernaculidade da dição e pelo tom irónico do ataque, nada ficam a devêr á oratória parlamentar, que não tinha fulgurações demosthênicas, nem repentes arrojados e retumbantes, mâs frases conceituosas e períodos de um colorido quente e incisivo.

Nos célebres comícios, que se celebraram em 1882, contra o contracto Salamanca, a palavra então vehemente e sempre correcta de Simões Dias produziu peças tribunícias, que fôram altamente cotadas pelos jornaes do tempo.

Foi êlle quem á frente de uma numerosa commissão districtal se dirigiu a el-rei D. Luiz, então de visita á Beira, pedindo a demissão do governo.

Apesar d'essa agitação de vida, a robustêz das suas faculdades mentaes não deixava condemnar ao abandono os assumptos escolares e as bellas lêtras, excepção feita da poesia, que não viça em arruidos tumultauntes, nem floresce em terrenos de aluvião, estranhos á subjectividade do seu sêr imaculado.

Pertencem á época viziense, que atravessou o largo período de 1871 a 1886, as seguintes obras: — *Compendio de historia patria*, pâra as aulas primárias, 1872; *Compendio de poética e estilo*, mais tarde refundido na *Theoria da composição litteraria*, 1872; *Historia da litteratura portuguêsa*, cuja 1.ª edição saiu em 1875, com o título de *Lições de Litteratura portuguêsa* e já attingiu a 9.ª edição; *As mães*, romance publicado no Pôrto, em 1877; *O Peccado*, romance impresso no Pôrto, 1878; *Curso de philosophia*

elementar, de Balmes, tradução, Pôrto, 1878; *A flor do pantano*, romance de Carlos Rubio, tradução, Vizeu, 1879; *Elementos de Oratoria e versificação portuguêsa*, refundida depois na *Historia da Composição*, Vizeu, 1881; *Historia da philosophia*, de Balmes, Pôrto, 1881; *A instrucção secundaria*, 1.ª edição do Pôrto. 1880, e 2.ª de Coimbra, 1883; e *Manual da historia e analyse*, colaboração, Pôrto, 1883.

A musa cancionista e trovadorêsca de outros tempos porêm desertara chorosa de Vizeu, onde a escandalisavam os rasgos tribunicios e os artigos de polémica de Simões Dias; e ia refugiar-se no mêio dos rosmaninhos floridos da pequena Bemfeita, onde o seu amado nascera, onde o dilecto da sua feição popular, caracteristica, bebêra a agua lustral da inspiração, que ella, a musa sertaneja de bom sangue, sincera, espontânea, lhe fizera bebêr nos sêios maternos, quando êlle o dôido bandolinista, a definia assim:

É uma serrana bella
Que um dia encontrei no monte,
De madresilva e marcella
Toucada a virginea fronte.

É uma gentil plebeia,
Pastora sadia e forte,
Que prefere o sol da aldeia
Ao gaz dos salões da corte.

A testa espaçosa e bella,
O cabello d'oiro fino
E uma tunica singela
Sobre o seu corpo divino.

. . . .

Se aparecia, a coitada, de vês em quando, a uma réstea de sol nascente, era pâra repetir, a meia voz, soluçante, as trovas dos bons tempos de Coimbra, e deixar-se cair desalentada sôbre a aresta das penedias, ao recordar-se do que o travêsso descantava ás morenitas do Guadalquivir:

Quem sou? — perguntareis moças de Hespanha:
Sou das bandas que o limpido Mondego,
Com sua veia crystalina banha!
A minha terra em gloria foi tamanha
Que a não excede a patria de Riego;
Nos campos me criei da bella Ignez;
Môças de Hespanha, emfim, sou português!
. . . .

Porque canto? — direis, lindas donzellas.
Que ha de fazer a gente quando é môço,
Sob este céu de fulgidas estrellas,
Ante essas raras perfeições, tão bellas,
Que outras mais bellas descobrir não posso?
Não pergunteis, occidentaes huris,
Pela razão dos cantos, que me ouvis.

Eu canto como canta o passarinho
Pousado á tarde no rochedo alpestre,
Quando ao passar do doido torvelinho
Se lembra com saudade do seu ninho,
Onde aprendeu a descantar sem mestre;
Canto a capricho, canto sem lição,
Canto por comprazer meu coração.

Era verdade tudo isso; mâs torvelinho mais doido ainda, onde revoluteavam paixões de uma turba, que rugia conve-

niencias de ocasião, que não qualidades inatas, nem sentimentos do homem simples e boníssimo, de que ella se acercava — fizera que a voz do poeta emudecêsse.

Mal empregado descaminho de quinze annos!

Que proventos, que honrarias, que posições deu a negregada politica a Simões Dias?

A política não é a arte de bem governar, como se pensava e dizia na infancia da palavra; é o barracão de feira franca, aonde primeiro chegam os que mais atropelam, gritam e ousam.

Madrasta dos paizes gastos, onde falha patriotismo, aventureira de mediano pudôr, abraça-se aos atrevidos, que lhe arregaçam as mangas de colarêja, e só os bem conhece e distingue no turbilhão ensurdecedôr e capciôso, que a cerca, noite e dia.

Audaces... audaces...

Simões Dias não ousou, abroquelado na sua sinceridade espartana; gastou annos a palmilhar o caminho das secretarias de Estado, com os bolsos atulhados de pretensões dos beleguins eleitoraes, tarimbeiros de oficio, adstrictos ao barracão do ídolo, saltimbancos vários, que talvês hôje desconheçam o seu patrono; trabalhou afanosamente a favôr de um partido, que levou tôdo esse largo tempo a explorar-lhe a valia; e por último nem ao menos viu baixar até êlle o que tem subido ao próprio balcão das mercearias, uma simples carta de consêlho.

Razões em barda tinha pois a donairosa musa do poeta pàra se lastimar, chorosamente, do abandono, em que se via a pobre apaixonada!

*
* *

Transferido pâra Lisbôa, em 1886, Simões Dias foi collocado no liceu d'esta cidade, como professôr, por decreto de 16 de setembro, e como chefe da respectiva secretaria, por despacho de 14 de outubro do mêsmo anno.

A seguir, em 1887 e 1888, têve a direção do *Correio da Noite*, a que consagrou, como de costume, trabalho assiduo; fundou com Candido de Figueiredo, Sanches de Frias e Oliveira Simões *O Globo*, fôlha diaria, que atravessou um periodo de três annos, 1888 a 1891; e finalmente passou a redigir o *Tempo*, com Lobo d'Avila e Oliveira Martins.

Em livro, imprimiu e reeditou as suas obras didácticas, e estampou, em edições do periódico portuense, orgão do professorado, a *Educação Nacional*, de que é constante colaboradôr, *A escola primaria em Portugal* e um atado de contos, chamado *Figuras de Cêra* creações de um molde palpitante de verdade, expresso em português de mestre, e de correcta anatomia, a que não escapou a própria figura do autôr.

Curvando-se a desânimos provindos da crua experiencia; a tanta protervia do seu semelhante; a amarguras, quiçá, que ainda sangram, e até á negrura da época de tôdos nós, em que a civilisação é uma mentira, como se acaba de proclamar, não pelo direito das gentes, da liberdade, justiça e progresso, mâs pelo império da fôrça — parece-nos que o modeladôr das *Figuras de Cêra* pintou uma grande parte de si próprio, na melhor personagem do seu livro.

Cremos que não é desacêrto o afirmal-o.

Schopenhauer divide os escritôres em duas classes distinctas: os de vocação e os de profissão, notando que os últimos, pâra agradar ao público, abundam extraordinariamente e os primeiros são rarissimos.

Simões Dias, nos livros, onde a espontaneidade se manifesta, pertence aos primeiros; é um escritôr de vocação.

Ao mencionar a sua entrada no liceu de Lisbôa, onde actualmente o encontramos, é justo e preciso agora que falemos do professôr.

Exercendo o magistério, dêsde os 15 annos, pode dizêr-se, adquiriu, pela experiencia e pelo estudo, não só o melhor méthodo de ensino, mâs tambem um sabêr variado e profundo.

Quer doutrinando sôbre a maioria das disciplinas do curso dos liceus — a gramática, o latim, a literatura, a história e a filosofia, — quer examinando, em concurso pâra o magistério, ou comissionado pâra fazêr parte dos juris de exames nos diferentes liceus do reino — a sua competencia profissional ficou sempre demonstrada e o seu nome illeso de qualquer suspeita deprimente.

É esta uma asserção, que os seus próprios adversários não contestaram até ao presente.

Dos seus conhecimentos téchnicos dão testemunho os livros elementares, de que é autôr, e que têm merecido não só a aprovação oficial, mâs ainda a adopção nas aulas de instrução pública.

E, note-se bem, Simões Dias não é simplesmente um professôr do quilate, que apontamos; é um pedagogista distincto.

Conhece bem a organisação do ensino nos paizes estrangeiros; por vêzes tem sido chamado e ouvido nas reformas dos estudos, que por cá se têm feito; e, pâra lhe atestar a competencia pedagógica, ahi nos apresenta livros da mais alta importancia didáctica, como são — *A Escola primária em Portugal; A Instrucção secundária*, de que se fizeram duas edições, comprehendendo o discurso parlamentar em defêza

da lei de 14 de junho de 1880, da qual foi relatôr, e a que já nos referimos; e a *Pedagogia Oficial*, outro livro recheiado de excellente doutrina e larga e proficiente discussão sôbre o transformismo liceal de 1895, comparado com as organisações similares no estrangeiro; e por fim campo de batalha, onde se repelem, em nome da sciencia, as acusações que um professôr do Curso Superiôr de Letras ousou fazêr ás doutrinas contidas na *Historia da Litteratura Portuguêsa*, com menos sciencia e apoucada consciencia.

Em resumo. Êstes trabalhos, a par de outros, que andam dispersos em jornaes, demonstram que a pedagogia moderna tem entre nós um apóstolo fervorôso, sincero e erudito.

Quem comparar, finalmente, o que era, antes de Simões Dias, o ensino nos liceus e o que é, depois da publicação dos seus livros, reconhecerá a influencia, que êlle tem exercido nêste ramo didáctico.

*

* *

Somos chegado agora ao ponto mais escabrôso e dificil dos nossos juizos, pois não obstante tudo isso, que ahi fica dito, o talento poético de Simões Dias é o seu melhor titulo de glória, que temos por immarcescivel.

Seremos sempre, como até aqui, em pleno dominio da arte, avesso a escolas e a propagandistas sistemáticos; o que havemos manifestado, por vêzes, e ainda ultimamente no prólogo de um livro nosso [1].

1 *Horas Perdidas* — Poesias.

E repetiremos:

Num D. Juan, a espumar de embriaguêz no recanto de uma viela lamacenta, onde se estorce na agonia da morte, sôbre a fermentação pútrida do tremedal, um cão postulento envenenado pela strichnina municipal — não encontramos poesia, por mais que a procuremos e rebusquemos.

A epopea e o lirismo esquadrinhados na labutação da oficina, d'onde saem lufadas de fumo escaldadiço, nos hospitaes de infeciosidade viciosa ou na trapeira das gentes de ínfima e infame condição, não os comprehendemos, nem os aceitamos.

Juvenal, Rabelais, Boileau, Gil Vicente, Bocage, Cruz e Silva e outros, que se possam considerar precursôres innocentes do desregramento, que se transformou em seita, nos próprios descomedimentos de frase, não incitavam á perversão, nem condimentavam realismos tôrpes; ao contrário, riam ás escâncaras, ou carregavam o sobrôlho, ao desnudar com malicia descritiva certos costumes do seu tempo, simplesmente pâra os verberar e corrigir.

Descrevêl-os seriamente, como estilo e primôr de dição, com o sabôr próprio do acepipe provocadôr, que se transforma em corrosivo dos espiritos fracos ou ignaros, de que se compõe a maioria das multidões, nunca o tentaram sequer, deixando aos alcoices e á bibliografia oculta a propaganda dos vicios e cruêzas sociaes.

Os românticos... êsses ao menos, cuja escola Herculano denominou ideal, verdadeira e nacional, enflorando as suas liras de madresilva, loiro, mirto e rosas, embora a ficção os tornasse inverosimeis por vêzes, cantavam as flôres, o sol e os campos, as ações nobres e o amôr, as mulheres e a pátria, isto é, tudo que a vida tem de bello, elevado, fortificante.

A obra de arte genial deve sêr, e é sempre, o artista com a sua índole, as suas aptidões, gôstos e temperamento.

Poderemos alistar Simões Dias nas fileiras do romantismo, por índole ou contágio da época, em que primitivamente floresceu?

Embora alguns o tenham dito, nós discordaremos parcialmente, pois que na compleição dos que nascem artistas, pòdemos admitir modificações de temperamento e época, más pouquíssima ou nenhuma influencia de escolas, salvo em composições artificiosas.

O imitadôr e o copista não constituem individualidades geniaes.

Canto como á tardinha canta a briza
Ao perpassar nas cordas da harpa eólia,
Tal como a vaga sobre a areia liza,
Ou como a nota, que a gemer desliza
Por entre as verdes franças da magnólia;
Ondas e brizas, ventos, que passaes,
Levae comvosco pelo ar meus ais!

Môças, que estaes banhando de afrontadas
No Douro e no Genil o rosto lindo,
E vós, ó frescas rosas perfumadas,
Cujas corollas de oiro polvilhadas,
Nas veigas do Mondego ides abrindo,
Vinde ouvir as canções do trovador,
Vinde comigo suspirar de amor!

Diz-nos o poeta; e nisso está com o nosso modo de vêr e com a opinião, que d'êlle formamos.

O ar, que desfere sons vários nas franças do arvorêdo,

nas cordas de uma harpa ou nas de uma lira; a corrente, que murmura; a onda, que deslisa sôbre e arêia; a florita, que rebenta entre sarçaes; a rosa, que espaneja galas em jardins cuidados; o rosmaninho e a macela, que florescem á borda dos caminhos agrestes, as aves, que pipilam ou gorgêam — porque fazem tudo isso?

Porque obedecem á ordem infalivel e invariavel da grande mãe, que os creou... a naturêza.

Que escolas, que sistemas e que erudição possuia o rapazito da Bemfeita, quando, em verdes e incultos annos, cantava como as aves, engendrando versos desataviados?

Cantava... cantava, porque os seus cantares eram um dom espontâneo da naturêza, que o infantara.

Perderam-se êlles nas anfractuosidades da alpestre serrania da Bemfeita?

Não perderam; deram a origem e a revestidura essencial ás canções e trovas de maior notoriedade popular, impressas mais tarde; as quaes, na própria feição erudita, nada despíram do seu sabôr primitivo.

Participando um tanto do lirismo de Espronceda, da melancolia de Lamartine e do cançonismo de Beranger, Simões Dias tem um cunho de originalidade sua própria.

Não daria, na edade média, um cantadôr de gestas, mâs seria um sublimado trovadôr, zagal erradio nos alcantís das serranias e nas veigas floridas; bandolinista amorôso nos ajuntamentos das donzelas campesinas, em serões do lar, nos terreiros festivos ou no adro do presbitério; cantôr apaixonado das damas castelãs, enamoradas do luar resplandecente, polvilhado, alta noite, como em diadema, sôbre a gorra emplumada do trovadôr, que desfiriria, a distancia, sentado nas escarpas, enquadradas de arbustos odoríferos, o seu plectro inspirado.

Em pleno eruditismo do século XIX, descontadas as differenças evolutivas, o nosso conterrâneo é o representante legítimo da trova popular dos tempos medievaes, poeta provençal da época moderna.

Senhora dos meus cuidados,
Dos meus cuidados senhora,
Por que não dás que passados
Sejam meus males agora
De ha tanto principiados?
. . . .

Senhora, que te recostas,
No peitoril da janella,
Abaixa os olhos á rua,
E vê quem passa por ella.

Não é o sol, que passeia,
Nem a restea do luar,
São dois olhos, que navegam
No rumo do teu olhar.

Manda apagar as estrellas,
Manda recolher a lua;
Só quero por testemunhas
Os lagedos d'esta rua.
. . . .

Mal haja o amor, que dá penas,
Ardente amor, que me abrazas!
De que me servem as penas,
Se me falecem as azas?

Se em vez de penas de amor
Fossem pennas de voar,
Suspiros, que o vento leva,
Não se perderam no ar.

Ahi têm o trovadôr, na última das suposições, que acima deixámos marcadas.

Raia o luar, a castelã assoma á gelosia escusa e o poeta enamorado desfaz-se em versos de menestrel.

*
* *

Simões Dias, êlle próprio, cremos que por se vêr, algumas vêzes, desacertadamente aquilatado em críticas breves delineadas sôbre o joêlho, viu-se obrigado, na advertencia da 4.ª edição das *Peninsulares*, modestamente e como lhe cumpria, a acudir pelo seu crédito.

Ouçamol-o:

«O breve prologo da primeira edição d'este volume abria pela seguinte quadra de A. F. de Castilho:

«Ao menos a mocidade
Toda de amor se enfeitice
E deixe em terno legado
Saudades para a velhice.»

«Servia-lhe de fecho est'outra de Bocage:

«Incultas producções da mocidade
Exponho a vossos olhos, ó leitores;
Vede-as com magua, vede-as com piedade,
Que ellas buscam piedade e não louvores.»

«Hoje que sobre a primeira edição passaram mais de trinta annos, ainda essas quadras reproduzem á justa o pensamento que presidiu á publicação primitiva em 1863, á reproducção em 1867 e 1876 e á reimpressão actual d'estes versos dos dezoitos annos, ingenuos e despretenciosos como a edade que os produziu.

«Este livro representa com effeito uma phase da mocidade do autor; o seu valor, portanto, é todo pessoal. Mas sendo fóra de duvida que na direcção dos esforços individuaes se annunciam os factos de interesse geral que marcam as grandes epocas da Arte, facilmente se observará no exame das peças d'este volume a tal ou qual tendencia do espirito poetico português para despedaçar as peias do convencionalismo romantico, e retemperar-se nas aguas lustraes da inspiração popular, a unica verdadeiramente humana e sincera, como a comprehenderam entre nós Luis de Camões e fr. Agostinho da Cruz.

«Esta evolução deu-se na decada de 1860 a 1870, e foi precisamente nesses dez annos que o autor d'este livro compôs a collecção das suas obras poeticas, na maior parte versos amorosos e elegiacos, de caracter subjectivo, como aliás os faziam os menestreis do tempo e hão de fazê-los sempre os poetas meridionaes, emquanto durar o bom sol da Peninsula que tão generosamente os illumina e aquece.»

E é assim. Entretanto nêsses dizêres parece-nos descobrir uma ponta de receio de que alguem podesse increpal-o pela feição simples e musical dos seus versos, que é ahi que predomina a característica do seu mérito.

Êsse receio, se existe, não tem fundamento, embora os buzíneiros das modernas seitas, que por ahi cabriolam dizêres abstrusos, falhos de gramática, de metro, de harmonia e senso comum, não pensem em que a arte, salvas pequenas

conveniencias evolutivas de annos e ocasião, é eternamente môça e sempre a mêsma, quando lhe assistem o sabêr, a inspiração e o genio.

Já o autôr do *Hyssope*, ha tanto, dizia, no canto v, que, se os varões antigos resuscitassem:

«Os novos idiotismos escutando,
A mesclada dicção, bastardos têrmos,
Com que enfeitar intentam seus escritos
Êstes novos, ridículos autôres
(Como se a bella e fertil lingua nossa,
Primogénita filha da latina,
Precisasse de estranhos atavios!)
Súbito certamente pensariam
Que nos sertões estavam de Caconda,
Quilimane, Sofala, ou Moçambique;
Até que, já por fim desenganados
Que era em Portugal que os portuguêses
Eram tambem os que costumes, lingua
Por tão estranhos modos afrontavam,
Segunda vêz de pejo morreriam.»

Bem fêz por tudo isso, agora, Simões Dias em levar a efeito uma edição revista e arrumada por êlle, definitiva, pâra que fanatismos de admiradôres ou futuros empresários de minúcias abandonadas não venham dar nova disposição á sua obra, nem acrescentar-lhe, como se tem feito, em edições gananciosas, titulos, dizêres e composições completamente condemnados pelo autôr.

Sabemos bem que fóra d'êste livro, ao presente, não resta coisa nenhuma desperdiçada.

É celeiro, de que não ha grãos perdidos, sem que o cultôr os conhêça.

De quatro volumes, que constituiam as *Peninsulares*, com diversos titulos, resultou êste de económica grossura, onde se não alteraram elementos primitivos, em que sería imprudente tocar, mâs onde se praticaram alterações, aqui e acolá, como era de esperar, e se estabeleceu por fim uma ordem completa, reformando antigas denominações, consoante a índole dos escritos.

Essa nova disposição abrange quatro partes, que se chamam — *Elegias*, *Canções*, *Odes* e *Poemas*, composições mais ou menos refundidas.

Na *Hostia de oiro*, por exemplo, que denuncia um certo predicado irónico, as passagens vestem agora trajos do ultimo figurino, onde entram frisantes alegorias politicas.

Nas *Odes* figuram páginas de interesse objectivo, onde se comprehendem vôos d'alma de um verdadeiro crente e sentimentos de melancolia lamartiniana, que ascendem até á poesia filosófica, a cuja classe pertence o sonêto *A Jesus*, que serve de portada a essa secção interessantíssima, e que não podemos deixar de trasladar pâra aqui:

Chamaram-te a esperança do futuro,
E Tu, meu bom Jesus immaculado,
Sentias-te feliz, embriagado,
Nessa doce illusão d'um sonho puro.

Atravessaste a vida, humilde, obscuro,
A fantaziar o advento d'um reinado,
Que nunca ninguem viu realizado,
Traço ideal de luz n'um fundo escuro.

Foste no mundo a candida innocencia,
O símbolo do amor e da piedade,
Da perfeição, emfim, a ultima essencia.

Mas para que serviu tanta bondade
E tanto padecer, se a Consciencia,
Qual d'antes era, é cheia de impiedade?

Como prometemos, a clara rudêza do nosso carácter tem-nos feito desviar, por vêzes, do cerrado panegírico, impróprio de nós e do nosso propósito. E assim notaremos que, sendo fiel devoto da purêza de fórma, embora material e não essencial, quizéramos encontrar na metrificação de tôda a obra mais propositado intercalamento do verso agudo com o grave e menos frequencia, na rima, da toante pela consoante.

Èste senão, tôdo superficial, não merece valiôso reparo, se atendermos ao carácter popular, que não cura de formas, e ao jôrro do sentimento inato, que não admite pêias.

Se considerarmos as *elegias* e as sátiras em separado, poderemos até encontrar nellas o tom melancólico e ao mêsmo tempo zombeteiro de Camões; quanto ás primeiras, em composições como as que adiante citamos em extracto; e, quanto ás segundas, nos poemetos *Milagre de Lourdes*, *A Espada do Guerreiro* e até em muitas passagens da *Hostia de Oiro*.

Nas elegias, como expressões de íntima mágua, vê-se claramente realizado o consêlho dado por Gœthe ao que lhe pedia um assumpto pâra versos.

— «Faze um poema da tua dôr» — respondia o poeta do *Fausto*.

E Simões Dias foi, amiudadamente, o pelicano da sua alma, de cujo sangue se formaram as suas melhores elegias.

Nas *Elegias* e nas *Canções* é que resalta muito nitida a feição peculiar do poeta, a que serviu de instrumento a inspiração nativa, entrelaçada com a verdade e o amôr.

Embora, pela cultura do verso popular, queiram colocar Simões Dias a par de autôres selectos e venerados, a quem se atribuem predicados eguaes, nós continuaremos sempre a consideral-o, pela documentação plena dos seus versos, como individualidade distincta e inconfundivel.

E, note-se, que nós encontramos nos seus versos pelo menos duas feições salientes, que, obedecendo á mesma espontaneidade de colorido, são, pelo thema e pela dição, um deliciôso e grande contraste, que só os artistas de raça, isto é, os que a arte bafejou no bêrço, chegam a realizar superiôrmente.

É isto que repelle uma alliança estranha; é nisto que está, a nosso vêr, a inconfundibilidade do carácter poético do buriladôr das *Peninsulares*.

Os tons vários, que o verso popular, a redondilha menor, lhe faz extraír do plectro, elevando-se ou baixando-se á gama, que muito bem lhe apraz, são estremados.

Nêlles descobrimos a prova de uma opinião, que de ha muito professamos; e vem a ser que, sejam quaes fôrem as afinidades e parentêscos das outras linguas, em nenhuma realça e brilha o sete-silabo como na portuguêsa, onde êsse verso popular e lendário geme, troveja, suspira, zomba, grita, sorri e canta, sejam quaes fôrem tambem os contrastes do assumpto.

Vejamos, ligeiramente, por que nos vae faltando o espaço, diversos diapasões em cantares do mêsmo verso.

Sorrimos com a ligeira toada das trovas do *Teu lenço*.

O lenço, que tu me deste,
Trago-o sempre no meu seio,
Com medo que desconfiem
D'onde este lenço me veio.
....

Alvo, côr da açucena,
Tem um ramo em cada canto;
Os ramos dizem saudade,
Por isso lhe quero tanto.
....

A scismar neste bordado
Não sei até no que penso;
Os olhos trago-os já gastos
De tanto olhar para o lenço.

O mesmo tom nos enfeitiça na *Tua roca:*

Meu amor, quando acabares
De espiar a tua estriga
Se ouvires por alta noite
Soluçar uma cantiga,

Sou eu que estou a lembrar-me
Da tua divína bôca,
E penso que em mim são dados
Os beijos, que dás na roca.

e na *Andaluza:*

Eil-a que passa! a mantilha
Desde a cabeça á cintura
Dá-lhe o aspecto de uma santa
Em primorosa moldura.
....

E a rosa rubra suspensa
Do penteado singelo,
Como estrella incendiada,
Presa alí por um cabello?!
....

Ella vae só, mas parece
Que um regimento a acompanha!
Passa a flor da Andalusia!
Passa a formosa de Hespanha!

Gememos doridamente nas estrofes do *Moço e Velho*, escritas com sangue do coração:

Nas tristes faces cavadas
As rugas lavraram fundo;
Olha que tenho soffrido
Como ninguem neste mundo!
....

Eu ando como um somnambulo
Pelas estradas a medo,
Sempre a pensar no motivo
Porque envelheci tão cedo.

na *Volta do Peregrino:*

Ai! quem me dera agora
A candida innocencia
Dos tempos, que sorriram
Á minha alegre infancia!

e finalmente na *Melancolia:*

Luz do amor, astro jocundo,
Gasto a vida na ansiedade,
Perguntando a Deus e ao mundo
Se és um sonho ou realidade.

Sorrimos ainda no *Teu manjerico*, no *Teu canario*, na *Tua liga* e noutras composições de igual feição, tanto de encantar:

Quando te vejo entretida
Tosquiando o manjerico,
Horas e horas me fico,
Alma em êxtasis perdida.
....

De que te serve um canario
Sempre a gemer na prisão?
Prisioneiro voluntario. . .
Só meu pobre coração.

Encanta-nos a musa travessa nos rendilhados versos *A uma vizinha:*

Mal sabes, minha vizinha,
Vizinha dos meus peccados,
Que lances amargurados
Por tua causa penei,
Quando te vi á varanda,
Que fica d'aquella banda
D'onde nascia o luar,
Á meia noite, falar
Com um vulto, que ali anda
Constantemente a rondar!

Sentem-se os olhos húmidos de lágrimas no *Adeus* e nas *Brizas do norte:*

Brizas do norte, felizes
Mais do que eu sois vós agora;
Vós cantaes ledas no espaço,
Emquanto minha alma chora.

O poeta folga ainda, e tece madrigaes de uma frescura especial e de outro dizêr tão diverso no *Drama novo*, poemeto, que só por si podia dar nomeada a qualquer poeta novíssimo dos poucos, já se entende, que escrevem em português e pâra portuguêses; e mostra ainda outra faculdade creadôra, ao tracejar da redondilha indicada, no *Ramo de flores*, tôdo repassado de saudades olorosas:

«Aceito-o, senhora minha,
Como aceita o moribundo
A santa cruz sobre o peito,
Ao despedir-se do mundo.

«Aceito-o, como se deve
De aceitar na cova escura
Os goivos, que mão piedosa
Nos vae pôr na sepultura.

Na *Silva de Cantigas*, finalmente, é onde o verso popular de Simões Dias fulgura tão rico de naturalidade, conceito e graça, que não ha encontrar-lhe rival.

Apreciemos a amostra :

Meu amor, se andas perdido,
Sem saber quem te perdeu,
Nos meus olhos tens a escada
Por onde se sobe ao céu.

—

Se eu soubesse que te rias
Quando eu suspiro e dou ais,
Tirava os olhos da cara,
Para nunca te ver mais.

—

Quando foi á despedida,
Quando te apertava a mão,
Dobrou o sino a finados:
Morria o meu coração.

—

Teus olhos são mais escuros
Do que a noite mais fechada,
E, apesar de tanto escuro,
Sem elles não vejo nada.

*

Desentranhem-nos da alma popular versos mais finos e conceituosos do que êsses, que nós quebraremos a penna, com que traçâmos estas linhas, vanglória á parte.

E por aqui nos cerramos, que mais espaço nos não sobra.

Folheiem-se, com alma de sentir, essas liricas suavissimas, ora impregnadas de uma melancolia e tristêza ternissimas, ora engrinaldadas de bucolismos e arcarias, entretecidas da madresilva dos ribeiros e das flôres alvíssimas dos estevaes beirões; saboreie-se a letra da *Senhora de pedra*, da *Hera e o olmeiro*, da *Barca da vida*, do *Pensamento*, da *Xacara de D. João*, da *Branca flôr do meio dia*, do *Sabbado;* leia-se a *Musa dolorosa*, com que abre este livro, e os solemnissimos versos da ode *Aos párias;* pese-se, oiro e fio, tôda a valia das rimas christianissimas, difundidas largamente em algumas odes e poemas, e ver-se-ão, com perfeita nitidêz, as duas feições [illegible] edivel : trovadôr [illegible] no primeiro [illegible] e pensa- [illegible] gando.

*

*   *

Se nos arreceássemos de errar na exposição dos nossos juizos, podiamos recorrêr a estranho auxilio, por exemplo, á série de opiniões criticas, que o editôr de um dos livros de Simões Dias, *As mães*, 1877, deu em apêndice, firmadas por avultado numero de escritôres ácerca das *Peninsulares;* e diriamos que, ainda ha pouco, na quarta divulgação de uma parte d'ellas, o então chamado *Mundo Interiôr*, a imprensa letrada se desatou em louvôres.

— São versos, que se lêem sempre com prazêr, porque

pertencem á classe dos que não envelhecem, — dizia Barros Gomes.

— Tu serás um dos poucos, que ficam — escrevia João Penha.

— As suas poesias têm o condão de revivêr em todas as primaveras — afirmava Ramalho Ortigão.

— Simões Dias é um dos maiores poetas de toda a litteratura portuguêsa. Dante assignaria os seus tercetos, — exclamava Trindade Coelho.

— Graças a Deus que ainda ha nesta terra alma, talento e português! — acrescentava Bulhão Pato.

Mâs... pâra que citar apreciações?

De facto, essa poesia terna, amorosa e tão acentuadamente nacional e humana não passará de moda; não envelhecerá nunca, porque tem o sello da bellêza eterna. Entretanto, acima de tôdos os juizos, nossos e alheios, está o juizo do pôvo, que, em rapsódias de larga vulgarisação, espalha pelos cegos ambulantes e pela gente dos campos os versos do menestrel, de quem não sabe o nome.

O melhor crítico, pois, o mais entendido no assumpto é o pôvo, que confunde, com os seus, os cantares eruditos de Simões Dias, os espalha de terra em terra e os vae introduzindo nos seus cancioneiros, como se foram obra sua!

Succede tudo isso nas duas Beiras e noutras provincias; no Algarve, por exemplo, o erudito e fallecido Estacio da Veiga encontrou quadras das *Peninsulares*, as do *Teu lenço*, por exemplo, como se fossem de creação vulgar.

Ainda recentemente o *Cancioneiro de musicas populares*, inseriu, a pag. 276 do 3.º volume e sob n.º 318 das canções, o *Moribundo*, uma das estrêas do nosso poeta, seguida d'esta nota:

«Esta canção foi recolhida em Unhaes da Serra, onde,

em 1870, e na Bemfeita (patria do autôr, como sabemos) era cantada pelos cegos, de quem a aprendeu o pôvo d'aquelle e de outros logares.»

Esta assimilação é a iniludivel consagração do alto senso esthético, que repassa tôda a obra de Simões Dias; o que lhe dá um valor inestimavel.

Quando um poeta, como êlle, chega a traduzir em fórmulas espontâneas, quasi inconscientes, profundamente populares, o espirito tradicional da sua raça, corporisando em versos a alma anónima da multidão, êsse poeta, que, com tanta justêza, sabe interpretar o sentimento collectivo, conquistou um lugar indisputavel na história literária do seu paiz, a que pertence mais que a si próprio.

As escolas, que se atropelam e passam, nada têm nem terão que vêr com quem está no seu pôsto consagrado, assistindo ao desfilar dos que chegam.

Lisboa, fevereiro de 1899.

SANCHES DE FRIAS.

PENINSULARES

Obras completas de J. SIMÕES DIAS

Peninsulares, collecção de obras poeticas — *elegias, canções, odes* e *poemas* — 5.ª edição 1
Compendio de historia patria, para as escolas primarias, edição esgotada 1
Theoria da composição litteraria, approvada pelo governo para uso da instrucção secundaria, 8.ª ed. 1
Historia da litteratura portuguêsa, approvada pelo governo para uso da instrucção secundaria, 9.ª ed. 1
Noções da litteratura, approvada pelo governo para uso das escolas normaes 1
A Hespanha moderna, exame do movimento litterario e artistico do povo hespanhol na actualidade 1
A escola primaria em Portugal 1
A instrucção secundaria em Portugal, 2.ª ed. . . 1
A pedagogia official, 2.ª ed. 1
Curso de philosophia elementar, de Balmes (trad.). 1
Historia da philosophia, de Balmes (trad.) . . . 1
A flor do pantano, de Carlos Rubio (trad.). . . 1
Contos e novellas, collecção completa de contos, narrativas e romances, 3.ª edição no prelo. . . 1
Os escriptores contemporaneos, em preparação. . 1
Os grandes educadores, em preparação 1